



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

Mestrado EPE e Ensino do 1.º CEB

Estudo do Meio fora da sala de aula: uma proposta didática
com alunos do 1.º e do 2.º anos de escolaridade

Jéssica Flávia Rocha Araújo



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Jéssica Flávia Rocha Araújo

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA**
Mestrado EPE e Ensino do 1.º CEB

Estudo do Meio fora da sala de aula: uma proposta didática
com alunos do 1.º e do 2.º anos de escolaridade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutora Joana Maria Guimarães de Oliveira

Novembro de 2018

“Quem ensina, aprende ao ensinar. E quem aprende, ensina ao aprender”

Paulo Freire

AGRADECIMENTOS

Este relatório é o término de uma grande fase da minha vida, que sozinha teria sido impossível concretizar. É hora de agradecer a todos os que de forma direta ou indireta marcaram esta fase tão importante. Obrigada pelo apoio e carinho que tiveram para comigo. Peço desculpa por todas as vezes em que estive ausente, e agradeço-vos toda a compreensão que tiveram.

Em primeiro lugar, tenho de agradecer à pessoa que me pôs neste mundo, à força da natureza que é, à minha melhor amiga, à Mulher da minha vida. Mamy, obrigada! Primeiro por teres insistido em que seguisse o meu sonho, e depois por nunca me teres deixado desistir, apesar de tantas vezes o querer fazer. Obrigada por todo o apoio, ajuda, por todas as palavras na hora certa, os abraços reconfortantes e beijos na testa. Mamy, é graças a ti, principalmente a ti, que cheguei aqui. Obrigada por nunca me teres 'cortado as asas'!

À minha irmã, que tantas vezes me ajudou a construir materiais para os estágios e que, apesar do seu mau-feitio, estava sempre lá para me apoiar e a dizer para não desistir. Obrigada por todo o tempo que dedicaste para me ajudar. Sei que muitas vezes fui chata e demasiado exigente, mas tu nunca me abandonaste. Mi, obrigada por teres sido a irmã perfeita, a irmã que eu precisava para realizar este sonho.

Aos meus padrinhos. Sei que a vida nem sempre é justa, e apesar de convosco ter sido muito cruel, vocês não deixaram de me apoiar e incentivar. Sei que não foi fácil ver-me neste percurso, mas tenho de vos agradecer por insistirdes tanto a que me candidatasse ao ensino superior.

Ao meu pai, que apesar de a vida nos ter separado um pouco e levado por caminhos diferentes, sempre estiveste lá, mesmo que por vezes distante, para me apoiar.

Meu Rui, homem de apoio nesta aventura. Sei que muito tempo nos foi roubado para que eu pudesse dedicar-me aos estudos, ao ensino superior. Apesar disso, sempre me apoiaste e aceitaste as prioridades em cada momento desta fase. Não me deixaste baixar os braços, não me deixaste desistir. Disseste que era forte e que ia ultrapassar e vencer. Obrigada!

Aos meus avós, que apesar de não estarem comigo tantas vezes como gostaria, sempre me apoiaram com aquele carinho especial que só eles sabem dar. Deus deveria tornar-vos eternos. Aos meus tios. Marco, um dos homens da minha vida, com poucas palavras sempre me apoiaste e ensinaste muito do que sei hoje. És a melhor pessoa deste mundo e a ti me confiaria de olhos fechados. Andreia, minha tia do coração, obrigada por seres da família.

Edna, apareceste na minha vida e percebi que não existe pessoa mais parecida comigo do que tu. Mais do que uma colega de trabalho, a amiga que me compreende só com o olhar e que me apoia incondicionalmente. Pelas vezes em que estava desmoralizada e tu me levantaste a cabeça, obrigada. Adriana, minha amiga de infância. Podemos estar um ano sem falar que nada muda. Obrigada por me acompanhares neste percurso e apoiares em todas as decisões que tomo.

Às minhas amigas, porque mais do que colegas de turma tornaram-se amigas da universidade. Sei que não foi fácil aturar-me, às minhas piadas e todas as vezes que vos fazia rir nas aulas, quando não podíeis. Andreia, Cátia, Rita e Ju. À Mariana, minha companheira de estágio, passámos por muito juntas e partilhámos grandes aventuras.

Às minhas colegas de trabalho. Cresci muito convosco. Obrigada pelo apoio e por toda a ajuda para poder conciliar as aulas com o trabalho. Luís, obrigada por mais do que um chefe, teres sido um amigo. Carina, obrigada.

A todos os professores que passaram pelo meu percurso académico, obrigada por me ensinarem tudo o que sei hoje. São vocês que nos preparam para o futuro profissional, são vocês que observam o nosso crescimento. A todos quero agradecer, com a certeza que no futuro nos iremos cruzar e eu vos possa mostrar naquilo que me tornei, muito graças a vocês. Professora Joana Oliveira, obrigada por me acompanhar neste percurso! A todos os professores e educadores com quem tive o privilégio de trabalhar durante estes anos. Obrigada Educadora Raquel por ter passado na minha vida e me ter ensinado tanto acerca das crianças. Mais do que seguir planificações, livros, o importante é ensinar às crianças o poder do amor, do carinho, do aconchego. A todos os meninos e meninas com quem tive privilégio de trabalhar. Vocês aprenderam muito comigo, mas, no final, eu também aprendi convosco, muito. Vocês ensinaram-me a ser melhor pessoa e futura profissional.

Obrigada a todos!

RESUMO

Este relatório foi realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este projeto de investigação centrou-se na área do Estudo do Meio, tendo-se realizado numa escola do distrito de Viana do Castelo, numa turma de 23 alunos do 1.º e 2.º anos de escolaridade. Depois de compreender que o ambiente envolvente à escola em questão era rico em biodiversidade e livre para poder ser explorado, considerou-se importante dá-lo a conhecer aos alunos, de modo a alterar um pouco a rotina diária da sala de aula. Assim sendo, criou-se uma proposta didática que envolveu 3 saídas de campo com tarefas *outdoor*, lúdicas, criativas e atrativas. Foram definidas duas questões de investigação: 1) Como é que a proposta didática influencia a aprendizagem dos alunos?; 2) Que atitudes manifestam os alunos quando realizam tarefas *outdoor*?

Neste estudo adotou-se um paradigma interpretativo, seguindo uma metodologia de cariz qualitativa. A linha orientadora foi o estudo de caso, sendo o caso a proposta didática elaborada para as saídas de campo. Como métodos e instrumentos de recolha de dados selecionaram-se a observação participante e não-participante, questionários, análise de documentos, áudio e vídeo gravação, fotografias e *focus groups*.

Os resultados obtidos foram muito positivos, verificando-se que os alunos adquiriram as aprendizagens propostas. Os objetivos foram todos cumpridos, tendo as atividades sido realizadas com sucesso, compreendendo-se, através da análise dos dados, que os alunos aumentaram o seu conhecimento acerca da biodiversidade de seres vivos e de ecossistemas, eliminando algumas conceções alternativas que tinham no início da intervenção pedagógica. Por outro lado, os alunos mostraram melhorias ao nível do trabalho colaborativo, entajada, concentração, persistência, comunicação, entre outros.

Palavras-chave: Biodiversidade; Estudo do Meio; Meio Ambiente; *Outdoor Learning*; Saídas de Campo.

ABSTRACT

This report was carried out within the scope of the Supervised Teaching Practice of the master's degree in Pre-School and Primary Teaching Education.

This research project focused on the study of the environment and was carried out in a school in the district of Viana do Castelo, with 23 students from the 1st and 2nd grade. As the outdoor environment and surroundings of the school was rich in biodiversity and free to be exploited, it was considered important to let the students learn outside and change the daily routine of the classroom. Thus, a didactic proposal was created that involves three field trips with playful, creative and attractive activities. Two research questions were defined: 1) How does the didactic proposal influence student learning?; 2) What attitudes do students manifest when they perform outdoor tasks?

In this study, an interpretative paradigm was adopted, following a qualitative methodology with case study, being the case the didactic proposal developed. The strengths and limitations of the didactic proposal were studied using different data collection methods and instruments including participant and non-participant observation, surveys, document analysis, audio and video recording, photographs and focus group.

The results revealed that the students acquired the proposed learning. The objectives were all fulfilled, and the activities were carried out successfully. It was understood, through data collection, that the students improved their knowledge about biodiversity and ecosystems, eliminating some previous misconceptions that had before the pedagogical intervention. On the other hand, the students also showed improvements in collaborative work, concentration, persistence, communication, among others.

Keywords: Biodiversity; environmental studies; environment; outdoor learning; field trips.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	i
RESUMO.....	iii
ABSTRACT	iv
ÍNDICE DE FIGURAS.....	viii
ÍNDICE DE TABELAS.....	x
ÍNDICE DE GRÁFICOS	xi
ÍNDICE DE ABREVIATURAS.....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	2
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO DO PRÉ-ESCOLAR.....	3
O Meio Local	3
O Agrupamento/Jardim de Infância	4
Sala de Atividades/Rotinas	5
Grupo de Crianças.....	7
PERCURSO DA INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO PRÉ-ESCOLAR	7
Projeto de Empreendedorismo	8
CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO	13
O Meio Local	13
O Agrupamento/A Escola.....	13
Sala de Aula e Rotinas (Horário)	14
Caraterização da Turma.....	17
CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO.....	19
INTRODUÇÃO.....	20
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
O Estudo do Meio	22
A Biodiversidade	23
<i>Outdoor Learning</i>	25
METODOLOGIA.....	31
Opções Metodológicas	32
Participantes do Estudo	33

Métodos e Instrumentos de Recolha de Dados	34
Observação.....	34
Áudio-gravação e Fotografias	35
Questionários	35
<i>Focus Groups</i>	36
Análise Documental	37
Intervenção Educativa	37
Aula de Campo nº1 – Os Ecossistemas	39
Aula de Campo nº2 – As Plantas	40
Aula de Campo nº3 – Os Animais.....	40
Procedimentos de análise de dados	42
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS	43
Análise dos Questionários Iniciais.....	45
Parte 1	45
Parte 2	48
Aula de Campo nº1 – Os Ecossistemas	51
Aula de Campo nº2 – As Plantas	55
Aula de Campo nº3 – Os Animais.....	60
Análise dos Questionário Finais	64
Parte 1	64
Parte 2	68
<i>Focus Groups</i>	70
CONCLUSÃO.....	75
CAPÍTULO III – REFLEXÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA	79
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	83
ANEXOS.....	88
Anexo 1 – Planificação Modelo: Pré-Escolar	89
Anexo 2 – Planificação Modelo: 1.º CEB.....	100
Anexo 3 – Autorizações dos EE	110
Anexo 4 – Questionário Inicial	111
Anexo 5 – Questionário Final.....	115
Anexo 6 – Focus Groups	119

Anexo 7 – “Kit de Explorador” e Folheto Informativo (Saídas de Campo)	120
Anexo 8 – Guião saída de campo n.º1: Os Ecossistemas	121
Anexo 9 – Guião saída de campo n.º2: As Plantas	124
Anexo 10 – Guião saída de campo n.º3: Os Animais	127

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Chuva de ideias, com respostas dadas pelas crianças quando questionadas sobre quais os seus sonhos	9
Figura 2: Desenvolvimento da ideia escolhida para o projeto, com elaboração de cartaz com as etapas do mesmo	10
Figura 3: Reunião com o primeiro colaborador, o senhor presidente da Junta de Freguesia	10
Figura 4: Reunião com o segundo colaborador, o senhor presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo	11
Figura 5: Guião saída de campo nº1 – Desafio nº1 e mapa	50
Figura 6: Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº2	51
Figura 7: Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº3	51
Figura 8: Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº4	52
Figura 9: Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº5	52
Figura 10: Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº7	53
Figura 11: Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº8	54
Figura 12: Tabela de satisfação	54
Figura 13: Guião saída de campo nº2 – Desafio nº1 e mapa	55
Figura 14: Saída de campo nº2 – Fotografia do desafio nº2	55

Figura 15: Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº3	
	56
Figura 16: Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº4	
	56
Figura 17: Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº5	
	57
Figura 18: Saída de campo nº2 – Fotografias de um grupo a realizar o desafio nº6	
	57
Figura 19: Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº7	
	58
Figura 20: Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº8	
	58
Figura 21: Guião saída de campo nº3 – Desafio nº1 e mapa	
	59
Figura 22: Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº2	
	60
Figura 23: Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº4	
	61
Figura 24: Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº5	
	62
Figura 25: Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº6	
	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Horário da turma do 1.º e do 2.º ano	16
Tabela 2: Descrição da investigação: procedimentos, métodos e instrumentos de recolha de dados, de acordo com cada fase da investigação	36
Tabela 3: Respostas dos alunos à questão 6 do Questionário Inicial – Parte 1	47
Tabela 4: Respostas dos alunos à questão 1 do Questionário Inicial – Parte 2	48
Tabela 5: Respostas dos alunos à questão 2 do Questionário Inicial – Parte 2	49
Tabela 6: Respostas dos alunos à questão 6 do Questionário Final – Parte 1	67
Tabela 7: Respostas dos alunos à questão 1 do Questionário Final – Parte 2	68

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Respostas dos alunos à questão 1 do Questionário Inicial – Parte 1	44
Gráfico 2: Respostas dos alunos à questão 3 do Questionário Inicial – Parte 1	45
Gráfico 3: Respostas dos alunos à questão 4 do Questionário Inicial – Parte 1	45
Gráfico 4: Respostas dos alunos à questão 5 do Questionário Inicial – Parte 1	46
Gráfico 5: Resposta dos alunos à questão 1 do Questionário Final – Parte 1	64
Gráfico 6: Resposta dos alunos à questão 2 do Questionário Final – Parte 1	64
Gráfico 7: Respostas dos alunos à questão 3 do Questionário Final – Parte 1	65
Gráfico 8: Respostas dos alunos à questão 4 do Questionário Final – Parte 1	65
Gráfico 9: Respostas dos alunos à questão 5 do Questionário Final – Parte 1	66

ÍNDICE DE ABREVIATURAS

1.º CEB – 1.º Ciclo de Ensino Básico

AAAF – Atividades de Animação e de Apoio à Família

AEC – Atividades de Enriquecimento Curricular

APA – Agência Portuguesa do Ambiente

CMIA – Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Viana do Castelo

EE – Educadora Estagiária

INE – Instituto Nacional de Estatística

JI – Jardim de Infância

ME – Ministério da Educação

NEE – Necessidades Educativas Especiais

OCP – Organização Curricular e Programas

ONU – Organização das Nações Unidas

PE – Professora Estagiária

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PEFC – Promovendo a Gestão Florestal Sustentável

QF – Questionário Final

QI – Questionário Inicial

TPC – Trabalhos para casa

INTRODUÇÃO

O presente relatório é o resultado da intervenção em contexto educativo de Jardim de Infância (JI) e do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.ºCEB), no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Aqui está refletido todo o trabalho teórico e prático elaborado ao longo do contexto de estágio, centrado na área do Estudo do Meio.

A divisão do relatório é feita, essencialmente, em três capítulos alusivos às práticas realizadas, ao projeto de investigação e, por fim, à reflexão final da PES.

No 1.º capítulo é apresentada a descrição dos dois contextos de estágio – Pré-Escolar e 1.º CEB –, descrevendo o meio local, caracterizando o agrupamento, o JI e a escola, o grupo de crianças/alunos e as salas de aula e as rotinas. O percurso educativo é também aqui apresentado, fazendo a descrição do projeto de empreendedorismo, bem como analisando as áreas de conteúdo exploradas nos contextos.

No 2.º capítulo é descrito todo o trabalho investigativo desenvolvido. Este está dividido em vários subcapítulos: introdução, fundamentação teórica, metodologia, apresentação e discussão dos dados e conclusão.

Na fundamentação teórica, o 1.º subcapítulo, é apresentada a investigação acerca da área de Estudo do Meio, da biodiversidade e do *outdoor learning*. Na Metodologia descrevem-se as opções metodológicas, identificam-se os participantes do estudo e apresentam-se os métodos e instrumentos da recolha de dados (observação, áudio-gravação e fotografias, questionários, *focus groups* e análise documental) e descreve-se, de forma breve, a intervenção educativa, nomeadamente das aulas de campo realizadas. No 3.º subcapítulo é feita a apresentação e análise dos dados recolhidos. Por fim, o último subcapítulo é relativo às conclusões do estudo.

O 3.º capítulo diz respeito à reflexão de toda a experiência na PES.

CAPÍTULO I – ENQUADRAMENTO DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO DO PRÉ-ESCOLAR

Neste capítulo estão apresentados alguns aspetos relativos à caracterização do contexto educativo ao nível do meio local, da escola e do agrupamento, da sala de atividades e das rotinas e do grupo de crianças. Neste primeiro tópico, estão tratadas as questões geográficas, sociais e culturais. Quanto à escola, está descrita uma caracterização do espaço físico e a sua organização, bem como os recursos que possui, como materiais disponíveis para as crianças. É também feita uma caracterização da sala de aula e das rotinas diárias das crianças e, por fim, está apresentado o grupo de crianças em que o contexto de estágio foi inserido, exibindo as suas características pedagógicas e as atividades de rotina a que estão sujeitas.

O Meio Local

A escola desempenha uma função social de importância indiscutível e como organização que opta pelas parcerias é (...) aberta ao contexto local, acolhedora e respeitadora da ação consequente (...). Esta está ao serviço dos cidadãos e recebe-os tais como são, na sua diversidade, critica os seus saberes, enriquece-se com outros saberes locais, presta contas do trabalho desenvolvido, dialoga sobre os projetos futuros e preocupa-se com a inserção social dos jovens que dela vão saindo. (Almeida, 2011)

No contexto da citação de Almeida, é de realçar a importância que o meio local tem sobre a ação de ensinar, pois remete ao professor/educador o desafio de uma exploração e procura constante de um variado leque de formas e metodologias para facilitar à criança o ato de aprender. “Aprender a ser professor é uma viagem longa e complexa, repleta de desafios e emoções” (Arends, 2008) e cada criança é diferente, tendo diferentes modos de reter o conhecimento e compreender o conteúdo.

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) realizou-se num Jardim de Infância situado numa freguesia do distrito de Viana do Castelo. Viana do Castelo, cuja sede de distrito tem o mesmo nome, está situada na região Norte, sub-região Minho-Lima, com cerca de 91 000 habitantes (Instituto Nacional de Estatística, 2011), distribuídos por um total de 27 freguesias. O distrito é banhado por uma orla costeira de cerca de 24 kms.

O Agrupamento/Jardim de Infância

O JI onde foi realizada a PES no 1.º semestre está inserido num Agrupamento de Escolas formado em 1986. Desde 2014, este agrupamento é constituído por um total de oito escolas: sete JI e Escolas Básicas do 1.º Ciclo do Ensino Básico e uma Escola Básica do 2.º e 3.º Ciclo e Ensino Secundário.

O edifício onde se realizou o estágio acolhe o JI e o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), estando ao abrigo do Plano dos Centenários, um projeto de construção de escolas em larga escala, conduzido pelo Estado Novo em Portugal, entre 1941 e 1974. No 1.º piso, a escola é composta por duas salas de aula do 1.º CEB, onde atualmente decorre o ensino, numa das salas, do 1.º e 2.º anos e, noutra sala, do 3.º e 4.º anos, num total de cerca de 40 alunos. Neste piso existe também uma pequena sala de reuniões/sala de professores, onde têm acesso a computador e impressora.

No piso de rés-do-chão é onde se encontra a sala do Pré-Escolar, o chamado pátio verde, onde as crianças lancham de manhã e à tarde, onde podem ver televisão e onde se encontram as casas de banho. A biblioteca também se encontra no rés-do-chão, tendo as crianças acesso a computadores, materiais de desenho e instrumentos musicais. Com acesso no exterior encontram-se outras casas de banho, bem como um pequeno anexo com materiais de Educação Física. A cantina é num edifício à parte da escola, que apenas tem acesso pelo exterior e passando por um caminho público.

“O espaço exterior possibilita a vivência de situações educativas intencionalmente planeadas e a realização de atividades informais” (Ministério da Educação, 1997, p. 39).

Em dias de bom tempo, as crianças têm acesso a uma vasta zona de brincadeira limitada por redes, desde um campo de alcatrão, até a zonas de terra e algumas árvores. Do lado esquerdo da escola encontra-se uma pequena horta, juntamente com um compostor, que todos os anos no mês de maio se insere no projeto “Horta com os Avós”, em que os avós das crianças vão à escola e fazem a plantação da horta juntos, promovendo os laços afetivos, ao mesmo tempo que se trabalha a produção e consumo de alimentos biológicos. Por outro lado, nos dias de mau tempo, as crianças apenas podem brincar/passar o tempo na biblioteca.

No geral, nota-se na escola uma carência a nível dos espaços físicos, apesar de oferecer imensos materiais didáticos às crianças. Esta carência é ainda mais acentuada na necessidade de acolher crianças portadoras de deficiências, especialmente motoras, uma vez que o acesso ao 1.º piso apenas pode ser feito por escadas, não havendo elevador que possibilite a passagem de cadeiras de rodas.

O horário de estágio realizou-se de 2.ª a 4.ª feira, das 9h da manhã às 15h30, com pausa para almoço das 12h30 às 13h30. Houve também oportunidade de estágio durante uma semana completa, de 2.ª a 6.ª feira no mesmo horário.

Sala de Atividades/Rotinas

A sala onde o estágio decorreu, responde precisamente ao que é importante, segundo Niza (1996, p. 149) “o ambiente geral da sala deve resultar agradável e altamente estimulante, utilizando as paredes como expositores permanentes das produções das crianças”. A sala estava bem equipada, estando dividida por Áreas: a Área da Modelagem, da Colagem, da Pintura, da Biblioteca, da Casinha, do Desenho, do Computador, das Ciências, do Relaxamento, dos Jogos de Chão e dos Jogos de Mesa.

É possível encontrar um armário onde estão encerrados os materiais mais perigosos, como as tesouras e as colas, e documentação relativa às crianças. Possui também prateleiras com várias latas com lápis de cor, lápis de cera e marcadores, bem como folhas brancas e desenhos para colorir, associados à Área do Desenho e da Colagem. Ao lado direito encontra-se uma pequena estante com material ligado à Área das Ciências, como copos de medida, conta-gotas, lupas para observar algo que encontrem no meio envolvente e kits com amostras de vários resíduos ambientais. Ao lado desta Área está o Computador, em que as crianças podem envolver-se em jogos educativos na Internet. Num dos cantos da sala encontra-se um puff onde uma criança pode fazer o Relaxamento, mesmo junto à Biblioteca, junto a uma estante com um leque variado de livros que podem explorar sentadinhos também num puff. No centro da sala existe um tapete destinado aos Jogos de Chão, como legos, jogos de montagem, de construção, entre outros. Algumas mesas estão destinadas aos Jogos de Mesa, realizando puzzles, dominó, jogos de memória, e de associação, entre outros. Noutro canto da sala encontra-se a Casinha, com uma cozinha equipada com armários

e uma mesa para quatro crianças e um quarto com um armário com roupas dos bonecos e uma cama. À entrada da sala há prateleiras onde está a plasticina e material para a Modelagem numa das mesas e as tintas para realizar a Pintura, num suporte com folhas brancas.

As mesas onde as crianças se sentam, cada uma com o seu lugar definido, estão dispostas em “U”, viradas de frente para a parede onde está o quadro branco de escrever com canetas e os placares relativos às rotinas.

A rotina é essencial na vida escolar da criança, pois com ela “aprende a organizar a experiência e aprende a aprender” (Wieder & Greenspan, 2002, p. 182). De manhã, ao chegar à escola, as rotinas são iniciadas quando cada criança marca a sua presença num quadro com o seu nome e a sua fotografia, colocando a letra “P”. De seguida, é selecionado o chefe, seguindo a ordem de nomes do quadro de presenças, há sempre uma criança que fica encarregue de marcar as faltas caso alguma não compareça à escola. De seguida, o chefe fará a contagem de quantas crianças estão presentes, discriminando o número de meninas e de meninos, para deste modo trabalhar as contagens matemáticas. O mesmo procedimento é feito para determinar quantas crianças não foram à escola, ou seja, ficaram em casa. Por fim, o chefe anota numa janela feita para o efeito “O tempo que faz”. Posteriormente, as crianças têm de referir a data – o dia, o mês e o ano. Posto isto, é feita uma reunião para projetar o plano do dia, indicando as atividades que vão fazer de manhã e as que vão fazer à tarde. “A rotina diária permite às crianças antecipar aquilo que se passará a seguir e dá-lhes um grande sentido de controlo sobre aquilo que fazem em cada momento do seu dia pré-escolar” (Hohmann & Weikart, 2004, p. 8).

No fim do dia, por volta das 15h, as crianças fazem a sua autoavaliação, referindo o comportamento e a atividade de que mais gostaram no dia, colocando no quadro de presenças, num sítio destacado para tal, a bolinha com a cor correspondente à avaliação que acham que merecem (a bolinha vermelha significa que se portaram muito mal, uma azul, que significa que podem melhorar o seu comportamento e uma bolinha verde, que significa que se portaram muito bem).

Das rotinas fazem também parte a sessão de Música, às segundas-feiras das 9h às 10h, com a professora Marcisa, e à quarta-feira das 9h às 10h a sessão de

Motricidade, dinamizada inicialmente pela Educadora e depois pelas Educadoras Estagiárias.

Grupo de Crianças

O grupo era inicialmente composto por 7 meninas e 6 meninos, num total de 13 crianças, com idades entre os 3 e os 5 anos, sob a orientação da Educadora e da Auxiliar. No final do estágio, em janeiro, o grupo já contava com mais duas crianças, fazendo assim um total de 15 crianças.

O grupo era muito heterogéneo, não só nas idades, mas a nível cognitivo. Algumas crianças demonstravam alguma dificuldade em manter a concentração/atenção, ao mesmo tempo que mostravam uma capacidade incrível de dar a volta a situações problemáticas que surgiam, bem como a mostrar imenso entusiasmo quando algo novo lhes era proposto. Eram crianças muito apaixonadas por tudo o que faziam, entregavam-se às atividades, realizando-as também até ao fim. Por outro lado, eram crianças que levavam o seu papel enquanto aprendentes de forma exemplar. Ajudavam-se mutuamente na ultrapassagem de dificuldades que surgissem e levavam as rotinas diárias muito a sério, chamando a atenção quando algum tópico não era realizado. Por outro lado, é de salientar o enorme gosto que o grupo sentia pela brincadeira livre, tanto no interior, nas Áreas, como no exterior. Era realmente algo que as completava e essencial no dia a dia.

“Privar uma criança de brincar é privá-la do prazer de viver” (Dolto, 1999, p. 111).

PERCURSO DA INTERVENÇÃO EDUCATIVA NO PRÉ-ESCOLAR

As atividades planeadas foram sempre integradas num tema previamente definido e inserido, direta ou indiretamente, no Projeto do Empreendedorismo, um projeto que teria de ser feito com e pelas crianças. Tentou-se, também, que todas as atividades fossem didáticas e lúdicas e captassem a atenção das crianças, trazendo sempre algo de novo para a sala, ao mesmo tempo que se exploravam todas as áreas de ensino. Em anexo (**Anexo 1**) é possível ver um modelo das planificações do Pré-Escolar. Contudo, é importante referir que se tentou nunca esquecer o papel das Áreas e a brincadeira livre, pois é notória a necessidade das crianças nestes espaços.

Numa opinião pessoal, o percurso de intervenção neste contexto de estágio foi feito com sucesso e em constante crescimento, tanto na interação com as crianças e na implementação das atividades, como no rigor das mesmas. Tentou-se que todas as atividades fossem ligadas por um fio condutor, tanto de dia para dia, como de semana para semana.

As semanas de observação foram cruciais. Com elas é possível observar com mais rigor as crianças, percebendo quais as dificuldades mais sentidas e as áreas em que se sentem mais à vontade. Tendo em conta isto, as atividades foram planeadas tentando responder às necessidades das crianças, elaborando desafios ao grupo e, sempre que possível, de forma individual, de forma a que cada criança pudesse desenvolver as suas capacidades e dificuldades pessoais.

Assim sendo, inicialmente constatou-se que as crianças não tinham muito contacto com a área de Conhecimento do Mundo, mais concretamente na Abordagem às Ciências. Assim, de acordo com o tema definido em cada semana, tentou-se planificar pelo menos uma atividade ligada a esta Área. Inicialmente eram expostas questões-previsão às crianças sobre “o que acham que vai acontecer?”, anotando-se numa tabela as suas ideias. Depois de realizada a experiência, eram anotados e discutidos os resultados.

Por outro lado, também foi explorado algumas vezes o domínio “Mundo tecnológico e utilização das tecnologias”, nomeadamente no envio de e-mails aquando do Projeto do Empreendedorismo, na pesquisa na internet de várias temáticas e na visualização de vídeos e músicas.

Relativamente às restantes áreas, todas elas estiveram intimamente ligadas a todas as atividades planeadas, em especial as áreas do Português, da Matemática e da Expressão Artística. Esta última, numa opinião pessoal, é a forma de tornar todas as outras áreas mais dinâmicas e atrativas, através da manipulação de materiais construídos, também um elemento fundamental num contexto de estágio no Pré-Escolar.

Projeto de Empreendedorismo

Empreendedorismo. O primeiro passo a dar foi explicar às crianças o que significava esta palavra tão difícil de dizer e o que é ser empreendedor. A forma mais

fácil de explicar, apesar de algumas crianças já estarem familiarizadas com estes termos devido ao estágio do ano letivo passado, foi dando exemplos, explicando que para atingir um determinado objetivo é necessário também trabalhar para a sua realização e ter a ajuda de colaboradores. Colaboradores, outro termo novo. Colaboradores são aquelas pessoas ou entidades que ajudam de alguma forma, monetária ou fisicamente, por exemplo, a atingir o objetivo proposto. O projeto a seguir descrito foi elaborado ao longo de doze semanas, com a ajuda das Educadoras Estagiárias, da Educadora e da Auxiliar.

Não houve dificuldades por parte das crianças em compreender todo o projeto que estava a ser realizado, as suas fases e as pessoas envolvidas, uma vez que no ano anterior, um grupo de estágio também no âmbito da PES realizou um projeto onde foi necessário explicar às crianças todas estas vertentes. Desta forma, foi uma mais valia para nós, caso contrário teríamos de optar por outras estratégias.

Para iniciar este fio condutor, foi dramatizada uma história adaptada intitulada “O sonho do Miguel”, a história de um menino que tinha um sonho e o caminho que percorreu para o concretizar. Dadas estas explicações, foi feita uma conversa com as crianças questionando-as se elas teriam algum sonho, algo que desejassem muito realizar. Partindo daqui, foi elaborada uma chuva de ideias (Figura 1), sendo as respostas das crianças todas centradas nos animais e no meio ambiente, como “ter um cão como animal de estimação” ou “ter um leão em casa”.



Figura 1 - Chuva de ideias, com respostas dadas pelas crianças quando questionadas sobre quais os seus sonhos

Fazendo um segundo levantamento de ideias, as crianças foram questionadas se achavam que haveria algo que poderia ser mudado na escola, de forma a melhorá-la. Depois de refletirem, uma criança referiu que os caixotes do lixo, que estavam

mesmo à porta da escola, não estavam bem. Justificou, com ajuda das outras crianças, que os caixotes do lixo para além de ficarem feios, nos dias mais quentes eram uma fonte de “bichos”, “doenças” e “mau cheiro”. Foi então que tiveram a ideia de desenvolver um projeto que consistia em tirar estes caixotes da frente da escola. A ideia foi passada para o papel, através de um desenho e decidiram chamá-lo “Uma escola amiga do ambiente”.

Dando seguimento ao projeto, foi elaborado um cartaz onde foram descritas todas as etapas e passos a seguir para a sua realização (Figura 2), determinando também quem seriam os colaboradores. Elegeram-se as crianças líderes, aquelas que no momento de dialogar com os colaboradores teriam a palavra principal e coordenariam o restante grupo.



Figura 2 - Desenvolvimento da ideia escolhida para o projeto, com elaboração de cartaz com as etapas do mesmo e da maquete do projeto

Primeiramente, identificou-se que seria necessário falar com o senhor Presidente da Junta de Freguesia (Figura 3), pois era ele o ator que facilitaria o contacto com a entidade responsável pelos caixotes do lixo de local, a RESULTIMA. Estava escolhido o primeiro colaborador. Foi preparada uma entrevista com ele, sendo

primeiro feita uma dramatização, em que a criança líder simulava a conversa que teria com o senhor Presidente da Junta. Desta forma, foi possível perceber também quais as dificuldades sentidas e os aspetos a melhorar durante o encontro. A resposta deste colaborador foi positiva, acedendo a mover os caixotes do lixo para um sítio que não interfira com o bem-estar de todos.



Figura 3 - Reunião com o primeiro colaborador, o senhor presidente da Junta de Freguesia

Em seguida, as crianças pensaram que se os caixotes fossem movidos, algo teria de os substituir, algo que representasse o projeto em si e desse as boas vindas à escola, que fosse como uma mascote. Foi então que se pensou que o segundo colaborador seria o senhor Presidente da Câmara de Viana do Castelo (Figura 4). Como o tema era ligado ao ambiente, nada melhor que reutilizar algo para o efeito pretendido. Primeiro foi feita nova dramatização como forma de ensaio para o encontro, tal como havia sido feito no anterior. Na conversa tida com ele, pediu-se que ele fornecesse dos armazéns da Câmara Municipal um boneco já construído, que depois as crianças alterariam de alguma forma que achassem necessário para que estivesse interligado com o tema. A resposta do senhor Presidente da Câmara foi positiva, contudo achou mais prudente esperar pela época de Carnaval, pois com o desfile feito na cidade, que teria um tema ligado ao ambiente, haveria com certeza algo ligado ao tema do projeto.



Figura 4 - Reunião com o segundo colaborador, o senhor presidente da Câmara Municipal de Viana do Castelo

Como as crianças não queriam eliminar, mas sim mover os caixotes do lixo, acharam importante criar uma sessão de sensibilização para a separação do lixo, realizada pelo CMIA (Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Viana do Castelo), que seria então o terceiro colaborador, dirigida aos pais/encarregados de educação e a toda a comunidade escolar.

Terminado o estágio de 12 semanas, todas as etapas propostas foram realizadas com sucesso, à exceção de uma: colocar um boneco em frente à escola. Como o estágio terminou antes do Carnaval, o boneco ainda não estava escolhido e colocado no local previamente definido.

Trabalhar com crianças destas idades um projeto destas dimensões e serem elas próprias e conduzi-lo, é importante pois desperta desde cedo o sentido de lutar por algo muito desejado, um objetivo a alcançar para o bem-estar de todos, e que apenas pode ser realizado com o trabalho de equipa. A ajuda externa é também crucial na resolução de problemas, pois muitas vezes nós próprios não temos meios para tal, daí a importância dos colaboradores, sempre contactados via e-mail, de modo a que as crianças também pudessem compreender a facilidade das tecnologias no contacto entre pessoas. Com o projeto foi também valorizado o meio ambiente, a sua importância na vida humana e os cuidados que com ele devemos ter.

As crianças ficaram também a conhecer melhor as suas capacidades, mostrando sempre persistência, sentido de colaboração, de partilha, de criatividade, de responsabilidade e de autonomia, arranjando sempre formas de solucionar os problemas que iam surgindo ao longo do projeto.

“Desenvolver o espírito empreendedor, incentivar modos inovadores de raciocínio, disseminar conceitos de ética e cidadania e estimular a autoestima e a autoconfiança deve ser iniciado na infância” (Rosário Santos, 2009).

CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO EDUCATIVO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Aqui apresenta-se a caracterização do contexto de estágio do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), realizado no âmbito da PES, abordando tópicos como a caracterização do meio local em que a escola se encontra, focando questões geográficas, sociais e culturais. De seguida, elaborou-se a caracterização da escola e do agrupamento, neste caso é o mesmo que o contexto de estágio do Pré-Escolar, enumerando a forma como estão organizados, os recursos que possuem e os materiais didáticos que estão à disposição dos alunos. Depois disto, é feita a caracterização da sala de aula, das rotinas e do horário da turma e, por fim, é exibida a caracterização pormenorizada da turma, em que estão integrados dois anos escolares.

O estágio iniciou com três semanas de observação, passando depois a 10 semanas de implementação.

O Meio Local

O contexto de estágio do 1.º CEB realizou-se durante o 2.º semestre, numa escola situada no distrito de Viana do Castelo. A freguesia está integrada numa união de freguesias, com cerca de 1 311 habitantes (INE, 2011), onde as principais atividades económicas são a agricultura, a pecuária e o turismo rural.

A nível patrimonial e turístico existem duas capelas e a igreja paroquial, celebrando-se anualmente várias tradições festivas de cariz religioso.

O Agrupamento/A Escola

A Escola Básica do 1.º CEB onde decorreu a PES está inserida no mesmo Agrupamento de Escolas, cuja descrição já foi elaborada na caracterização do contexto do Pré-Escolar.

O edifício foi construído no âmbito do programa de construção de edifício tipo P3. O tipo P3 foi a construção em Portugal, entre 1950 e 1986, de edifícios escolares de área aberta, em que as salas de aula eram flexíveis e existia uma sala polivalente considerada o centro da escola, onde alunos e professores podiam conviver. No fundo, o tipo P3 pretendia colocar o aluno no centro de todo o processo de ensino-aprendizagem.

Logo à entrada da escola, observam-se três salas de aula, duas em funcionamento para o ensino do 1º Ciclo, uma com o 1.º e 2.º anos, num total de 23 alunos, onde ocorreu o estágio, e a outra com o 3.º e 4.º anos, com 17 alunos. A terceira sala é de apoio aos alunos, quando estão a ser acompanhados pela Professora de Educação Especial ou pelas Professoras de Apoio.

Entrando no corredor central, à esquerda encontra-se a sala das AAAF'S (Atividades de Animação e de Apoio à Família), sala onde decorrem as atividades extracurriculares, como as AEC's, compostas pelo Espaço Zen, pelo Espaço Jogos, pela AFD – Atividade Física e Desportiva (quando as condições meteorológicas não permitem que seja no exterior), a OEM – Oficina de Expressão Musical e a Expressão Dramática. Nesta sala encontra-se também uma estante com jogos didáticos relacionados com todas as áreas curriculares, bem como um computador e uma televisão com DVD. À direita do corredor estão as casas-de-banho dos alunos, separadas por rapazes e raparigas, a sala do corpo não-docente, composto pela cozinha, pelas assistentes operacionais e pela tarefeira, e armários onde estão organizados materiais didáticos e material de papelaria. Ao fundo do corredor encontra-se a cantina, espaço que dá acesso à cozinha, à sala das professoras, e à sala do Pré-Escolar.

No exterior, os alunos têm um espaço amplo onde podem brincar livremente, quer num campo cimentado, quer num pequeno parque com baloiços, escorrega, sobe e desce e escalada. Anexo a este edifício está a Ludoteca, uma biblioteca lúdica que fornece uma vasta variedade de livros e atividades para os alunos realizarem.

Todas as terças-feiras de manhã encontra-se na escola uma Psicóloga, que apoia as crianças e as suas famílias. De segunda-feira a quarta-feira de tarde e às quintas-feiras de manhã, as turmas onde a PES se realiza tem uma professora de Apoio.

O horário de estágio realizou-se de 2.ª a 4.ª feira, das 9h da manhã às 16h, com pausa para almoço das 12h às 14h. Houve também oportunidade de estágio durante uma semana completa, de 2.ª a 6.ª feira no mesmo horário.

Sala de Aula e Rotinas (Horário)

A sala de aula está organizada com os dois anos escolares separados, estando os alunos do 1.º ano sentados em forma de “U”, virados para o quadro, e os alunos do 2.º ano com as mesas juntas, todos sentados à sua volta. Na parede do fundo, encontram-se os quadros de giz, um mais pequeno destinado ao 1.º ano e um maior destinado ao 2.º ano. Em cima dos quadros está um “estendal” de cartazes com todas as letras que o 1.º ano já aprendeu. Nas restantes paredes estão afixados cartazes relacionados com matérias aprendidas em ambos os anos, como a Tabela dos 100, a Tabela dos 1000, a Tabuada, conteúdos relacionados com o Português e cartazes relacionados com atividades práticas do Estudo do Meio. Num dos cantos da sala, junto às mesas do 2.º ano está um armário com todo o material que estes alunos utilizam, como os manuais escolares, cadernos de atividades, caixas com material de papelaria (réguas, lápis, borrachas, canetas, etc.). No canto oposto, o mesmo acontece para os alunos do 1.º ano. De frente para os quadros de giz está a secretária da professora, bem como uma mesa de cada lado, uma à esquerda com os materiais utilizados por si, e outra à direita onde estão os pacotes de leite para os lanches e uma capa com fichas de trabalho para o 1.º ano.

As rotinas diárias são de grande importância e devem acompanhar o desenvolvimento das crianças, sendo adaptadas ao seu crescimento. Assim sendo, as rotinas começam na sala de aula. Numa das paredes está exposto um pequeno cartaz que contém os nomes das crianças e os dias do mês. Todas as manhãs, um dos alunos, por ordem alfabética, está encarregue de apontar nesse cartaz quem realizou ou não os trabalhos de casa (TPC): uma bola verde se realizou na totalidade, uma bola amarela se deixou algum exercício por fazer, ou uma bola vermelha, se não realizou os trabalhos.

De seguida, será feita a abertura da lição no caderno da escola, escrevendo o nome, a data por extenso, “Bom dia, hoje é segunda-feira” e também as vogais e consoantes já lecionadas manuscritas em maiúscula e minúscula. Os alunos do 2.º ano têm de realizar retas, pintando nelas as frações, de $1/2$ a $1/10$. As duas turmas têm de realizar, também, as contas do dia da data, ou seja, todos os dias conforme o dia da data, os alunos têm de realizar contas cujo resultado seja esse dia (por exemplo: dia 25, $5 \times 5 = 25$).

No final do dia, o mesmo aluno tem de registar na mesma tabela, numa coluna dedicada a tal, como foi o comportamento de cada aluno: uma bola verde se realizou todas as tarefas e teve um comportamento exemplar, uma bola amarela se podia ter tido um comportamento melhor /ou não realizou ou terminou alguma tarefa, ou uma bola vermelha se não realizou as tarefas e teve um comportamento menos adequado.

	2ª FEIRA	3ª FEIRA	4ª FEIRA	5ª FEIRA	6ª FEIRA
09:00 -10:00	PORT	PORT	MAT	MAT	PORT
10:00 - 10:30	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
10:30 -12:00	AE	MAT	PORT	PORT	MAT
12:00 -14:00	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO	ALMOÇO
14:00 -15:00	MAT	E M	PORT	EXP (atletismo)	E M
15:00 -16:00	MAT	E M	EXP	EXP (música)	OC
16:00 -16:30	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO
16:30 -17:30	AEC ESPAÇO ZEN	ESPAÇO JOGOS	AEC AFD	AEC EXP DRAM	AEC Luzia

Tabela 1 - Organização do horário da turma do 1.º e do 2.º ano

Legenda: ‘AEC’ – Atividade Extracurricular; ‘AE’ – Apoio ao Estudo; ‘AFD’ – Atividade Física e Desportiva; ‘EXP DRAM’ – Expressão Dramática; ‘Luzia’ – Histórias, tradições e lendas de Viana do Castelo

Tabela 1 - Horário da turma do 1.º e do 2.º ano

“A rotina diária de planeamento inclui o processo planear – fazer – rever” (Hohmann & Weikart, 2004).

A componente não letiva é constituída por 150 minutos, distribuída da seguinte forma: 120 minutos semanais, distribuídos por 4 dias, em períodos de 30 minutos diários, de apoio no período de almoço ou no intervalo da tarde, a combinar com o coordenador de estabelecimento, com os professores e de acordo com as necessidades da escola; e 30 minutos semanais para atendimento aos encarregados de educação.

Tal como a maioria das instituições educativas, também esta pretende responder às necessidades da comunidade educativa. Como tal, apesar das atividades letivas apenas iniciarem às 9h da manhã (Tabela 1), é possível as crianças ficarem mais cedo na escola, desde que os encarregados de educação entreguem uma declaração da entidade patronal, em como os horários não são compatíveis. Para os restantes alunos, a hora a que podem ficar na escola é a partir das 8h45. Todos os dias a

atividade letiva termina às 16h, com intervalo da manhã entre as 10h e as 10h30, e a hora de almoço entre as 12h e as 14h. Tal como manda a Lei, as áreas de Português e Matemática têm uma carga maior em relação ao Estudo do Meio e às Expressões.

Relativamente à OC – Oferta Complementar, e ao Apoio ao Estudo, são consolidadas as várias matérias das diferentes áreas pela professora titular da turma (Tabela 1). Quanto às Expressões, tanto o Atletismo como a Música são lecionados por professores externos, contratados pela Câmara Municipal de Viana do Castelo. Todo o horário letivo depois das 16h30 diz respeito às AEC's – Atividades Extracurriculares, e são lecionadas por professores também externos à escola.

“As atividades extracurriculares são consideradas como parte integrante da responsabilidade de uma escola, para proporcionar uma educação equilibrada (...)” (Shulruf, Tumen & Tolley, 2008).

Caraterização da Turma

Melhor do que ter o desafio de ensinar alunos de uma turma, é ter dois anos letivos a nosso cargo. O contexto de estágio decorreu com um grupo do 1.º ano, com 14 alunos e um do 2.º ano, com 9 alunos. Era um grupo de alunos muito heterogéneo, mas com sede de aprender e ser cada vez melhor a realizar as tarefas.

O grupo do 1.º ano, com 6 raparigas e 8 rapazes, era uma turma interessada e aplicada. Esta turma incluía uma aluna com Necessidades Educativas Especiais (NEE), que estava a aprender segundo o “Método das 28 Palavras”, um método em que o ensino parte do geral para o particular, aplicando-se em crianças com dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, provocadas por um défice cognitivo. Este método baseia-se no conhecimento de 28 palavras e não de letras, como se ensina normalmente.

O grupo do 2.º ano, com 1 rapariga e 8 rapazes, apesar de pequena em quantidade, é muito grande em interesse e dedicação na realização das tarefas. A aluna que desta turma faz parte, também possui NEE, tendo sido já retida no 2.º ano. Tanto ela como a aluna do 1.º ano passam a manhã de segunda-feira com uma professora de Educação Especial, que as ajuda a ultrapassarem as dificuldades a nível cognitivo.

A criação de um ambiente adequado de aprendizagem envolve a capacidade de ajustar o nível das tarefas à experiência anterior e ao nível de prática dos praticantes, de tal modo que as tarefas não sejam muito difíceis (o que promove desde modificações às tarefas propostas, por parte dos praticantes, até ao seu completo abandono) ou muito fáceis (promovendo quer o desinteresse e a socialização, quer alterações às tarefas no sentido de as tornar mais desafiantes. (Rosado & Ferreira, 2011, p. 187)

Relativamente ao comportamento dos alunos, no geral é positivo, cumprindo as regras de funcionamento dentro e fora da sala de aula. É de realçar apenas em específico um aluno do 2.º ano que detém vários problemas de comportamento, sendo muito agitado, desorganizado, “bruto” com os colegas. Ao longo do estágio este aluno tem sido motivado e estimulado para amenizar estes comportamentos e melhorar a sua performance educativa. Existem também alguns alunos que são mais agitados que outros.

De um modo geral, a metodologia aplicada a estes alunos no seu processo de ensino-aprendizagem está e será centrada no sentido de união e entreajuda, em que com o espírito de equipa possam criar o seu próprio saber, hábitos de estudo e promover o desenvolvimento a todos os níveis. É importante dar aos alunos autonomia, liberdade, embora limitada, e deixá-los fazer descobertas sozinhos. As planificações (**Modelo da planificação em Anexo 2**) estavam muito centradas nestes valores.

CAPÍTULO II – TRABALHO DE INVESTIGAÇÃO

INTRODUÇÃO

A Escola desempenha um papel fundamental na educação, não se podendo limitar “a ser um mero espaço de transmissão de saberes académicos”, mas sim um espaço que se “preocupe com a formação dos jovens enquanto cidadãos de pleno direito”, preparando-os para os problemas que possam vir a surgir no futuro (Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário, p. 7, 2017).

Num ambiente tão rico em biodiversidade e livre para explorar, é importante dar a conhecer aos alunos o que os rodeia, não só dentro da sala de aula, mas principalmente no espaço exterior. Deste modo, o papel do professor é o de inovar, de criar novas tarefas, mais interessantes, e que desafiem e cativem os alunos, admitindo a sua saída da sala de aula para o exterior (Boavida et al., 2008).

Com o passar das semanas de observação a uma turma com 1.º e do 2.º anos de escolaridade, verificou-se o pouco contacto com o Estudo do Meio, não só ao nível da exploração dos conteúdos, mas principalmente ao nível do contacto com o exterior, com o meio ambiente, ao mesmo tempo que se verificava um ambiente externo extremamente rico para exploração de conteúdos relacionados com os seres vivos e não vivos. Os alunos em questão demonstravam grande interesse e curiosidade pelo que os rodeava, vendo-se, assim, uma grande oportunidade apostar na realização de aulas de campo no âmbito do Estudo do Meio.

Neste sentido, foi pensada e criada uma proposta didática, a realizar sempre fora dos muros da escola, com atividades lúdicas, criativas, atrativas e fora do contexto habitual a que os alunos estavam habituados, que permitissem um maior conhecimento do meio físico e natural e promovam o trabalho em equipa. De forma a orientar o estudo e compreender de que modo o Estudo do Meio em aulas *outdoor* influencia a aprendizagem dos alunos, definiram-se duas **questões de investigação**:

1. Como é que a proposta didática influenciou a aprendizagem dos alunos?
2. Que atitudes manifestam os alunos quando realizam tarefas *outdoor*?

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Estudo do Meio

O Ministério da Educação, através do documento Organização Curricular e Programas, propõe para o Ensino Básico um plano curricular que abrange como áreas disciplinares obrigatórias o Português, a Matemática, o Estudo do Meio e as Expressões, Artísticas e Físico-Motoras (Ministério da Educação, 2004).

O programa de Estudo do Meio está organizado por blocos de conteúdos, em que se pretende que “os professores deverão recriar o programa, de modo a atender aos diversificados pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses e necessidades e às características do meio” (OCP, 2004).

(...) A aventura de partir à “descoberta” para conhecer o Meio – no sentido de saber pensar e atuar sobre ele – pressupõe o desenvolvimento de competências específicas em três grandes domínios que se relacionam entre si: a localização no espaço e no tempo; o conhecimento do ambiente natural e social e o dinamismo das inter-relações entre o natural e o social. (Currículo Nacional do Ensino Básico, 2001, p. 81)

A aprendizagem ativa está relacionada com a descoberta de forma implícita. Sempre que ocorre envolvimento cognitivo e afetivo de uma criança numa determinada tarefa, ocorre uma aprendizagem ativa, através de “atividades de exploração da realidade circundante, ou assistindo a um filme, ou ouvindo uma informação ou narrativa do professor sobre realidades muito distantes e diferentes” (Roldão, 1995, p. 31). Neste contexto, é compreensível o porquê de os blocos, no âmbito do programa de Estudo do Meio, serem iniciados por “À descoberta de...”, pois incentivam a uma aprendizagem ativa, em que a criança está no centro do conhecimento, assente na teoria da aprendizagem construtivista (Roldão, 1995).

O Estudo do Meio apresenta um carácter transversal e multidisciplinar, requerendo conhecimento por observação e análise de factos. O aluno deve estar em contacto com o meio, com a realidade, de modo a ficar consciente do mesmo. Assim, é também importante que o aluno obtenha consciência das relações existentes, principalmente entre o Homem e o meio (Roldão, 1995).

O Meio pode ser entendido como um conjunto de elementos, fenómenos, acontecimentos, fatores e ou processos de diversa índole que ocorrem no meio envolvente e no qual a vida e a ação das pessoas têm lugar e adquirem significado. O Meio desempenha um papel condicionante e determinante na vida, experiência e atividade humanas, ao mesmo tempo que sofre transformações contínuas como resultado dessa mesma atividade. (Currículo Nacional do Ensino Básico – Competências Essenciais, 2001, p. 75)

Autores como Carvalho e Freitas (2010), defendem que o Estudo do Meio é uma disciplina que pode ser integrada de forma ‘multidisciplinar’, ‘pluridisciplinar’, ‘transdisciplinar’ e ‘interdisciplinar’.

A Biodiversidade

O Comissário Europeu para o Ambiente, Janez Potočnik, define biodiversidade como “a variedade de formas de vida na Terra” (2009). Esta biodiversidade inclui a diversidade genética, diversidade de espécies e a diversidade dos ecossistemas, bem como as suas interações com o ambiente (PEFC Portugal, 2017), que torna o planeta habitável e contribui para a boa gestão entre os diferentes seres vivos.

Os ecossistemas prestam vários serviços à sociedade, são os chamados “serviços ambientais” ou “serviços ecológicos”. É de salientar, ao falar em serviços e bens essenciais, a produção dos mais variados bens alimentícios, como vinho, azeite, fibras, madeiras, óleos, comida, entre outros. Por outro lado, os ecossistemas servem o planeta através da limpeza do ar e da água, do armazenamento e reciclagem de nutrientes, a polinização, a manutenção dos solos, decomposição de resíduos, estética e a clara beleza natural.

Pensando na biodiversidade enquanto elemento educativo, esta insere-se nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, redigidos pela ONU para o período entre 2015 e 2030, em que o número 15 defende a necessidade de "proteger, recuperar e promover o uso sustentável dos ecossistemas terrestres, gerir de forma sustentável as florestas, combater a desertificação, deter e reverter a degradação da Terra e deter a perda de biodiversidade" (ONU, 2017). A Estratégia Nacional de Educação Ambiental

2020 reconhece que a educação é fundamental para a conservação do ambiente, devendo manter-se a população informada acerca dos principais problemas que atacam a biodiversidade (APA, 2017).

Enquanto valor alimentar, a biodiversidade, desde sempre, enquanto espécie animal ou vegetal, fez parte da alimentação do ser humano. No início, este alimentava-se apenas de espécies silvestres, passando depois a produzir e a criar outras espécies.

Por outro lado, é possível ligar a biodiversidade à ciência, nomeadamente através da criação de fármacos para fins terapêuticos, bem como no estudo das espécies da fauna e da flora.

É de apontar, também, a conservação. A sua conservação assenta na criação de espaços que permitam a preservação de espécies animais e vegetais, como parques, reservas, jardins botânicos, entre outros. Estes espaços reduzem as ameaças à degradação de habitats, a sobreexploração das espécies, a poluição e a desflorestação (Jeffries, 1997).

Muitas são as causas que afetam a biodiversidade e contribuem para a sua perda. Com o aumento da população, o consumo de alimentos também aumenta, o que faz com que os recursos renováveis do planeta sejam despendidos de forma quase desenfreada. Assim, com o aumento da população, aumenta o consumo de recursos naturais havendo habitats selvagens que são convertidos em habitats domésticos, nomeadamente através da agricultura e da pecuária, e existe maior produção de resíduos que poluem de forma selvagem o meio ambiente.

Para proteger a biodiversidade, há passos simples que o ser humano pode tomar, propostos pela Comissão Europeia, como por exemplo: apoiar associações de proteção da natureza, reduzir a emissão de gases com efeito de estufa, não deitar detritos para o chão, separar o lixo, reduzir o consumo de água, melhorar a comunicação e a sensibilização entre os cidadãos, reforçar o investimento na Rede Natura 2000, desenvolver planos de ação para a proteção de espécies e habitats em risco de extinção, promover sinergias na política de pescas e da agricultura, entre outros (Comissão Europeia, 2015).

A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica a nível europeu, cujo objetivo é assegurar a biodiversidade, através da conservação de biótopos e da fauna e flora da União Europeia. Em Viana do Castelo, a Rede Natura 2000 remete a espaços mais

litorais, como o Sítio Litoral Norte, a espaços estuarinos, como o Sítio Rio Lima, a espaços ribeirinhos, como o Sítio Rio Lima e o Sítio Serra de Arga (CMIA, 2018).

No Sítio Rio Lima, a biodiversidade é muito vasta. Ao nível biótico, é possível encontrar algas e bactérias fotossintéticas, nem sempre visíveis a olho nu, que contribuem para as cadeias tróficas aquáticas como organismos fotossintéticos e como parte do Fundo de Material Orgânico Particulado (FMOP), onde se alojam materiais não vivos de origem orgânica, o zooplâncton e as macrófitas, plantas aquáticas visíveis a olho nu, como algas e plantas com flor (Gomes & Leal, 2010, p. 6-7). Relativamente ao grupo dos macroinvertebrados, que diz respeito aos invertebrados visíveis a olho nu, é de salientar os insetos, os moluscos e os crustáceos, como isópodes, anfípodes e decápodes, que podem ser carnívoros ou omnívoros (Gomes & Leal, 2010, p. 8-9). No grupo dos vertebrados, há um vasto leque de peixes, sendo os mais famosos a truta, o escalo, o sável, a savelha e a enguia-europeia. Os répteis mais famosos são as cobras-de-água e o lagarto de água, e os anfíbios a salamandra lusitânica, a rã-verde e a rã ibérica. Os mamíferos predominantes são a toupeira-de-água, a lontra e o rato-de-água. Relativamente às aves, é de referir o melro-d'água, o rouxinol, o chapim, o guarda-rios, a gaivota-prateada e a garça-cinzenta (Gomes & Leal, 2010, p. 11).

A fauna terrestre, é também rica em biodiversidade. É possível observar aves como a gralha-preta, o papa-figos, o rouxinol, o melro, a perdiz, o pintassilgo, o gavião, a coruja-do-mato e a águia-cobreira. Os mamíferos predominantes são o lobo, o corço, o javali, o esquilo, a fuinha, o texugo, o rato-do-campo, o coelho-bravo, a toupeira e a doninha. Os invertebrados mais comuns são o grilo, o escaravelho, borboletas, louva-a-Deus, gafanhotos, moscas, aranhas e a cabra-loura (Marlise, 2009).

Na flora, as espécies predominantes são os carvalhos (*Quercus sp.*), os salgueiros (*Salix sp.*), os amieiros (*Alnus glutinosa*) e as aveleiras (*Corylus avellana*). No entanto, é possível encontrar também espécies como o azevinho (*Ilex aquifolium*), o sobreiro (*Quercus suber*), a hera (*Hedera helix*), a madressilva (*Lonicera japonica*) e a dedaleira (*Digitalis purpurea*) (Marlise, 2009).

Outdoor Learning

A sociedade está sempre em mudança, e a instituição escolar representa cada vez mais um papel crucial na formação das crianças, dando as ferramentas necessárias,

e ensinando a utilizá-las, no sentido de solucionar problemas que surjam no dia a dia (Vale, 2012). Segundo Fernandes, Vale & Palhares (2016), é essencial que as crianças tenham acesso a contextos de ensino aprendizagem não formais, nomeadamente fora da sala de aula, pois são estes contextos que privilegiam “experiências de interação entre indivíduos e entre estes e o meio ambiente” (p. 100).

Outdoor Learning é o termo dado à ação em que a criança/aluno aprende ao ar livre, fora de portas, brincando livremente e desenvolvendo aptidões motoras e sociais, educando-se a nível científico e ambiental através também de atividades cooperativas, que envolvam um programa de desenvolvimento pessoal e profissional (Jordet, 2008). Os alunos põem em prática os sentidos, realizando as tarefas e fazendo descobertas através deles. Com o *outdoor learning* é possível aprender acerca da Natureza, acerca das diferentes ciências, acerca de si mesmo, acerca dos outros e das relações existentes entre todos.

Aprender através de *outdoor learning* significa envolver as crianças no processo de aprendizagem, utilizando abordagens sensoriais e experienciais. O objetivo é que elas se sintam envolvidas em atividades de forma emocional, física e cognitivamente, que se sintam como parte da aprendizagem (Jordet, 2008).

O *outdoor learning* tem todo um leque de vantagens a si associado. É pretendido que as crianças realizem conexões com o mundo real fora da sala de aula, pois uma coisa é terem acesso a determinada informação através dos manuais escolares, outra totalmente diferente é estar em contacto com a realidade, pois nos manuais nem sempre a informação está suficientemente nem corretamente explícita (Jordet, 2008). Por outro lado, contacto com o meio serve também de porta para o aluno compreender a importância de algo aprendido na escola, quando é transportado para a vida cotidiana, para a vida real.

Como experiência sensorial que oferece, o *outdoor learning* é um campo para aprender de forma mais eficaz, pois um ambiente menos estruturado (em comparação ao das salas de aula), atua como estímulo para o pensamento criativo e para a aprendizagem em si. O contacto com o meio oferece desafios, trabalho de investigação, pensamento crítico e a ação de refletir acerca de um determinado tema/assunto. Outro aspeto positivo da aprendizagem ao ar livre é o trabalho colaborativo entre as crianças. Como o ser humano é um ser social, que está em

constante aprendizagem, e como “ninguém educa ninguém, nem ninguém aprende sozinho” (Freire, 1970, p. 39), as aulas de campo fornecem às crianças a oportunidade de comunicarem mais e melhor, de cooperarem umas com as outras, para juntas aprenderem. Bruner (1966) escreveu defendendo que é o ser humano que dá significado às coisas, aos materiais, aos objetos, de acordo com a sua vivência pessoal. Moreira & Valadares (2009) estão de acordo com esta teoria, defendendo que o significado que damos às coisas, está subordinado ao tempo e ao espaço em que temos contacto com elas, pois “um sujeito constrói o seu conhecimento manipulando ao mesmo tempo os objetos de estudo, mas também as fontes culturais que o ajudam a interagir com esses objetos” (p. 11). Desta forma, o trabalho colaborativo oferece a oportunidade de as crianças partilharem as suas visões pessoais e complementarem ideias (Coelho, Vale, Bigotte, Figueiredo-Ferreira, Duque & Pinho, 2015).

O que pode ser considerado um entrave em Portugal, mas em países nórdicos é uma mais valia, são as condições meteorológicas. Em Portugal, quando chove, os alunos não têm autorização para sair ao exterior, enquanto que em países nórdicos, mesmo em dias de chuva, há atividades meticulosamente planeadas para que as crianças/alunos possam usufruir de uma experiência diferente e lúdica (*Education Scotland*, 2011). Por outro lado, apesar de a euforia e o entusiasmo das crianças serem considerados pontos positivos, também podem ser considerados entraves, pois as crianças ficam tão entusiasmadas por estarem num espaço que não seja a sala de aula, que acabam por dispersar as ideias (*Education Scotland*, 2011).

Para o sucesso das atividades escolares, é necessário haver um bom planeamento por parte do professor. Para as aulas *outdoor*, este planeamento é ainda mais importante. Deste modo, é necessário realizar uma prévia averiguação do espaço onde vão decorrer as atividades (*Learning and Teaching Scotland*, 2010). É fundamental que todos os pormenores sejam pensados, de forma a evitar qualquer tipo de acidente e o seu insucesso, que representa o insucesso no processo de aprendizagem dos alunos.

Qualquer atividade, para ter sucesso, necessita de ser planeada. O planeamento é uma espécie de garantia dos resultados. E sendo a educação, especialmente a educação escolar, uma atividade sistemática,

uma organização da situação de aprendizagem, ela necessita evidentemente de planeamento. (Schmitz, 2000, p. 101)

Nos dias de hoje, os alunos portugueses passam grande parte do dia (se não o dia todo), na sala de aula, realizando atividades organizadas por adultos. Há umas décadas atrás, o cenário era muito contrário a este (Neto, 2001). Os alunos passavam muito mais tempo no exterior, sendo este o espaço que fornecia maiores oportunidades de aprendizagem e exploração, em particular na interação com outras crianças (Neto, 2001). Atualmente, os professores acabam por optar por um ensino mais “rígido”, em que se seguem os conteúdos programáticos pelo manual escolar, não havendo praticamente nenhum contacto com a natureza. É certo que o professor é obrigado a cumprir o programa decretado pelo Ministério da Educação, e que muitos pais/encarregados de educação exigem que os manuais escolares, já que são muito dispendiosos, estejam com os exercícios todos realizados, contudo, há vários métodos para o programa seja cumprido, nomeadamente através das aulas de campo (Fão & Sarmiento, 2008). Por exemplo, por que motivo ver as plantas e as suas partes constituintes no manual escolar, se é possível ir ao meio e estudá-las em tempo real, em tamanho real, ao vivo?

Em Portugal, são poucas as instituições que adotam um ensino outdoor. É de referir o Colégio Casa Mãe, fundado a partir do “Externato Casa-Mãe”, em 1988, em Baltar, Paredes. Esta instituição acolhe crianças/alunos desde a creche até ao ensino secundário, e dispõe de atividades *outdoor* centradas numa horta biológica, num pomar, na compostagem, num lago e numa quinta pedagógica, numa ecopista, numa carreira de tiro com arco, fisga e dardo, no arborismo, numa parede de escalada, numa estufa e numa aldeia dos índios, e defende que o *outdoor learning* é “uma aprendizagem ativa, centrada no indivíduo e desenvolve as habilidades de aprendizagem de instrução, experiência, feedback, reflexão, avaliação e aprendizagem cooperativa. Não há limite para as experiências e curiosidades que ambientes ao ar livre e atividades podem despertar!” (Coelho, A. & Coelho, M., 2018).

O projeto “Limites Invisíveis”, inserido no programa Casa da Mata, acolhe crianças entre os 3 e os 5 anos de idade, de dois estabelecimentos de educação Pré-Escolar de Coimbra, o JI dos Serviços Sociais da Universidade de Coimbra e do JI do

Areiro do Agrupamento de Escolas Coimbra Sul. Através do Programa Casa da Mata, o Projeto iniciou a sua expansão no ano letivo 2017/2018, com quatro grupos de 24 crianças de Creches e JI de Mondego – Associação de Intervenção Social, o Centro de Bem Estar Social da Sagrada Família, Serviços Sociais da Universidade de Coimbra, JI do Areiro e Quinta das Flores e do Agrupamento de Escolas Coimbra Sul.

Em países nórdicos, como na Suécia, na Dinamarca e na Noruega, as crianças têm muito mais contacto com o meio exterior em relação à sala de aula. As instituições educativas localizam-se, na sua maioria, perto de espaço naturais, como florestas, tendo as crianças cerca de 2 horas por dia para brincar nestes espaços (Coelho et al., 2015). Na Noruega, por exemplo, as crianças podem usufruir de um programa, o *Forest School*, que defende uma oferta educativa *outdoor*, oferecendo a “liberdade de explorar as mudanças que ocorrem na natureza” (Borge, Nordhagen & Lie, 2003).

No Brasil, a Escolinha da Mata, fundada em 2009, em Marília, São Paulo, é também um bom exemplo de ensino *outdoor*. Está situada na reserva ambiental da Mata Atlântica, e convida as crianças para um ambiente mais ecológico, através de atividades ambientais. Num ambiente mais interior, mas fora da sala de aula, as crianças podem usufruir de cinema 4DX (onde é possível viver o verdadeiro filme, sentindo qualquer estado que ele transmite, seja fumo, água, abanões, etc). A Escolinha da Mata oferece às crianças a oportunidade de interagir com a natureza através de um minhocário, um sistema fechado com caixas empilhadas, em que as minhocas transformam resíduos orgânicos em adubo, um borboletário, local onde se faz criação de borboletas, através de uma horta, de um viveiro e de uma cascata. A brinquedoteca, oficina de argila, um rancho com cavalos e trilhos na floresta, são também oportunidades *outdoor* a que as crianças têm acesso (Escolinha da Mata, 2018.).

Segundo alguns estudos realizados, são várias as diferenças sentidas entre as crianças com experiências *outdoor* e as sujeitas apenas a experiências *indoor*. As crianças *outdoor*, que têm mais contacto com a natureza, revelam maior capacidade de superação a nível motor (Fjortoft, 2001), para além de mostrarem melhorias ao nível da concentração e da criatividade. É também defendido que as atividades *outdoor* promovem o desenvolvimento cognitivo, existindo benefícios para a saúde, para as

relações sociais, incentivando o espírito de equipa, a entreatajuda, o diálogo e a cooperação (Coelho et al., 2015).

METODOLOGIA

Opções Metodológicas

Investigar sempre foi um desafio para os profissionais, mais ainda ao nível educativo (Sousa, 2009). A principal dificuldade de um investigador é selecionar as metodologias sobre as quais o estudo vai estar assente, daí a importância de referir bem qual o problema em questão, e os objetivos que deverão ser atingidos no decorrer da investigação (Coutinho, 2014).

Segundo Kuhn (1962, citado por Coutinho, 2014, p. 1), um paradigma é visto como um “conjunto de crenças, valores, técnicas partilhadas pelos membros de uma dada comunidade científica”. Bogdan & Biklen (1994) defendem que as investigações se baseiam numa orientação teórica, ou seja, num paradigma, sendo designado como “um conjunto (...) de conceitos (...) logicamente relacionados e que orientam o pensamento da investigação” (p. 52).

Neste estudo optou-se por um paradigma interpretativo, seguindo uma metodologia de cariz qualitativa, pois pretende-se obter “informação acerca do ensino e aprendizagem que de outra forma não se pode obter” (Fernandes, 1991, p. 4), ao mesmo tempo que é produzido o conhecimento através de um processo circular, em espiral, não linear e cumulativo (Coutinho, 2014, p. 19). A metodologia qualitativa deseja dar “respostas” ao “problema/questão”, ou seja, ao conhecimento (Coutinho, 2014, p. 24). Segundo Vale (2004, p. 5), o método qualitativo pretende responder a um determinado problema, “no sentido de acumular suficientes conhecimentos que conduzam à sua compreensão ou explicação”.

Segundo Bogdan & Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta várias características:

- 1- O ambiente natural é a fonte direta da recolha de dados, sendo o investigador o principal instrumento;
- 2- A investigação é de cariz descritiva, sendo todos os dados recolhidos em forma de palavras ou imagens, e nunca de forma numérica;
- 3- Os investigadores dão prioridade ao processo em si, à recolha e descrição dos dados, não dando tanto relevo aos resultados finais;
- 4- Os investigadores realizam a análise dos dados de forma indutiva, ou seja, começando nas questões mais abertas, mais amplas, passando depois às mais

fechadas, mais específicas. É a partir deste padrão que os investigadores desenvolvem os conceitos e compreendem os fenómenos;

- 5- Os investigadores dão extrema importância ao significado, ao 'porquê', da abordagem qualitativa, mostrando constante interesse no impacto que esta tem nos participantes.

A linha orientadora desta investigação foi o estudo de caso, pois “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (Merriam, 1988, citado por Bogdan & Biklen, 1994, p. 89), bem como em entender o “como” e os “porquês” da investigação (Ponte, 2006). Já Stake (2009) afirma que o estudo de caso “é o estudo da particularidade e complexidade de um único caso”. No estudo de caso qualitativo, procura-se entender um caso específico, sendo importante formular questões de carácter investigativo. O passo seguinte é identificar o problema, pois a “enunciação dos problemas existe para facilitar o trabalho investigativo” (p. 11).

Por outro lado, os estudos de caso contribuem para o “conhecimento contextualizado” e valorizam “as qualidades exigidas aos investigadores” (Morgado, 2013, citado por Amado, 2017). Em 1989, Yin (citado por Amado, 2017) enunciava algumas “competências básicas requeridas ao investigador” de um estudo de caso, de modo a que este se realize corretamente:

- 1- Saber formular perguntas e interpretar respostas;
- 2- Saber ouvir e ser imparcial;
- 3- Saber adaptar-se e ser flexível em situações inesperadas;
- 4- Saber interpretar todos os pormenores e utilizá-los como dados relevantes no estudo.

Este caso específico pretende compreender a fiabilidade da proposta didática elaborada para as saídas de campo, e qual o seu impacto no processo de aprendizagem dos alunos. O caso enunciado está assente numa metodologia qualitativa, com carácter descritivo e interpretativo.

Participantes do Estudo

O estudo apresentado contou com a participação de 23 alunos, 14 alunos do 1.º ano e 9 alunos do 2.º ano. Todos os alunos foram autorizados pelos Encarregados

de Educação a participar no estudo, através de autorizações devidamente assinadas pelos mesmos (**Anexo 3**).

Métodos e Instrumentos de Recolha de Dados

Depois de definido o problema, as questões de investigação, a metodologia e os participantes do estudo, o seguinte passo neste processo de investigação foi a recolha dos dados empíricos, ou seja, saber “o que” e “como” seriam recolhidos esses dados, e que instrumentos seriam utilizados (Almeida & Freire, 1997; Black, 1999, citados por Coutinho, 2014).

Bogdan & Biklen (1994, p. 232) definem “dados” como todos os “materiais descritivos recolhidos no processo de trabalho de campo (transcrições de entrevistas, notas de campo, artigos de jornal)”.

Observação

Segundo Sousa (2009, p. 108), “observar é olhar atentamente” e a observação em educação é importante, destinando-se, essencialmente, a “pesquisar problemas, a procurar respostas para questões que se levantem e a ajudar na compreensão do processo pedagógico” (p. 109).

A técnica de observação permite ao investigador descrever, interpretar e agir de acordo com a realidade (Carmo & Ferreira, 2008). Por outro lado, esta metodologia é facilmente suscetível de ser criticada, uma vez que pode tornar-se subjetiva, podendo o observador criar impressões favoráveis ou desfavoráveis em relação ao observado (Ander-Egg, 1978, citado por Sousa, 2009, p. 11).

Existem vários tipos de observação. Inicialmente, esta investigação começa por uma observação simples, em que o observador, a Professora Estagiária, não conhece os sujeitos, observa tudo de forma espontânea. De seguida, realiza-se uma observação não participante, em que o observador já conhece o contexto, mas não se integra nele, mantendo algum afastamento. Aqui o observador é um espectador isento, que presencia os acontecimentos, mas não participa nem se envolve neles. A observação participante é o passo seguinte, em que o observador possui envolvimento pessoal com os participantes, como se fosse um membro do grupo em questão. Por fim, acontece a observação em campo, inserida na observação participante, realizada num

ambiente natural, em que o observador regista os dados à medida que vão ocorrendo (Sousa, 2009).

Áudio-gravação e Fotografias

Complementando o processo de observação, os meios audiovisuais são importantes instrumentos para a realização da recolha de dados, tornando-a mais completa e precisa (Patton, 2002). Estes meios permitem ao investigador-observador rever e relembrar momentos e situações ocorridas anteriormente.

De entre todos os meios audiovisuais, a gravação de vídeo é aquele que assume maior relevo, uma vez que permite um bom registo, admitindo a possibilidade de rever, analisar, parar, “repetindo as vezes que desejar (...) sem ser necessário estar no local onde sucederam os acontecimentos” (Sousa, 2009, p. 200). No presente estudo, as gravações de vídeo foram constantes, permitindo analisar de forma mais cuidada e pormenorizada as tarefas realizadas, bem como obter um melhor testemunho de todos os diálogos e discussões que foram ocorrendo.

A realização de fotografias é também um meio importante neste estudo, permitindo analisar o objeto de estudo de forma indutiva, contudo sem negligenciar detalhes que possam vir a ser importantes (Bogdan & Biklen, 1994).

É importante referir que nenhum destes meios audiovisuais deve interferir de alguma forma no comportamento dos alunos, sendo sempre utilizados ao longo da prática pedagógica.

Questionários

Juntamente com todos os métodos de recolha de dados anteriormente referidos, um instrumento utilizado também neste processo foi o questionário. Este é uma “técnica de investigação em que se interroga por escrito (...) tendo como objetivo conhecer opiniões, atitudes, predisposições, sentimentos, interesses, expectativas, experiências pessoais, etc.” (Sousa, 2009, p. 204).

A apresentação deste instrumento pode ser feita de diferentes formas, sendo a forma mais popular através de uma série de questões estruturadas acerca de um determinado tema, inicialmente mais genéricas, avançando “pouco a pouco para as questões mais específicas (técnica do funil), guardando-se para o final as questões

mais básicas” (Sousa, 2009, p. 209), e como básicas entende-se mais diretas, por vezes com opções de resposta. Estas questões podem ser abertas ou fechadas, diretas ou indiretas, de resposta livre ou de escolha múltipla (Sousa, 2009; Coutinho, 2014).

No presente estudo foram realizados dois questionários: o questionário inicial e o questionário final. O questionário inicial (**Anexo 4**) direcionado aos participantes do estudo, foi aplicado antes da realização de qualquer atividade nas aulas de campo. Este questionário está dividido em duas partes: a primeira onde se pretende compreender a relação, o gosto e as perceções que os participantes detêm pelo Estudo do Meio; a segunda parte do questionário focaliza-se no bloco programático “À descoberta do ambiente natural”, mais concretamente nos seres vivos e nos seres não vivos, onde se pretende compreender se os participantes do estudo sabem distinguir estes dois termos, bem como dar exemplos de cada um deles.

O questionário final (**Anexo 5**) foi aplicado depois de realizadas todas as atividades da sequência didática. Também está dividido em duas partes: a primeira exatamente igual à primeira parte do questionário inicial; a segunda parte, semelhante à parte dois do questionário inicial, acrescentando questões de resposta pessoal relativas às saídas de campo realizadas.

Focus Groups

Este método de entrevista é “uma metodologia de recolha de dados”, “concebida por um grupo de pessoas”, uma vez que é seguida uma ordem de pergunta-resposta. É pretendido criar uma “discussão guiada” pelo investigador, seguindo questões a serem debatidas de forma mais aberta (Coutinho, 2014, p. 107).

Neste estudo, o *focus groups* aconteceu num momento final (**Anexo 6**), depois de realizadas as atividades propostas e os questionários, em que foram lançadas várias questões aos alunos, do 1.º e do 2.º ano, em simultâneo, relacionadas com as atividades realizadas ao longo do estudo. Pretendeu-se compreender qual o impacto da proposta didática na aprendizagem dos conteúdos de Estudo do Meio, bem como quais os aspetos mais e menos positivos de cada uma das aulas de campo. O *Focus Groups* realizou-se com todos os alunos em simultâneo, pois a professora cooperante pediu que assim fosse, de forma a que nenhum aluno ficasse excluído. Posteriormente,

pensou-se em realizar vários *Focus Groups* com pequenos grupos de alunos, mas o tempo escasseou e tal não foi possível.

Análise Documental

A análise documental é um método que permite ver em que ponto se está a nível da informação, bem como determinar que informação é ainda necessário recolher.

Nesta investigação em particular, a análise documental serviu para construir, contextualizar e apreciar o documento elaborado, ou seja, a proposta didática para as aulas de campo. Para a elaboração do mesmo, recorreu-se ao programa de Estudo do Meio do 1.º e do 2.º ano, bem como ao Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário.

Intervenção Educativa

A intervenção educativa referente ao presente estudo decorreu durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES), em que a investigadora assume os papéis de Professora Estagiária e de Investigadora.

A intencionalidade desta intervenção educativa assume o duplo papel de cativar ainda mais os alunos no gosto pela disciplina de Estudo do Meio, bem como mostrar que a sua aprendizagem pode ser feita num ambiente externo à sala de aula, mediante uma proposta didática. Desta forma, a intervenção organizou-se nas seguintes fases:

Tabela 2 - Descrição da investigação

Fases	Datas	Procedimentos	Métodos e Instrumentos de recolha de dados
1.ª	19 fevereiro – 07 março	Preparação do estudo e pesquisa bibliográfica	Observação Não Participante
2.ª	Abril – Maio	Recolha de dados, de modo a definir as questões-problema; seleção e construção das tarefas da proposta didática	Questionário Inicial; análise documental

3.ª	10 abril – 22 maio	Intervenção pedagógica: Aula de Campo nº1 – Os Ecossistemas Aula de Campo nº2 – As Plantas Aula de Campo nº3 – Os Animais	Observação participante; notas de campo; gravação áudio e vídeo; fotografias
4.ª	Maio - Junho	Análise dos dados; conclusões	Questionário Final; análise documental <i>Focus Groups</i>

Tabela 2 - Descrição da investigação: procedimentos e métodos e instrumentos de recolha de dados, de acordo com cada fase da investigação

Assim, foi necessário, primeiramente, conhecer as ideias prévias dos alunos face à disciplina de Estudo do Meio, utilizando-se, para tal, o questionário inicial, realizado de forma individual por cada aluno de ambos os anos. Depois desta ação, realizou-se uma sequência didática, criada pela Professora Estagiária, que engloba a exploração de conteúdos relacionados com o Estudo do Meio, sempre em espaços exteriores à sala de aula. Por fim, foi entregue aos alunos o questionário final, com o objetivo de fazer uma comparação entre as ideias e conhecimentos dos alunos face à disciplina, em relação ao início da intervenção educativa, bem como compreender se a proposta didática foi ou não bem-sucedida.

O questionário final e o *Focus Groups* tiveram de ser calendarizados após o término das regências, uma vez que com a realização das Provas de Aferição do 2.º ano, e sua devida preparação, o tempo para os mesmos fica bastante reduzido.

É de realçar que em cada saída de campo os alunos deveriam estar organizados em grupos mistos, quer em género, quer em ano escolar, de forma a facilitar a realização das tarefas propostas. No início de todas as saídas de campo, foi entregue a cada grupo um folheto informativo, com a explicação do que iria acontecer, bem como um “Kit de Explorador” (**Anexo 7**), uma mochila com todos os materiais necessários para a realização das mesmas. Destes materiais fizeram sempre parte o Guião da saída de campo, com a indicação da temática em estudo e com a descrição dos desafios. As aulas de campo foram, então realizadas em 3 dias diferentes, entre as 13h30 e as 16h45 da tarde, incluindo o tempo de viagem para o local, à volta dos 30 min.

É, também, importante referir, que todas as atividades planeadas para a proposta didática foram pensadas de forma interdisciplinar, de modo a trabalhar todas

as disciplinas ao mesmo tempo. Algumas atividades foram planeadas de forma mais ambiciosa, trabalhando conteúdos que nestes anos letivos não são lecionados.

Aula de Campo nº1 – Os Ecossistemas

Marcada para dia 10 de abril de 2018, esta aula de campo intitula-se “Os Ecossistemas” (**Anexo 8**), e está centrada na exploração do espaço natural envolvente.

Para iniciar a atividade os alunos devem responder a uma adivinha, cuja resposta irá concluir-se que é “Rio Lima”. Virando a página do Guião, encontra-se um mapa com o percurso desde a escola até ao Rio Lima, pretendendo-se aqui que os alunos consigam interpretar um mapa, orientando-se no espaço. O Desafio nº2 implica o uso de um material presente no Kit de Explorador, umas etiquetas com a inscrição “Isto é Estudo do Meio”, Os alunos terão de procurar “coisas”/materiais que considerem que seja parte do Estudo do Meio, colocar a etiqueta sobre tal e fotografar com o telemóvel ou com uma máquina fotográfica, aquilo que encontraram, enquanto escrevem em local próprio o que estão a fotografar. O Desafio nº3 pretende sensibilizar os alunos para os cuidados que se devem ter com o meio ambiente, mantendo-o limpo e saudável. O Kit de Explorador disponibiliza luvas e sacos do lixo, e desta forma pretende-se que os alunos limpem a zona onde se encontram, separando posteriormente o lixo nos ecopontos respetivos. O 4.º desafio centra-se nas cores da natureza, sendo pedido aos alunos que colham algumas pétalas de flores de várias cores e as coloquem num saco presente no Kit, registando num espaço reservado para tal as cores colhidas. O seguinte desafio é um jogo denominado “A importância da floresta!”, em que se pretende que os alunos, através de um jogo de “faz de conta” compreendam a importância das árvores enquanto habitat/ abrigo dos animais.

O 6.º Desafio, um jogo chamado “Seres vivos e seres não vivos!”, dispõe de várias etiquetas colocadas no chão relacionadas com seres vivos e seres não vivos. A Professora Estagiária deve indicar alguns nomes relacionados de seres vivos ou seres não vivos e os alunos têm de se colocar em frente às etiquetas que considerarem corretas. O penúltimo desafio, o nº7, relaciona-se com os cheiros da natureza, em que se pretende que os alunos se sentem no chão e identifiquem os cheiros presentes no ambiente envolvente. O último desafio remete para os sons, tendo os alunos de

identificar os diferentes sons que ouvem, classificando-os em sons humanizados e naturais.

Aula de Campo nº2 – As Plantas

A 2.ª saída de campo, com o tema “As Plantas” (**Anexo 9**), realizou-se no dia 8 de maio de 2018. De forma a melhor identificar os grupos, nesta saída pretendeu-se que eles estejam organizados com nomes de plantas – papoila, cerejeira, pinheiro, macieira e tília –, através de um crachá que cada elemento deve ter pendurado ao pescoço. O objetivo desta atividade é que os alunos conheçam melhor as plantas, sendo o uso do Kit de Explorador novamente essencial para a realização das tarefas propostas.

Tal como acontece na 1.ª saída de campo, que também se vai repetir na 3.ª, a apresentação do Guião é iniciada com uma adivinha à qual os alunos terão de responder para descobrir o local da visita, seguindo-se um mapa com o trajeto para o mesmo. No Desafio nº2, será necessário recorrer ao uso do Kit, utilizando umas molduras lá presentes identificadas com “Árvore”, “Arbusto” e “Herbácea”. Com estas e a câmara fotográfica, os alunos devem tirar fotografias ao que considerarem ser o que está identificado nas molduras, registando aquilo que fotografaram.

O 3.º Desafio refere-se à identificação das partes constituintes das plantas. Neste, os alunos deveriam recolher folhas com diferentes tipos de nervação (uninérvea, paralelinérvea, peninérvea e palminérvea) colocando-as num saco presente no Kit identificado com o nome “Folhas”. O Desafio nº4 remete para o estudo das flores e inflorescências, tendo os alunos de recolher para um saco denominado por “Flores”, flores solitárias e flores organizadas em diferentes tipos de inflorescência (espiga, capítulo, espádice e umbela). O Desafio nº5 pretendia que os alunos recolhessem diferentes tipos de raiz (aprumada e fasciculada). O 6.º Desafio consistia em medir o caule de uma árvore, utilizando um instrumento fornecido no kit e uma fita métrica.

No Desafio nº7 é feita a plantação de dois pinheiros, e no Desafio nº 8 deve ser feita, novamente, a limpeza do espaço envolvente.

Aula de Campo nº3 – Os Animais

A última saída de campo, reservada para o dia 22 de maio de 2018, tem como temática “Os Animais” (**Anexo 10**). Os grupos de trabalho devem ser organizados de acordo com os diferentes grupos, com nomes mediante espécies de animais – animais aéreos herbívoros, animais aéreos carnívoros, animais terrestres carnívoros, animais terrestres herbívoros e animais aquáticos carnívoros (apenas são estes 5 grupo de animais, pois os grupos de trabalho são 5). Depois é pedido a cada grupo que, numa folha, escreva o nome da espécie de animal que lhe foi atribuída, bem como o nome de todos os elementos do grupo, que terão de ter um animal correspondente ao grupo, ou seja, por exemplo, no grupo dos animais aéreos carnívoros, cada elemento tem de ter um nome de animal de acordo com estas características, por exemplo a águia . Desta forma, cada elemento está com um crachá onde está escrita a espécie animal do seu grupo, bem como o nome de um animal que lhe foi atribuído anteriormente.

O Desafio nº1 consiste na adivinha para descobrir o local onde a saída de campo acontece, seguido de um mapa com o trajeto. Os Desafios nº2 e 3 são jogos. O primeiro denomina-se “A importância das árvores para os animais!” e pretende, tal como o título indica, compreender a importância que as árvores têm na vida dos animais, nomeadamente através da produção de oxigénio. Alguns alunos devem imitar animais e outras árvores, sendo que em cada árvore só pode estar um animal. Quando os animais quiserem passar para outras árvores, só o podem fazer sustendo a respiração, só podendo inspirar quando tocam nas árvores. Ao longo do jogo vão surgindo vários acontecimentos que causam o desaparecimento das árvores, sendo que no final não haverá mais árvores, fazendo com que os animais não sobrevivam, pois não existem árvores para o processo de fotossíntese ser realizado. O 3.º Desafio é um jogo chamado “Seres vivos e seres não vivos!”. O 4.º Desafio consiste em encontrar o maior número de animais em 5 minutos e tentar escrever o seu nome.

No Desafio nº5, “Carnívoros e Herbívoros”, os alunos, de acordo com a espécie de animais a que pertencem, devem ser divididos em carnívoros e herbívoros (identificados com um lenço no braço). O jogo consiste em os animais carnívoros apanharem os herbívoros, que apenas se podem salvar tocando numa árvore, mas apenas durante 10 segundos em cada uma, terminando o jogo quando todos os herbívoros forem apanhados. O Desafio nº6, “A Toupeira”, inicia-se numa roda

formada por todos os outros alunos, em que o aluno, a toupeira, tem de dirigir-se a um outro aluno, e quando nele tocar este terá de imitar o som do seu animal, aquele que lhe foi atribuído antecipadamente na organização dos grupos. A toupeira deve adivinhar de que animal se trata e quem é o colega que está a imitar o som. Os papéis trocam-se depois, passando este aluno a ser a toupeira. O 7.º e último desafio consiste em utilizar os binóculos para encontrar algum animal aéreo e depois fotografá-lo. Para saber o nome do animal, os alunos terão de o procurar no livro “Avifauna de Viana do Castelo”, disponibilizado pela Professora Estagiária. Estas atividades, tal como a maioria das outras é interdisciplinar, neste caso específico com a Educação Físico Motora.

Procedimentos de análise de dados

Perante um estudo de natureza qualitativa, acontece ao longo do percurso investigativo surgir grande quantidade de informações recolhidas através dos instrumentos escolhidos (Coutinho, 2014). Assim, é necessário organizar os dados recolhidos de modo a reduzi-los e categorizá-los, para que a sua compreensão seja mais fácil (Bogdan & Biken, 1994; Coutinho, 2014).

No presente estudo, os dados foram recolhidos de forma a dar resposta às questões de investigação, salientando a importância do *focus groups*, que ajudou a compreender o *feedback* dos alunos à proposta didática realizada.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

Apresenta-se nesta seção a análise dos dados recolhidos através da aplicação dos questionários inicial e final, da observação participante, da análise de documentos, do *focus groups* e da proposta didática realizada.

Primeiramente, é feita a análise dos questionários iniciais realizados aos alunos, de forma a compreender os conhecimentos prévios que eles possuíam acerca da matéria. De seguida, serão analisadas as tarefas da sequência didática. Por conseguinte, é feita a análise aos questionários finais realizados também pelos alunos, sendo feita uma comparação com os questionários iniciais. Por fim, é de salientar uma análise feita aos *Focus Groups*, não só ao longo de todo o trabalho, mas também mais numa parte final, dando a conhecer as questões realizadas e as respostas mais pertinentes dos alunos.

Neste contexto, irá compreender-se qual o impacto das saídas de campo nos alunos, se aprenderam melhor os conteúdos de Estudo do Meio e sobre o meio em geral, ou se tiveram mais dificuldades em aprender, e qual a diferença das ideias dos alunos sobre o Estudo do Meio antes e depois das saídas de campo.

Análise dos Questionários Iniciais

Parte 1

Iniciando o estudo, o primeiro passo foi, como já referido, o preenchimento por alunos de ambos os anos letivos do questionário inicial. Este questionário foi preenchido por 22 (13 do 1.º ano e 9 do 2.º ano).

A primeira questão pretendia saber qual a disciplina favorita dos alunos. Como o gráfico 1 revela, apenas 3 alunos indicaram que a sua disciplina favorita era o Estudo do Meio, o que corresponde a 14% dos alunos. A Matemática foi a disciplina mais eleita, com 13 alunos, cerca de 59%.

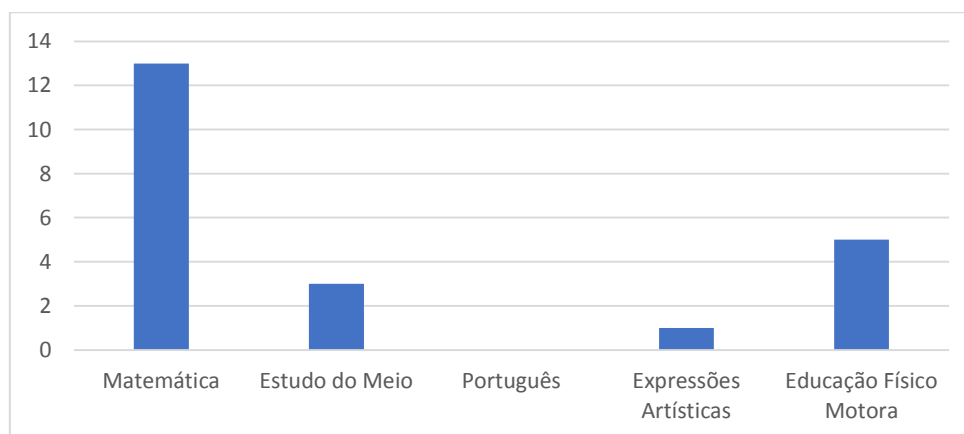


Gráfico 1 - Respostas dos alunos à questão 1 do Questionário Inicial – Parte 1: Qual a tua disciplina favorita?

A 2.ª questão já era mais específica, questionando os alunos se gostavam de Estudo do Meio, tendo de escolher uma opção de resposta entre três: ‘Sim, muito’, ‘Sim, mas pouco’; ‘Não’. As respostas foram bastante positivas, tendo 20 alunos, cerca de 91%, respondido que gostavam muito da disciplina, e apenas 2 alunos, cerca de 9%, terem respondido que gostavam, mas pouco. Nenhum aluno indicou que não gostava de Estudo do Meio, o que foi bastante gratificante e motivador na realização das tarefas para as saídas de campo, uma vez que alunos que gostam da disciplina e da matéria, ficam sempre mais cativados aquando da sua realização.

A 3.ª questão pretendia questionar os alunos, através de opções de resposta fornecidas – ‘Animais’, ‘Contas’, ‘Plantas’, ‘Pinturas’, ‘Histórias para adormecer’ e ‘Rochas’ –, sobre o que é estudado em Estudo do Meio. Os alunos poderiam indicar uma ou mais opções, estando as respostas dadas presentes no gráfico 2. Como é

possível observar, a resposta mais selecionada pelos alunos foi as 'Plantas', com cerca de 73% das respostas, seguida dos 'Animais' com 59% das respostas, o que indica que os alunos percebem que o Estudo do Meio está intimamente ligado ao estudo da fauna e da flora. As respostas menos escolhidas foram as 'Contas' e as 'Rochas', com 32%.

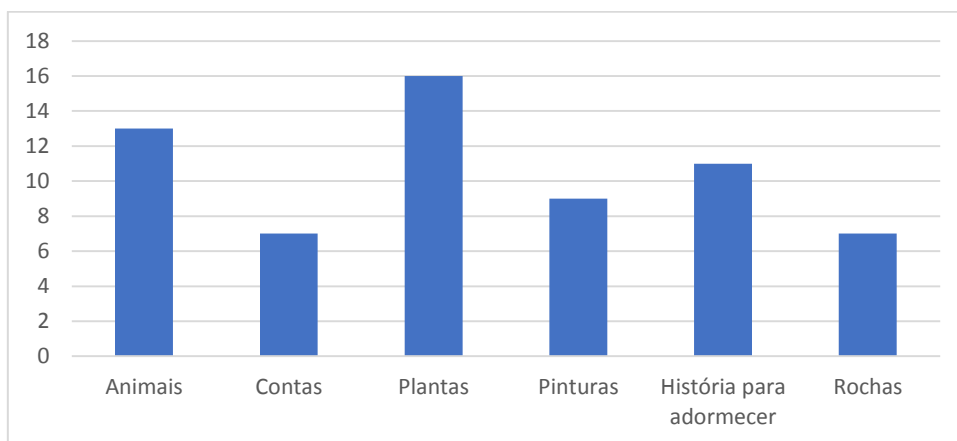


Gráfico 2 - Respostas dos alunos à questão 3 do Questionário Inicial – Parte 1: No Estudo do Meio estudadas...

A questão nº4, questionava os alunos sobre o que era para eles o Estudo do Meio (gráfico 3). As opções de resposta eram: 'Divertido', 'Aborrecido', 'Fácil', 'Difícil' e 'Útil no dia-a-dia'. Como se pode ver através da observação do gráfico 3, 18 alunos (cerca de 82%) responderam que o Estudo do Meio é 'Divertido' e 15 alunos (cerca de 68%) disseram que era 'Fácil'. Por outro lado, apenas 1 aluno (cerca de 5%) considerou que o Estudo do Meio era 'Aborrecido' e 'Difícil'.

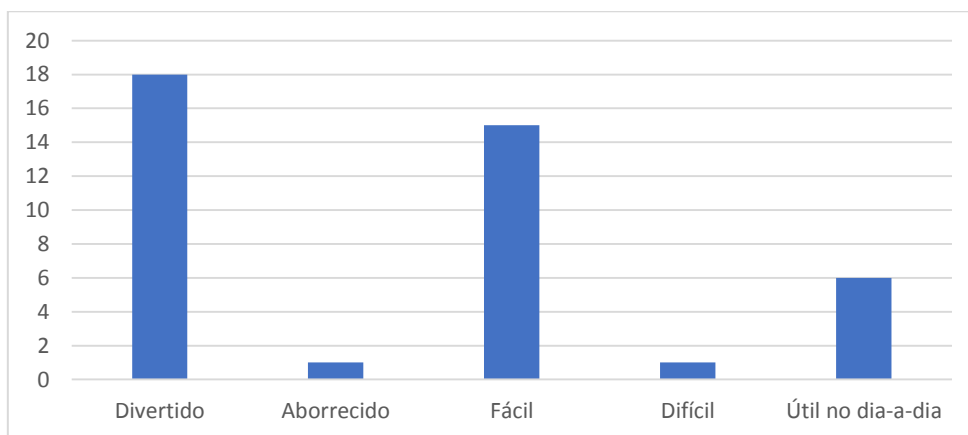


Gráfico 3 - Respostas dos alunos à questão 4 do Questionário Inicial – Parte 1: Para ti, o Estudo do Meio é...

A 5.ª questão, também de cariz pessoal, pretendia saber o que os alunos mais gostavam de fazer nas aulas de Estudo do Meio, de entre as opções de resposta dadas: ‘Fazer fichas do manual’, ‘Ouvir uma história’, ‘Fazer “experiências”’ e ‘Aprender fora da sala de aula’. A resposta mais selecionada, como se observa no gráfico 4, foi ‘Fazer “experiências”’, selecionada por 16 alunos (cerca de 73%), sendo a menos escolhida ‘Aprender fora da sala de aula’, com 3 respostas dadas (cerca de 14%). Estes dados estão de acordo com as palavras de Coelho, A., Vale, V., Figueiredo-Ferreira, A., Duque, I. & Pinho, L. (2015), que ao falar sobre o *outdoor learning* em Portugal referem que “nos dias de hoje as crianças portuguesas passam a maior parte dos seus dias em locais fechados, em atividades organizadas e planeadas por adultos”.

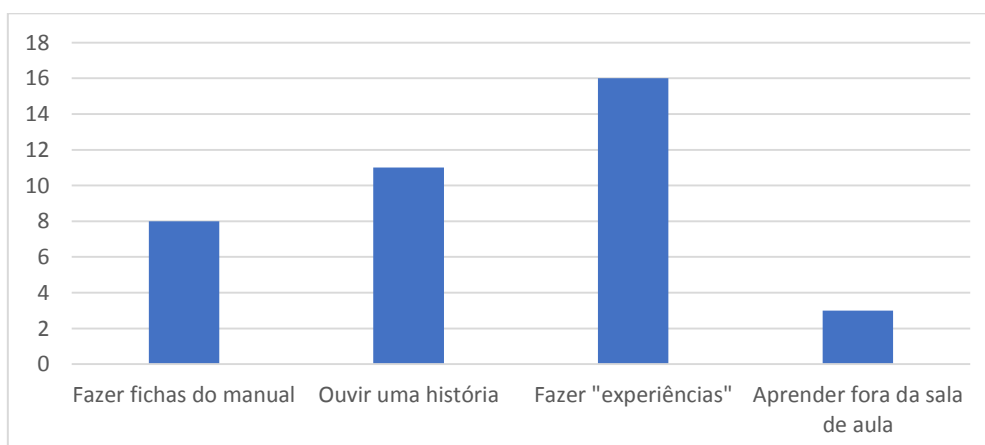


Gráfico 4 - Respostas dos alunos à questão 5 do Questionário Inicial – Parte 1: O que mais gostas de fazer nas aulas de Estudo do Meio?

A última questão pretendia que os alunos, mediante opções de resposta dadas, indicassem onde era possível aprender Estudo do Meio. Como se observa na tabela 2, na 1.ª opção, 21 alunos responderam que ‘a escola’ era um local onde se aprendia Estudo do Meio, e apenas 1 aluno discordou. Apenas 4 alunos indicaram que se poderia aprender Estudo do Meio ‘nas margens de um rio’ e ‘na praia’; 5 alunos indicaram as opções ‘na floresta’, ‘numa gruta’ e ‘no shopping’ e 6 alunos indicaram que se pode aprender ‘num campo agrícola’. A opção ‘nas margens de um rio’ obteve 4 respostas positivas. Quando questionados nas saídas de campo acerca desta

resposta dada, os alunos justificaram dizendo que era algo em que não pensaram como sendo possível, pois nunca tinham feito nada do género anteriormente.

Tabela 3 - Respostas dos alunos à Questão 6 do Questionário Inicial – Parte 1

	Sim	Não
Na escola	21	1
Na praia	4	18
Na floresta	5	17
Numa gruta	5	17
Num campo agrícola	6	16
No shopping	5	17
Nas margens de um rio	4	18

Tabela 3 - Respostas dos alunos à Questão 6 do Questionário Inicial – Parte 1: Podes aprender Estudo do Meio...

Fazendo um breve balanço geral, foi possível verificar que, apesar de os alunos afirmarem gostar de aprender Estudo do Meio e de acharem fácil de compreender, os conhecimentos que possuíam eram bastante vagos, estando mais centrados nos animais e nas plantas.

Parte 2

A 2.ª parte do Questionário Inicial contava apenas com 3 questões, relativas aos seres vivos. A 1.ª questão consistia em assinalar os seres vivos e os seres não vivos, mediante a apresentação de várias opções mostradas através de imagens. Dos dados recolhidos da tabela 4, é de realçar que 3 alunos indicaram que o ser humano não é um ser vivo. Por outro lado, 3 alunos afirmaram que um copo de vidro era um ser vivo. Em todas as restantes opções, a maioria dos alunos estava de acordo com as imagens apresentadas. As imagens que suscitaram mais dúvidas foram os cogumelos, o musgo, o nenúfar e os líquenes. A explicação encontrada para tal, deve-se ao facto de no dia a dia, os alunos pouco contacto terem com eles. No caso do nenúfar é uma planta, logo um ser vivo. Por outro lado, no caso da árvore, os alunos também têm tendência a não

a considerar uma planta, talvez pelo seu tamanho, uma vez que têm a ideia de que uma planta é algo mais pequeno. Desta forma, na ideia de 18% alunos, não “sendo uma planta”, não é um ser vivo. No caso do cogumelo, é muitas vezes indicado nos manuais escolares como sendo uma planta, levando assim a ideias erradas, pois é um fungo. Os líquenes foram apresentados aos alunos numa aula acerca das plantas, dentro da sala de aula, sendo explicado o que era e que não era uma planta, mas sim uma relação simbiótica entre algas e um fungo. Mesmo assim, 54% dos alunos não os consideraram um ser vivo.

Tabela 4 - Respostas do Alunos à Questão 1 do Questionário Inicial – Parte 2

		✓	✗
Opção 1	Árvore	18	4
Opção 2	Cogumelo	12	10
Opção 3	Copo de vidro	3	19
Opção 4	Ser humano	19	3
Opção 5	Musgo	11	11
Opção 6	Nenúfar	14	8
Opção 7	Nuvens	5	17
Opção 8	Sapo	18	4
Opção 9	Libelinha	19	3
Opção 10	Líquenes	10	12
Opção 11	Rio	8	14
Opção 12	Rocha	1	21

Tabela 4 - Respostas do Alunos à Questão 1 do Questionário Inicial – Parte 2: Identificar seres vivos e seres não vivos

Na 2.ª questão, foi pedido aos alunos que referissem 5 seres vivos que conseguissem encontrar perto da escola. As respostas dadas, foram organizadas pela Professora Estagiária em grupos de forma a melhor interpretar os dados da tabela 5. Apesar de algumas respostas serem semelhantes e estarem interligadas, como por exemplo a ‘pomba’ ser um ‘pássaro’, todas foram assinaladas de forma a compreender as respostas dadas. É de realçar que as respostas mais referidas foram nomes de animais, seguido de nomes de plantas, e depois órgãos de plantas. Todavia, foram também referidas respostas que não entravam em nenhum dos grupos, sendo criado um chamado ‘Outros’, que foi onde não foram referidos nomes de seres vivos.

Tabela 5 - Resposta dos Alunos à Questão 2 do Questionário Inicial - Parte 2

Animais	Gato – 6	Lagartixa – 1
	Cão – 8	Joaninha – 2
	Pássaro – 4	Búfalo – 1
	Peixe – 2	Pomba – 1
	Coelho – 1	Caracol – 3
	Sapo – 5	Libelinha – 1
	Cabrita – 7	Mosca – 2
	Cavalo – 1	Formiga – 1
	Borboleta – 7	Traça – 2
	Amigos – 4	Meninos – 2
	Pessoas – 8	Animais – 1
	Plantas	Relva – 1
Musgo – 8		Cravo – 1
Árvore – 15		Plantas – 1
Órgãos de Plantas	Flores – 1	Cebola – 1
	Batata – 1	
Outros	Casulo – 1	Torrada – 1
	Rio Lima – 1	

Tabela 5 - Resposta dos Alunos à Questão 2 do Questionário Inicial - Parte 2: Escreve o nome de 5 seres vivos que podes encontrar perto da tua escola

A última questão pretendia saber se os alunos gostavam de fazer uma saída de campo para conhecer os seres vivos perto da sua escola. Dos 22 alunos que responderam ao questionário, apenas 1 disse que não gostava da ideia. Esta questão foi novamente feita na questão 15 do *Focus Groups*, sendo que 100% dos alunos responderam de forma positiva.

Denota-se, assim, que vários alunos possuem algumas ideias alternativas acerca da disciplina de Estudo do Meio e da distinção entre seres vivos e seres não vivos. Por outro lado, se for pedido para mencionar nomes de seres vivos do meio próximo, torna-se mais fácil para os alunos fazê-lo, no entanto, apenas referiram exemplos de animais e de plantas, estando alguns incorretos, já que confundem seres vivos com órgãos de seres vivos, como foi o caso da batata. Quanto às saídas de campo, 95,5% dos alunos responderam de forma positiva à sua realização, enquanto 4,5% responderam de forma negativa.

Aula de Campo nº1 – Os Ecossistemas

De forma a captar a atenção e a curiosidade dos alunos, que desde cedo se manifestou devido à ansiedade de sair da sala de aula, e tal como já referido no capítulo da Metodologia, a 1.ª questão era uma adivinha que pretendia que os alunos descobrissem onde iria decorrer a primeira saída de campo (figura 5). As respostas foram unânimes, tendo todos os grupos respondido ‘Rio Lima’. A interpretação do mapa do percurso foi feita com muita facilidade por parte dos alunos.

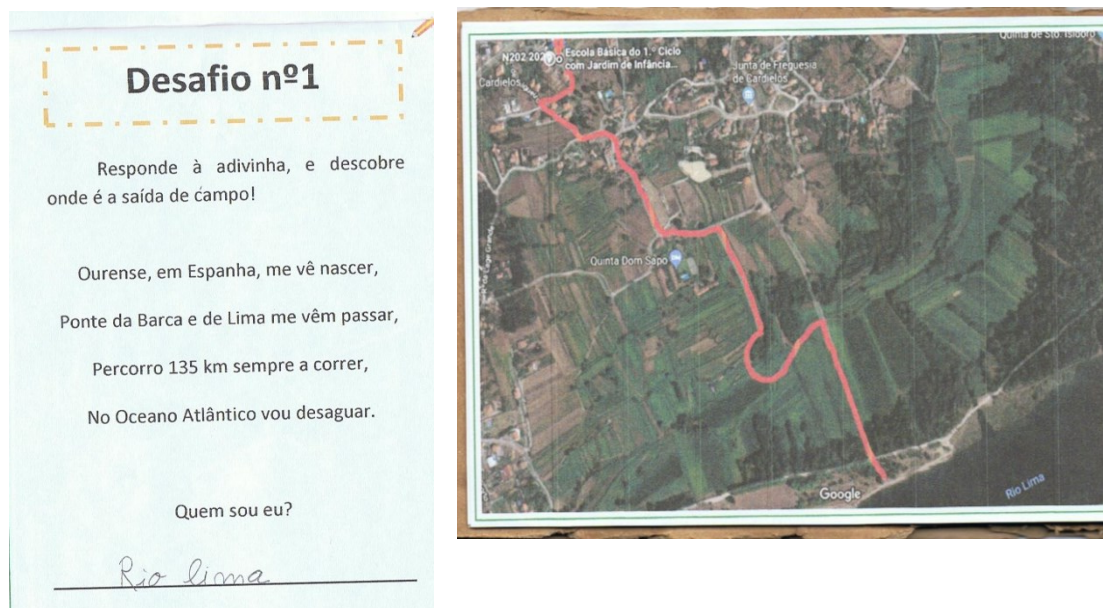


Figura 5 - Guião saída de campo nº1 – Desafio nº1 e mapa

No 2.º desafio, os alunos ficaram muito entusiasmados por terem de usar a máquina fotográfica e o telemóvel para registarem “coisas”/materiais” que considerassem estar relacionados com o Estudo do Meio. A atividade foi realizada de forma muito positiva, tendo os grupos registado quase sempre elementos naturais, como plantas e partes de plantas (pinhas, folhas, flores) e rochas (figura 6).





Figura 6 - Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº2

O 3.º desafio pretendeu que os alunos limpassem a zona envolvente, utilizando os materiais disponibilizados pelo Kit de Explorador. Posteriormente, o lixo foi separado nos devidos ecopontos (figura 7).

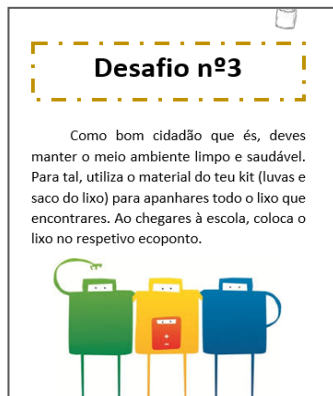


Figura 7 - Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº3

O 4.º desafio pretendeu que os alunos identificassem e explorassem as cores das pétalas (figura 8). Desta forma, tiveram de recolher pétalas de várias cores e escrevê-las no Guião.



Figura 8 - Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº4

O 5.º desafio era um jogo denominado “A importância da floresta!”. Os alunos participaram com muito entusiasmo no jogo, compreendendo a importância das árvores como casa/abrigo (figura 9). No Guião era pedido que os alunos, depois de o jogo terminar, indicassem um ou mais motivos pelos quais a floresta é tão importante para os animais. Esta avaliação foi feita oralmente por todos os grupos, que rapidamente deram respostas como, “a floresta é fonte de alimentação dos animais”, “a floresta protege os animais”, “é a casa dos animais, as árvores protegem os animais”. Como se pode confirmar, os alunos conseguiram compreender, através do jogo, a importância que as árvores têm na vida animal.



Figura 9 - Saída de campo nº1 – Fotografias do desafio nº5

O 6.º Desafio, um jogo chamado “Seres vivos e seres não vivos!”, seria realizado um último lugar, mas por falta de tempo tal não foi possível.

O desafio nº7 dizia respeito aos cheiros da natureza. A Professora Estagiária propôs aos alunos que identificassem os cheiros que estavam à sua volta. As respostas foram muito variadas, tendo os alunos identificado cheiros de elementos da natureza,

nomeadamente da flora, bem como cheiro de lixo e de fumo, justificável pois existe uma fábrica no outro lado da margem do Rio Lima. As respostas mais dadas são 'rio', 'flores', 'árvores', 'ervas', 'areia', 'lixo' e 'fumo' (figura 10). Algumas destas repostas, como 'rio' e 'areia' provocaram algumas questões por parte da Professora Estagiária, mas quando pediu aos alunos para explicar o porquê de terem referidos esses cheiros, os alunos não conseguiram dar uma resposta concreta. Desta forma, denotou-se que, apesar de os alunos terem de identificar cheiros, acabaram por nomear alguns elementos porque sabiam que eles lá estavam, empregando de forma errada o sentido da visão, quando apenas se pretendia empregar o olfato.

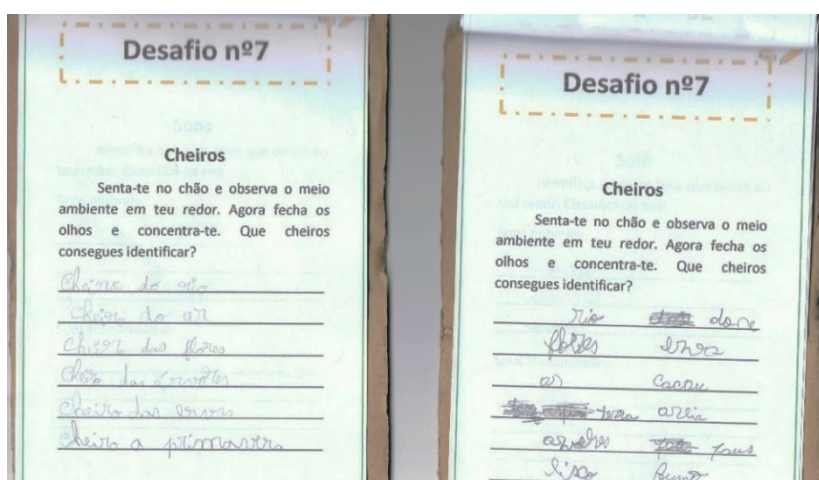


Figura 10 - Guião saída de campo nº1 – Respostas ao desafio nº7

No último desafio, os alunos teriam de identificar sons, separando-os entre naturais e humanizados. Os grupos referiram todos os mesmos elementos, tendo conseguido categorizá-los sem problemas. Como sons naturais, os alunos referiam 'rio' e 'pássaro'. Como sons humanizados foi referido 'trator', 'carro' e 'fábrica' (figura 11).

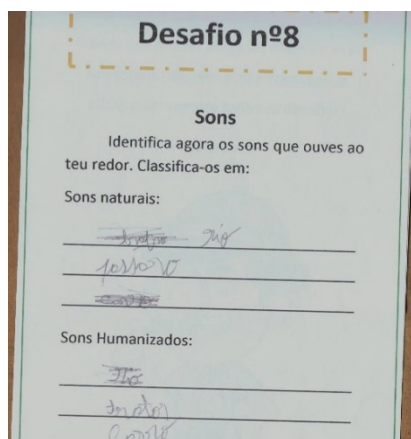


Figura 11 - Guião saída de campo nº1 – Respostas ao desafio nº8

Globalmente, esta primeira aula de campo, apesar de algumas dificuldades na gestão do tempo, correu de forma muito positiva. Os alunos mostraram-se sempre muito entusiasmados e empenhados na realização das tarefas, mostrando que possuem alguns conhecimentos sobre o Meio envolvente da escola.

No final da primeira aula de campo foi entregue a cada aluno uma tabela de satisfação, de modo a receber um breve *feedback* da aula e compreender o que sentiam os alunos com a realização da mesma. Esta tabela estava organizada com 5 níveis, desde um *smile* muito feliz até um muito triste (figura 12). Dos 21 participantes, 3 seleccionaram o 2.º *smile* da escala, tendo ficado felizes e satisfeitos com a aula de campo, e os restantes 18 seleccionaram o 1.º *smile* da escala, tendo ficado muito felizes e muito satisfeitos. Esta avaliação é muito satisfatória, denotando que os alunos gostaram realmente desta primeira experiência de aprendizagem fora da sala de aula.



Figura 12 - Tabela de satisfação

Aula de Campo nº2 – As Plantas

O 1.º desafio corresponde novamente à adivinha que indica o local da saída de campo. Mais uma vez os alunos não tiveram qualquer dificuldade em desvendar a resposta à adivinha – ‘Didu bar’ (figura 13). Seguiu-se o mapa do trajeto, que os alunos conseguiram interpretar sem qualquer dificuldade.

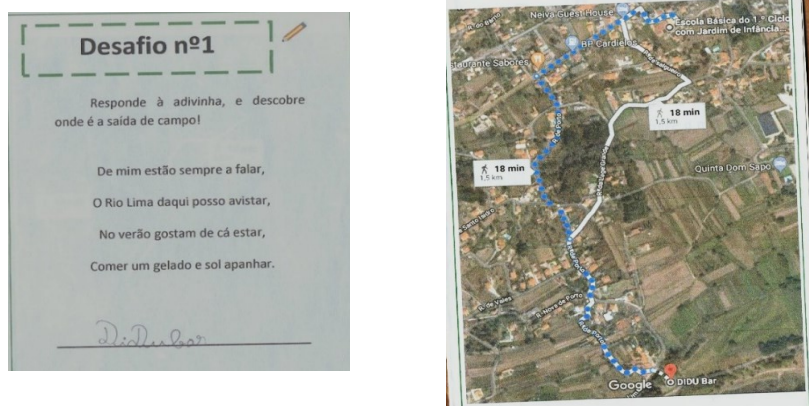


Figura 13 - Guião saída de campo nº2 – Desafio nº1 e mapa

No 2.º desafio, os alunos utilizaram as molduras do kit para identificar árvores, arbustos e herbáceas, tirando fotografias com a máquina fotográfica. Esta foi talvez a atividade mais engraçada para eles, pois realizaram-na sem grandes dificuldades, e aproveitaram para se “emoldurarem” (figura 14).



Figura 14 - Saída de campo nº2 – Fotografia do desafio nº2

No seguinte desafio, os alunos teriam de recolher folhas com diferentes tipos de nervação – uninérvea, paralelinérvea, peninérvea e palminérvea. Apesar de todos os grupos terem conseguido recolher pelo menos uma amostra de cada tipo de folha, esta tarefa tornou-se um pouco complicada, tendo levado mais tempo a realizar do

que seria de esperar, uma vez que os alunos tiveram alguma dificuldade em distinguir os diferentes tipo de nervação (figura 15).



Figura 15 - Guião saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº3

No 4.º desafio os alunos tinham de identificar diferentes tipos de flores solitárias ou organizadas em inflorescências –. Apesar dos alunos terem revelado algumas dificuldades em identificar as flores, no final a atividade foi realizada sucesso por todos os grupos. Todos conseguiram encontrar e guardar no saco de amostras flores solitárias e flores organizadas em diferentes tipos de inflorescências – espiga, capítulo, solitária e umbela (figura 16).



Figura 16 - Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº4

O 5.º desafio consistia em encontrar e recolher pelo menos um exemplo de cada tipo de raiz das plantas – aprumada e fasciculada. Nesta tarefa, os alunos tiveram

menos dificuldades, não tendo qualquer problema em “meter mãos à obra” e remexer no solo para encontrar as raízes (figura 17).



Figura 17 - Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº5

O 6.º desafio pretendia que os alunos medissem a altura de uma árvore, utilizando o instrumento fornecido (figura 18). Esta atividade suscitou muita curiosidade por parte dos alunos que se mostraram muito entusiasmados. Todos quiseram participar ativamente, mostrando-se perplexos com a forma como seria obtida a medida da altura.

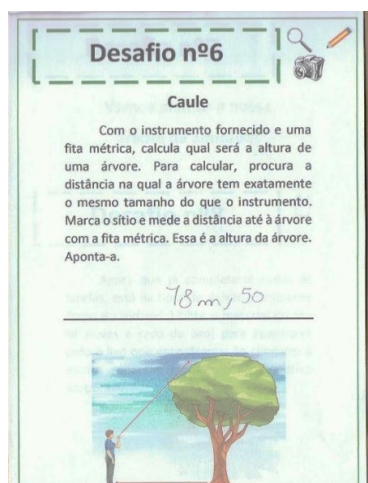


Figura 18 - Guião saída de campo nº2 – Fotografias de um grupo a realizar o desafio nº6

O penúltimo desafio consistia em plantar uma árvore. Esta atividade foi realizada em grande grupo, tendo todos os grupos participado ao mesmo tempo. A árvore plantada foi um cedro, conseguido pela Professora Estagiária (figura 19). O local escolhido foi perto de outras árvores, onde o solo estivesse mole e de fácil acesso.

Depois de plantado, perguntou-se aos alunos do que necessitava o cedro para crescer, tendo indicado luz e água.



Figura 19 - Guião saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº7

Para terminar esta saída de campo, foi feita uma pequena limpeza do espaço. O lixo foi depois separado nos devidos ecopontos (figura 20).



Figura 20 - Saída de campo nº2 – Fotografias do desafio nº8

Esta segunda aula de campo correu dentro do planeado, com apenas duas atividades a demorar um pouco mais de tempo que o previsto. Desta vez, optou-se por uma aula de campo em que o Guião fosse orientador, mas que não necessitasse de

atividades em que fosse necessário o registo escrito, de forma a que os alunos pudessem estar mais em contacto com a natureza, e não preocupados em apontar os dados. Este tipo de atividades mais prática funciona muito bem, pois estavam muito empenhados e atentos, por exemplo, na procura das partes das plantas. Não foi possível o preenchimento da tabela de satisfação, pois não houve tempo.

Aula de Campo nº3 – Os Animais

Não fugindo à regra das outras aulas de campo, também esta iniciou com uma adivinha sobre o local onde se ia realizar, desta vez o mesmo da 2.ª aula de campo, seguido do mapa do seu percurso (figura 21).

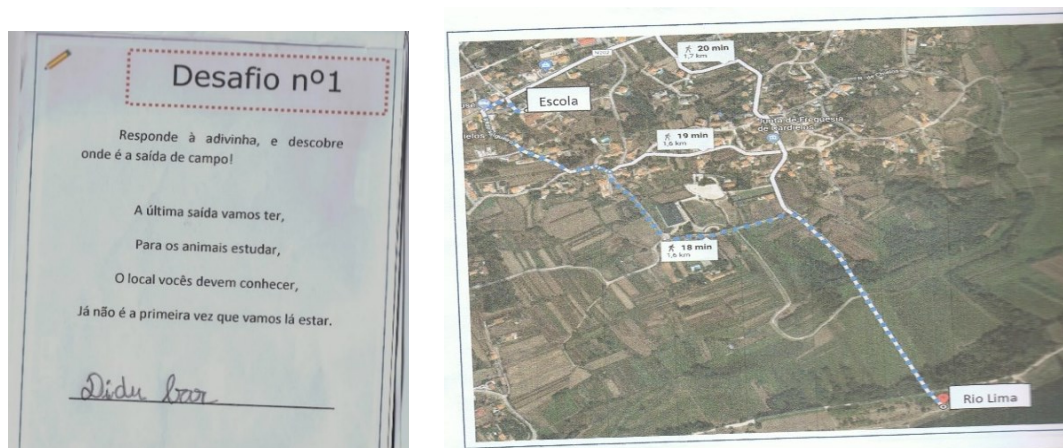


Figura 21 - Guião saída de campo nº3 – Desafio nº1 e mapa

O 2.º desafio, o jogo “A importância das árvores para os animais!”, descrito na Metodologia, resultou muito bem, os alunos aderiram com entusiasmo e cumpriram as regras sem qualquer problema. A atividade acabou por demorar um pouco mais, pois os alunos gostaram dela de tal forma que quiseram repeti-la (figura 22).





Figura 22 - Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº2

O 3.º desafio, o mesmo que o 6.º desafio da saída de campo nº1, durante a saída campo a Professora Estagiária achou melhor fazê-lo no final de todas as atividades. Não foi possível realizar o desafio n.º 3 devido à falta de tempo.

O 4.º desafio consistia em encontrar o maior número de animais em 5 minutos e escrever os seus nomes no Guião. Esta atividade despertou a atenção dos alunos, pois andaram a mexer a no solo, nas herbáceas, nas árvores, nas rochas, à procura de animais. A certa altura, existia quase uma competição para ver quem conseguia encontrar o animal maior. Depois de terem apanhado os animais, os alunos identificaram-nos como sendo insetos observando-os através da lupa uma vez que eram constituídos por duas antenas, duas asas, três pares de patas e corpo dividido em três partes (figura 23). Os alunos não conseguiram identificar a espécie, logo não escreveram o seu nome no Guião. No final da identificação do animal, os alunos soltaram os animais novamente no mesmo espaço. Os alunos não tiveram qualquer problema em pegar nos insetos com a mão e colocá-los dentro dos frascos de recolha. Como já foi referido, o contacto com a natureza é essencial no desenvolvimento da criança: os sentidos ficam mais apurados, estimula a criatividade, aumenta a eficácia do sistema imunitário, tem um efeito calmante, entre outros (Coelho et al., 2015).



Figura 23 - Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº4

Para a realização do 5.º desafio, antecipadamente os grupos foram separados por grupos de animais – carnívoros e herbívoros (figura 24). Neste jogo, os animais carnívoros teriam de apanhar os animais herbívoros (que já estavam identificados com um lenço no braço). Estes apenas se podiam salvar durante 10 segundos ao tocar numa árvore. Inicialmente, o jogo começou por correr sem nenhum percalço, contudo com o passar do tempo, começou a haver conflitos quanto ao tempo que o herbívoro estava na árvore, tendo a Professora Estagiária de ser mais rigorosa na contagem do tempo. Por outro lado, os animais carnívoros integraram o seu papel tão a fundo, que “atacavam” mesmo os colegas herbívoros, algumas vezes, com algum exagero na força usada. Depois, voltaram a jogar de forma mais organizada. No final, os alunos adoraram os seus papéis e deram a sugestão de os inverter, sabendo que na vida real tal não era possível...



Figura 24 - Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº5

O último desafio realizado, o 6.º, foi o jogo “A toupeira!”. Este jogo foi muito engraçado, pois pretendia que os alunos descobrissem novos animais, os sons por eles feitos, bem como o colega que os estava a fazer, despertando nos alunos o seu lado mais criativo (figura 25).



Figura 25 - Saída de campo nº3 – Fotografias do desafio nº6

O 7.º e último desafio consistia em utilizar os binóculos para encontrar um animal aéreo e depois fotografá-lo. Para saber o nome do animal, os alunos teriam de o procurar no livro “Avifauna de Viana do Castelo”, disponibilizado pela Professora Estagiária. Esta atividade também não foi possível realizar por falta de tempo.

Esta última aula correu com alguns imprevistos a nível do tempo, não sendo possível realizar duas atividades do Guião (os desafios nº3 e nº7). Neste dia, notou-se que os alunos estavam mais agitados, e como estava um ótimo dia, queriam andar a brincar pelo espaço envolvente. Contudo, as atividades realizadas foram bem-sucedidas e do agrado dos alunos. Tal como na 2.ª aula de campo, também nesta não foi possível preencher a tabela de satisfação pois não houve tempo.

No geral, as aulas de campo correram de forma positiva, conseguindo inculcar nos alunos os conteúdos de Estudo do Meio de uma forma mais natural, diferente, prática e divertida. Aprender fora da sala de aula, tal como já foi dito antes, “promove a motivação, a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de trabalhar em equipa dos alunos, contribuindo para uma melhor compreensão da ciência e do processo científico” (Ciência Viva, 2018).

Apesar de alguns contratempos com a gestão do tempo, o que é normal quando se está dependente das condições climatéricas, do tempo de deslocação aos locais da aula, bem como dos diferentes ritmos dos alunos, as atividades realizaram-se sem grandes dificuldades e as que surgiram foram facilmente ultrapassadas. Dispor a turma em grupos, identificados com nome de plantas, na 2.ª saída, e nome de animais, na 3.ª saída, resultou numa melhor organização e facilidade na realização das tarefas. Deste modo, os grupos mostraram-se mais unidos, resultando num reforço do trabalho de equipa, pois lutavam por um produto comum.

Análise dos Questionário Finais

Parte 1

Depois de realizar as aulas de campo, pondo em práticas os conhecimentos dos alunos, aplicaram-se os Questionários Finais, de modo a perceber o impacto que as atividades tiveram na sua aprendizagem, se adquiriram mais conhecimentos e se modificaram as ideias alternativas com que inicialmente partiram para as aulas de campo.

O questionário foi respondido por 20 alunos (11 do 1.º e 9 do 2.º ano).

Relativamente ao gosto pela disciplina, como se observa no gráfico 5, o Estudo do Meio foi a única disciplina que teve um aumento no número de preferências, ainda que apenas 2 alunos (subiu de 14% para 25%), tendo todas as outras disciplinas sofrido uma diminuição na preferência.

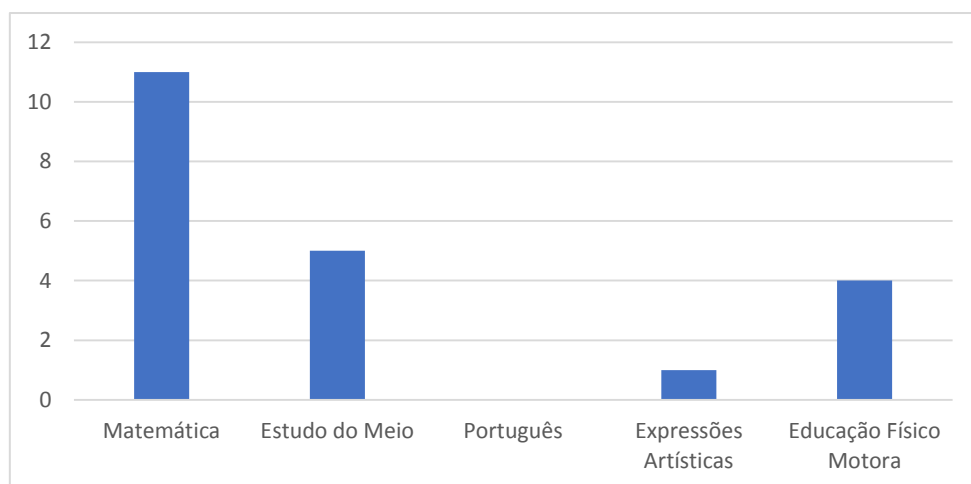


Gráfico 5 - Resposta dos alunos à questão 1 do Questionário Final – Parte 1: Qual a tua disciplina favorita?

Em relação à 2.ª questão, a preferência também aumentou. No Questionário Inicial, 90% dos alunos responderam ‘Sim, muito’, quando questionados se gostavam de Estudo do Meio. No Questionário Final, esta resposta aumentou para 95% (gráfico 6).

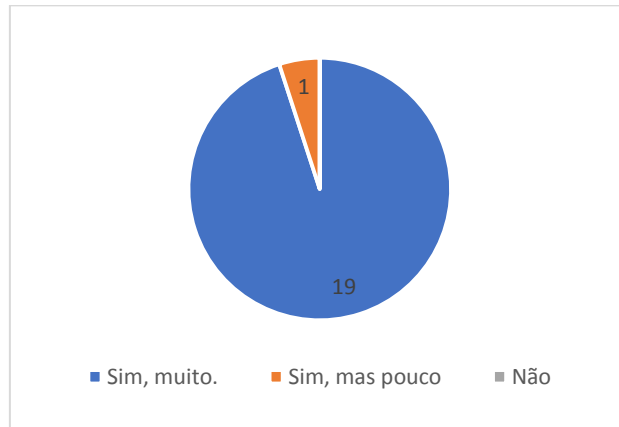


Gráfico 6 - Resposta dos alunos à questão 2 do Questionário Final – Parte 1: Gostas de Estudo do Meio?

Na 3.ª questão, os valores alteraram-se bastante em relação ao Questionário Inicial (gráfico 7). Nota-se que realmente os alunos aprenderam mais acerca do Estudo do Meio e do seu objeto de estudo. Enquanto nos Questionário Iniciais os alunos responderam em grande número que no Estudo do Meio se estudavam ‘Contas’ (32%), ‘Pinturas’ (41%) e ‘Histórias para adormecer’ (50%), desta vez ‘Contas’ obteve 15%, sendo que as outras duas categorias diminuíram para 0. Desta forma, depois das saídas

de campo, os alunos identificaram 'Animais' (95%), 'Plantas' (95%) e 'Rochas' (100%) como os principais objetos de estudo da disciplina, o que realmente está de acordo com o estudado no exterior.

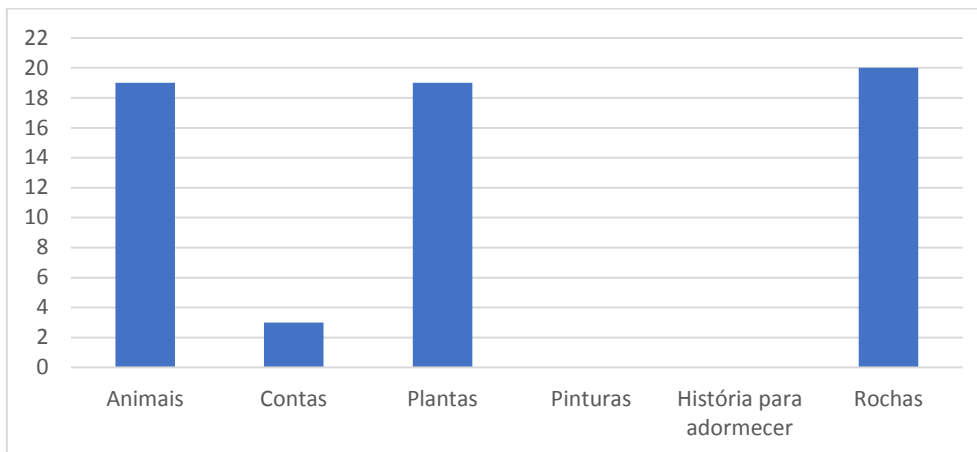


Gráfico 7 - Respostas dos alunos à questão 3 do Questionário Final – Parte 1: No Estudo do Meio estudas...

Na 4ª questão, os valores apenas sofreram alterações mínimas (gráfico 8). Desta vez, nenhum aluno considerou o Estudo do Meio 'Aborrecido' e 'Difícil', o que se considera bastante positivo, tendo as aulas de campo melhorado o conceito pessoal da disciplina. A opção 'útil no dia a dia' aumentou de 27% no Questionário Inicial para 35% no Final.

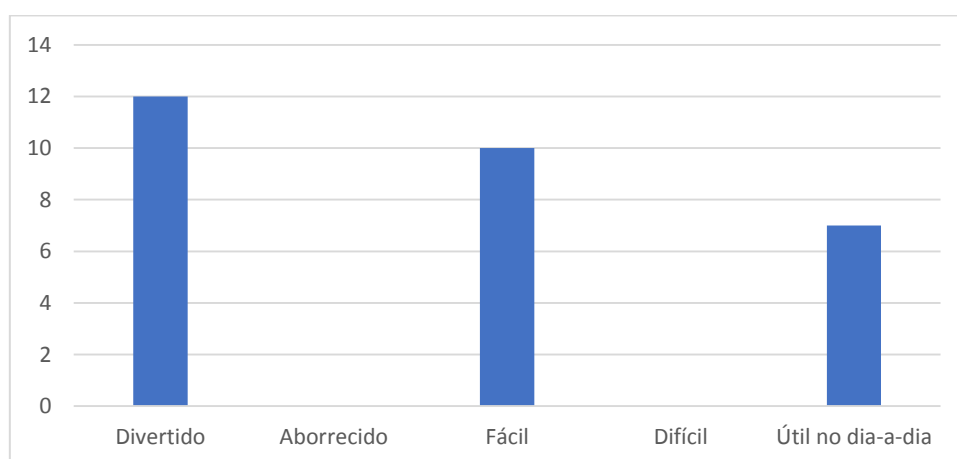


Gráfico 8 - Respostas dos alunos à questão 4 do Questionário Final – Parte 1: Para ti, o Estudo do Meio é...

As aulas de campo também mudaram a opinião dos alunos relativamente às preferências pessoais sobre o que gostavam de fazer nas aulas de Estudo do Meio. Todas as categorias sofreram um decréscimo, à exceção de 'Aprender fora da sala de aula' que aumentou de 14% para 50% (gráfico 9).

Durante o *Focus Groups*, a PE questionou os alunos se 'Preferiam ficar na sala de aula a explorar os conteúdos ou fazer as aulas de campo?'. As respostas foram, sem exceção, que preferiam 'explorar lá fora'. Respondendo ao 'porquê?' da PE, disseram que no exterior existiam 'plantas', 'natureza', 'estamos ao ar livre', 'é mais divertido' e 'podemos fazer jogos'. Outras respostas ouvidas, e que não reuniram consenso em todos os alunos, são 'não temos animais dentro da sala de aula' e há 'mais espaço', sendo contestadas pelos alunos A1 e A2 que disseram que:

A1 – 'Ai temos, temos, já tivemos uma borboleta' e 'aqui também temos muito espaço!'

A2 – 'Mas lá fora tens mais espaço!'



Gráfico 9 - Respostas dos alunos à questão 5 do Questionário Final – Parte 1: O que mais gostas de fazer nas aulas de Estudo do Meio?

A última questão deste Questionário Final (tabela 6), revelou respostas muito diferentes das dadas no Questionário Inicial. Depois das aulas de campo, a maioria dos alunos considerou que o Estudo do Meio pode ser aprendido em praticamente todo o lado. Aprender Estudo do Meio 'numa gruta' foi o local que suscitou mais dúvidas, mas mesmo assim com votos muitos diferentes dos dados anteriormente. Apesar disso, houve 5 alunos que consideraram não ser possível aprender Estudo do Meio 'nas margens de um rio', apesar de todas as saídas de campo terem sido junto ao Rio Lima.

Quando questionados novamente no *Focus Groups* se tal era possível, todos os alunos estavam de acordo que sim, que nas ‘margens de um rio’ era possível estudar Estudo do Meio, contradizendo as respostas do Questionário Final.

Tabela 6 - Respostas dos alunos à Questão 6 do Questionário Final - Parte 1

	Sim	Não
Na escola	19	1
Na praia	17	3
Na floresta	16	4
Numa gruta	13	7
Num campo agrícola	16	4
No shopping	17	3
Nas margens de um rio	15	5

Tabela 6 - Respostas dos alunos à Questão 6 do Questionário Final - Parte 1: Podes aprender Estudo do Meio...

No *Focus Groups*, a 1.^a questão foi sobre onde é possível estudar o meio. As respostas dos alunos foram ‘no rio’, ‘na praia’, ‘no autocarro’, ‘na floresta’, ‘na escola’, opções de resposta que apareciam nos questionários. Depois, houve um aluno que respondeu ‘no shopping’, e quando questionado ‘porquê?’, justificou dizendo que existia comida, plantas e pessoas, sendo importante falar na relação entre pessoas. Outro aluno respondeu ‘em casa’. A PE perguntou ‘Porque podemos estudar em casa? O que lá encontramos?’, ao que ele respondeu que existem os trabalhos de casa, as plantas, os animais e água.

Quando a PE perguntou ‘Só é possível estudar o meio num espaço exterior?’, todos os alunos responderam sem hesitar que ‘não’, dando exemplos de ‘shopping’ e ‘casa’, respondendo à pergunta seguinte que era ‘Onde é possível estudar o meio num espaço interior?’.

Parte 2

Na 1.^a questão, os alunos deveriam indicar as imagens que correspondiam a seres vivos e a seres não vivos, notou-se que não houve grande dificuldade, respondendo quase sempre 100% dos alunos à resposta correta. A única opção que suscitou dúvidas foi o ‘Rio’, que para 55% alunos é considerado um ser vivo, mais

respostas do que tinha acontecido no Questionário Inicial, com 36% (tabela 7). Esta questão pode indicar que os alunos confundiram um ecossistema rico em seres vivos, com um ser vivo.

Tabela 7 - Respostas dos alunos à Questão 1 do Questionário Final - Parte 2

		✓	✗
Opção 1	Árvore	20	0
Opção 2	Cogumelo	18	2
Opção 3	Copo de vidro	0	20
Opção 4	Ser humano	20	0
Opção 5	Musgo	16	4
Opção 6	Nenúfar	18	2
Opção 7	Nuvens	2	18
Opção 8	Sapo	20	0
Opção 9	Libelinha	20	0
Opção 10	Líquenes	16	4
Opção 11	Rio	11	9
Opção 12	Rocha	0	20

Tabela 7 - Respostas dos alunos à Questão 1 do Questionário Final - Parte 2: Identificar seres vivos e seres não vivos

Quando questionados sobre a aula de campo que mais gostaram, os alunos mostraram algum descontentamento em ter de escolher apenas uma opção. Mesmo assim, 75% dos alunos assinalaram a 1.ª (Os Ecossistemas) e a 2.ª (As Plantas) saída de campo, enquanto que 90% assinalaram a 3.ª saída (Os animais). Estes dados foram confirmados pelas respostas dadas no *Focus Groups* à mesma questão:

A1 – ‘Gostei de todas’

A3 – ‘A 1ª saída de campo, porque fizemos o jogo das plantas, (...) ouvimos os sons da natureza’

A4 – ‘A dos animais, porque gosto muito de animais’

A7 – ‘A dos animais por causa dos jogos’

A questão também realizada no *Focus Groups* ‘Qual a atividade que mais gostaram de realizar?’, também está de acordo com estes dados, pois as respostas dadas são atividades realizadas na 3.ª saída de campo:

A4 – ‘A das plantas, em que tínhamos de medir o tronco das árvores’

A7 – ‘O jogo dos animais e das árvores’

A1 e A4 – ‘Quando apanhámos aqueles bichos’

A2 – ‘De todas’

A8 – ‘Da atividade dos herbívoros e dos carnívoros’

Por outro lado, na segunda parte da questão, quando questionados com a aula que menos gostaram, os alunos falaram que não conseguiam mencionar nenhuma, pois haviam gostado de todas. Desta forma, apenas 2 alunos responderam a esta questão, mencionando a 1.ª aula de campo como a que menos gostaram.

Por último, os alunos foram questionados se as saídas de campo que realizaram foram úteis para aprender Estudo do Meio e todos responderam afirmativamente.

Pela disparidade das respostas dos alunos no Questionário Inicial e no Questionário Final, percebe-se que as aulas de campo foram uma mais-valia na aprendizagem de conteúdos do Estudo do Meio. Como defendia Fernandes, Vale e Palhares (2016), os contextos de ensino aprendizagem não formais, fora da sala de aula, privilegiam “experiências de interação entre indivíduos e entre estes e o meio ambiente” (p. 100).

Partindo das ideias que os alunos tinham, organizaram-se atividades que os fizessem compreender se estavam ou não a pensar de forma correta, bem como a explorar de forma prática e próxima os conteúdos corretos. Os alunos acolheram bem a forma como os conteúdos foram explorados, mostrando sempre um grande entusiasmo e uma enorme vontade de aprender. Sair do ambiente “normal” de aprendizagem é bom para captar a atenção dos alunos e levá-los a descobrir o ambiente envolvente, sempre sem perder a alegria, a agitação e a curiosidade características das crianças. O contacto com o meio ajuda o aluno a compreender a importância dos ensinamentos aprendidos na escola, quando levados para a vida quotidiana (Jordet, 2008).

Focus Groups

Este método de recolha de dados foi bastante produtivo, tendo os alunos participado ativamente, respondendo às questões propostas. Praticamente todos os alunos se mostraram de acordo com as respostas que foram sendo dadas, à exceção de um, que no final mostrou o seu desagrado em relação às aulas de campo, fazendo

com que os colegas se ‘revoltassem’ um pouco. Como a conversa foi sempre seguindo um fio condutor, os alunos responderam às questões de forma natural, não sendo necessário a Professora Estagiária fazê-las todas diretamente.

Várias das questões feitas neste *Focus Groups* foram sendo analisadas ao longo de estudo. Contudo, são de evidenciar as seguintes apresentadas, não só pelas respostas e justificações dadas pelos alunos, mas também o seu impacto na análise dos dados, quando comparados também com os questionários.

Quando questionados acerca dos aspetos positivos e negativos das 3 saídas de campo, os alunos responderam:

A9 – ‘Para mim acho que correu tudo bem, mas a coisa que correu mais bem foram os jogos. A caminhada também.’

A10 – ‘Eu gostei de tudo’

Na 2ª saída, os alunos salientaram que o seu comportamento não foi o melhor.

Na 3ª saída, os alunos consideraram que estavam muito excitados e que por isso algumas atividades não correram da melhor maneira.

A11 – ‘No último dia (da 3.ª saída) empurramo-nos nos jogos’

A6 – ‘Toda a gente levou vermelho (na avaliação)’

A4 – ‘Toda a gente aleijava toda a gente’ e ‘No jogo da roda, ninguém se calava’

A3 – ‘Estavam todos a empurrar-se uns aos outros’

Quando questionados se ‘Sentiram medo? E nojo?’, as respostas foram:

A4 – ‘Quando meti a mão no buraco e subiu um aranhaço pelo braço acima do A5, depois foi até à cabeça e depois ele meteu-o no meu copo’

A6 – ‘Do A13 a apanhar o bicho’

Na questão ‘Na vossa opinião, as aulas de campo foram úteis para aprender mais sobre os seres vivos?’. as respostas foram todas positivas, sendo de salientar as seguintes justificações:

A4 – ‘Que os animais só conseguem sobreviver com as árvores’

A5 – ‘A importância do Estudo do Meio, das plantas e dos animais’

A PE questionou ‘Onde gostariam de fazer uma aula de campo no futuro?’, e obteve respostas várias:

A4 – ‘Num trail’
A7 – ‘Num navio’ e ‘No Egito’
A9 – ‘No Monte de S. Silvestre’ e ‘Em Cerveira’
A5 – ‘Em Lisboa’
A13 – ‘Num comboio’
A15 – ‘No Brasil’

A questão ‘O que aprenderam mais ao longo destas aulas de campo?’ foi a que originou um debate mais alargado, pois foi quando um aluno não concordou com os restantes colegas, contradizendo as respostas dos questionários, gerou uma troca de justificações acerca da resposta por si dada.

A1 – ‘Muita coisa. Animais, plantas...’

A5 – ‘Mais sobre o Estudo do Meio’

A16 – ‘Nada’

A resposta do A16 foi a que gerou mais ‘polémica’ e desencadeou o debate:

PE – ‘Então tu achas que não aprendeste nada?’

A16 – ‘Sim’

PE – ‘Então, mas tu ao bocado disseste-me que querias fazer mais saídas de campo e que gostaste. Então estás a dizer que não aprendeste nada?’

A1 – ‘Então tu não aprendeste nada?!’

A16 – ‘Sim’

PE – ‘Porque é que achas que não aprendeste nada?’

A16 – ‘Não aprendi nada porque acho que não aprendi nada’

PE – ‘Tens de me dar uma justificação. (...) Tivemos a saída das plantas, não aprendeste nada?’

A16 – ‘Só aprendi alguma coisa na dos animais’

PE – ‘Nós tivemos aquela atividade em que tínhamos uns alunos a fazer de árvores e outros a fazer de animais, certo? (...) O que aprendemos com essa atividade?’

A4 – ‘Que os animais não podiam viver sem as árvores!’

PE – ‘E porquê? (...)’

A1 – ‘Perdem o oxigénio’

A4 – ‘E não se conseguem esconder das presas.’

A1 – ‘Não, dos predadores!’

PE – ‘As árvores servem de refúgio para os animais. Vemos o caso dos esquilos... onde é que os esquilos se escondem?’

A16 – ‘Nas tocas’

Todos – ‘Não, nas árvores!’

A16 – ‘Nas tocas que tem nas árvores’

PE – ‘Então se não houvesse árvores, onde é que os esquilos se vão esconder?’

A4 – ‘Não têm nenhum sítio’

A16 – ‘Debaixo da terra’

Todos – ‘AH?!’

PE – Tu próprio acabaste de dizer que as tocas dos esquilos são nas árvores. E se eu disser que não há árvores, onde é que o esquilo se vai esconder? (...) Onde fica a sua casa?’

(...)

Todos – ‘Não tem... (...) e não há oxigénio’

A9 – ‘Os predadores vão apanhá-lo’

Continuando esta conversa, o aluno A16 continuou a dizer que o esquilo se podia esconder no chão, sendo-lhe novamente explicado que a sua casa é nas árvores e que se estas não existem, ele não tem casa. O aluno A16 disse que as árvores podiam voltar a crescer ou que alguém podia apanhar o esquilo e levá-lo para casa. O aluno A4 disse que isso não era possível, pois eles eram ‘muitos rápidos’. Novamente questionado sobre se tinha aprendido algo com a atividade, o aluno A16 voltou a responder de forma negativa. Mudando a questão para a saída de campo das plantas, a 2ª, a PE perguntou se neste o cenário já era diferente.

PE – ‘Na saída das plantas, não aprendeste os órgãos constituintes das plantas?’

A16 – ‘Aprendi, mas não gostei’

PE – ‘Mas uma coisa é tu aprenderes e não gostares, outra é tu não aprenderes.’

A1 – ‘Isso é outro caso’

A16 – ‘Eu aprendi, mas não gostei porque foi a que mais me custou’

PE – ‘Mas aprendeste alguma coisa. Sim ou não?’

A16 – ‘Sim’

PE – ‘Não gostares já é outro caso. Toda a gente aprendeu alguma coisa’

Os alunos responderam todos de forma positiva.

Depois de toda a conversa, compreendeu-se que o aluno A16 realmente tinha aprendido com as saídas de campo, mas que não tinha gostado da experiência, apesar de anteriormente ter dito que gostava de repetir as aulas de campo. Esta ideia do aluno compreende-se através da atitude que foi tomando ao longo das aulas de campo, mostrando-se sempre muito negativo, cansado, desmotivado, mostrando sempre desagrado quando era para sair da sala.

A última questão ‘Gostaram de trabalhar em grupo, ou preferem trabalhar individualmente?’ obteve respostas com consenso a 100%, estando de acordo no que confere a dos aspetos positivos do *outdoor learning*, que diz que este influencia o trabalho colaborativo entre as crianças, fornecendo-lhes a oportunidade de melhor comunicarem e cooperarem entre si, para juntas chegarem a um resultado final.

Todos – ‘Grupo’

A4 – ‘Assim estamos todos juntos e fazemos mais atividades’

No final do *focus groups*, os alunos foram questionados se existia algum assunto a esclarecer, não sendo levantada qualquer dúvida. Desta forma, compreendeu-se que os alunos tinham as ideias aclaradas, respondendo sempre com firmeza às respostas feitas. Esta discussão feita foi gravada em áudio, sendo transcritas aqui alguns excertos.

Globalmente, é de concluir, através de todos os dados recolhidos, que as aulas de campo foram um sucesso, conseguido modificar algumas ideias erradas que os alunos tinham. Os alunos, no final de toda a sequência didática, mostraram-se mais seguros em relação à disciplina de Estudo do Meio e aos conteúdos a si associados.

CONCLUSÃO

Depois da apresentação, da análise e da interpretação dos dados recolhidos, é tempo de estudar o impacto que a proposta didática teve nos alunos e na sua aprendizagem.

Como se confirmou, o conhecimento dos alunos acerca do Estudo do Meio antes das aulas de campo era escasso, possuindo muitas conceções alternativas acerca da biodiversidade e do meio físico próximo da escola. No final das saídas de campo, denotou-se que estas já não existiam, ou existiam em menor número. As aulas de campo foram, sem dúvida, uma boa aposta no ensino do Estudo do Meio. Apesar de pequenos contratemplos, todas elas seguiram um rumo de acordo com o planificado, tendo os alunos realizado todas as tarefas com grande entusiasmo e dedicação.

A proposta didática criada obtinha tarefas/atividades de fácil compreensão, sendo que o nível de dificuldade ia aumentando com o passar das aulas de campo, mas sempre adaptadas ao 1.º e ao 2.º ano de escolaridade. O trabalho em equipa foi outro aspeto positivo a retirar na realização da proposta didática, pois denotou-se boa comunicação entre os membros do grupo, bem como a ajuda necessária para concluir com sucesso as tarefas. Apesar de alguma agitação, normal quando se está num espaço de ensino estranho ao habitual, as aulas de campo e a proposta didática foram um sucesso.

Aquando da avaliação dos conhecimentos após as aulas de campo, os alunos mostraram-se muito mais confiantes em relação à disciplina e com a certeza de quererem repetir a experiência realizada.

O principal objetivo deste estudo era compreender o impacto das aulas de campo na aprendizagem do Estudo do Meio. Deste modo, o estudo foi orientado por duas questões de investigação, cuja respostas foram surgindo ao longo de todo o processo investigativo.

1) Como é que a proposta didática influenciou a aprendizagem dos alunos?

A proposta didática foi criada de forma a ser apelativa e interativa para os alunos. Assim sendo, criaram-se três saídas de campo com várias atividades e tarefas assentes na exploração de conteúdos do Estudo do Meio, mas também interligadas com outras disciplinas. Como seria de esperar, o facto de sair da rotina influencia o comportamento dos alunos, ficando mais agitados e ansiosos. Apesar disto, os alunos

mostraram-se sempre muito interessados e empenhados na realização das tarefas. Estas eram sempre de fácil compreensão, aplicadas com diferentes níveis de dificuldade, e tiveram em conta que a turma era composta por dois anos escolares e com alunos com dicotómicos níveis cognitivos. Elaborou-se um Guião para que seguissem a ordem das tarefas e tivessem uma orientação extra. As tarefas nem sempre foram de fácil compreensão, não pela tarefa em si, mas por se apresentar uma situação nova aos alunos, um contexto não formal, explorando vários conteúdos curriculares.

Desde a primeira saída de campo notaram-se logo avanços na aprendizagem dos alunos. Os alunos realizaram sempre as tarefas propostas, não deixando nenhuma sem fazer, a não ser quando havia escassez de tempo. Após a realização das atividades, aquando da revisão da matéria e da elaboração de exercícios do manual escolar, os alunos não mostraram grandes dificuldades, realizando-os rápido e bem. Por fim, aquando da realização das fichas de avaliação de Estudo do Meio, os alunos mostraram-se sempre muito confiantes, sendo o resultado a subida das notas da disciplina em toda a turma.

2) Que atitudes manifestam os alunos quando realizam tarefas *outdoor*?

Apesar de toda a agitação, tal como já foi referido, os alunos manifestaram sempre atitudes muito positivas na realização das tarefas *outdoor*. O entusiasmo, felicidade, motivação e envolvimento foram aumentando ao longo da experiência. O contrário acontecia quando o ensino era feito *indoor*, dentro da sala de aula. Os alunos ficavam menos motivados realizando, mesmo assim, as tarefas propostas.

Os níveis de entreajuda e de trabalho colaborativo não eram maus, mas mesmo assim precisavam de ser melhorados. Assim sendo, a proposta didática era composta por atividades que trabalhassem estes valores, em muitas delas só sendo possível realizá-las com a ajuda dos colegas de grupo. No final da proposta didática, os alunos mostraram-se mais solidários, ajudando-se mutuamente sempre que necessário, mesmo em contextos *indoor*.

A confiança e a autonomia também aumentaram nos alunos. Tornaram-se mais independentes, não só na realização de tarefas, mas também na capacidade de gerir

conflitos. No *focus groups* notou-se uma melhoria na capacidade de argumentar e responder aos 'porquês' realizados pela PE.

Desta forma, conclui-se que num ambiente *outdoor* é possível aprender, criar laços afetivos, motivar e cooperar, gerando assim atitudes positivas nos alunos.

CAPÍTULO III – REGLEXÃO GLOBAL DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

O momento de reflexão é sempre algo muito difícil de fazer. Este é o término de uma grande fase na vida acadêmica, o término de um percurso que me deixou orgulhosa do meu trabalho, com a certeza de que foi muito produtivo e que me ajudou e ensinou a ser uma futura profissional da educação com qualidade. As palavras de ordem são, sem dúvida, orgulho e, neste momento, uma grande nostalgia. O caminho até aqui foi longo, com vários entraves que me fizeram refletir acerca das decisões tomadas e voltar a repensar em novas estratégias para seguir em frente. Assumir os erros é o primeiro passo para melhorar no futuro, e é necessário ter a capacidade de dar a volta por cima e enfrentar a realidade. Não só pelo futuro das crianças, mas também pelo meu enquanto futura profissional. Como defendia Freire (1996, p. 39) “é pensando criticamente na prática de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Neste contexto, aqui será feita a reflexão de dois contextos muito dicotômicos, mas ricos em aprendizagem: o primeiro no ensino do Pré-Escolar, com crianças entre os 2 e os 6 anos de idade, e o segundo no 1.º CEB, com crianças entre os 6 e os 8 anos de idade.

Em anos anteriores já havia contactado com crianças de todas as idades, desde a creche até ao 6.º ano do 2.º CEB, o que permite ter uma experiência vasta com todas as idades e anos letivos. Durante 5 anos seguidos, a oportunidade de contacto com diferentes contextos foi extremamente importante, pois permitiu compreender as necessidades de cada idade, bem como perceber qual o contexto escolar para o qual sentia mais vocação e interesse.

O contexto de estágio do Pré-Escolar foi, sem dúvida alguma, o que mais impacto teve e o que mais me marcou de todos os estágios realizados até agora. Nunca escondi a minha preferência pelo Pré-Escolar, apesar de que todos os estágios foram marcantes à sua maneira. Porém, ao chegar a este contexto, compreendi que era realmente esta área que me preenchia e que me fazia sentir realizada. A metodologia de ensino, o corpo educativo, as crianças, os pais e encarregados de educação, o ambiente local, todos estes foram fatores que tornaram este estágio tão especial. Foi uma verdadeira família que me ensinou a crescer, não só como pessoa, mas como futura profissional, pois era com profissionais que estava a aprender, com as melhores. Elas mostraram-me que mais importante do que cumprir planificações, era necessário criar laços de afeto, ajudar as crianças a crescer, muitas vezes através

de brincadeiras tão simples, como cantar uma canção. Vygotsky (1998, p. 42) diz que “a afetividade (..) é um elemento importante em todas as etapas da vida da pessoa, a afetividade tem relevância fundamental no processo ensino aprendizagem no que diz respeito à motivação, avaliação e relação-professor e aluno”. Foi um estágio muito trabalhoso, que requereu a construção de muitos materiais, mas foi uma honra fazer parte desta família que levo no coração para sempre, pois com elas aprendi muito, aprendi a ser melhor.

O estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico revelou-se uma surpresa. Se inicialmente me sentia desmotivada por ter de estagiar num ano em que me sentia pouco à vontade e que não gostava muito, o sentimento depois mudou com o percorrer do tempo, especialmente com o início da minha intervenção pedagógica. Foi um verdadeiro desafio, que acabou por se revelar bastante positivo. Os alunos foram muito acolhedores, bem como toda a equipa docente, e não docente, incansáveis na luta para que tivesse sucesso. Apesar de a minha opinião acerca do 1.º CEB ter melhorado, continuo a não me sentir 100% motivada para lecionar nestes anos letivos. Não me sinto preenchida, não sinto que seja a minha verdadeira vocação, apesar de saber, e a nota final de PES ser a prova disso, que tenho habilidades para lecionar nestes anos.

O processo de planificar foi constantemente um desafio. Era importante ter em conta as características de cada criança, bem como o nível etário. Como é normal e seria de esperar, ocorreram muitas vezes imprevistos que obrigaram a constantes adaptações, sem perder de vista os objetivos definidos. São estas situações que nos preparam melhor para o futuro profissional, que nos ensinam a ajustar os imprevistos à realidade, de forma a proporcionar às crianças e aos alunos sempre o melhor, de modo a que a sua aprendizagem seja um sucesso.

Sabendo que sempre tive preferência por creche e pelo Pré-Escolar, a questão que se faz é por que motivo optei por um mestrado em Pré-Escolar e 1.º Ciclo. A resposta é simples, e a mais lógica de todas: o mercado de trabalho. Apesar de não me identificar muito com o 1.º CEB, é importante na hora de pensar no futuro e nas propostas que possam surgir, tendo em conta a formação que temos. Assim, optei pelo estágio que continha também o 1.º CEB, para desta forma dispor de uma formação maior e mais abrangente no futuro.

Um dos pontos negativos que levo desta experiência com a PES é o facto de não ser possível estagiar em todos os anos letivos do 1.º CEB. Creio que seria importante termos a experiência de contactar com alunos com as mais diferentes capacidades e conhecimentos, bem como com toda a matéria envolvente dos diferentes anos. Apesar de saber que é difícil encontrar contextos que aceitem estagiários em todos os anos letivos, seria sem dúvida uma mais-valia para o nosso futuro profissional que tal acontecesse. Por outro lado, seria também importante e uma mais valia se o tempo de estágio fosse maior. O tempo acaba por ser escasso não só no contato que temos com as crianças, mas também para as implementações.

Levo, sem dúvida, um vasto leque de experiências que me ajudaram a evoluir e ensinaram a trabalhar com as mais diferentes pessoas, metodologias de trabalho e diferentes níveis de aprendizagens e de conhecimentos. Tudo começou, claro, com o trabalho a pares com a minha colega de estágio, companheira de muitos anos, que me acompanhou em todos os contextos de estágios realizados até agora. É também importante a adaptação mútua, aprender a trabalhar com ela e unirmos esforços para crescermos de forma individual, juntas, e fazermos crescer as crianças. É importante sabermos os nossos pontos positivos e negativos para que possamos unir esforços e completarmo-nos mutuamente.

Quando somos crianças a pergunta que mais vezes nos é feita é “O que queres ser quando fores grande?”. Conforme vamos crescendo a resposta vai mudando, passamos de bombeira a bailarina, de cabeleireira a polícia. Comigo houve sempre o ‘bichinho’ da educação, o estar sempre a brincar ao ‘faz de conta’ que sou professora. Agora que cresci, agora que já sou *grande*, já posso dizer com certeza que lutei pelo meu sonho e que o concretizei: sim, vou ser educadora e professora! Encerra-se aqui um ciclo para que outro novo venha, sempre pronta a lutar com todas as armas. Cresci, esta experiência fez-me crescer muito. Termino assim feliz, muito feliz, com o percurso feito. Venha o que vier, estou pronta!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Portuguesa do Ambiente (2017). *Estratégia nacional de educação ambiental 2020*.
República Portuguesa
- Almeida, I. (2011). *Importância da Relação Escola e Comunidade: Principais valências*.
Disponível em <http://finalmenteines.blogspot.pt/2011/04/importancia-da-relacao-escola-e.html>
- Amado, J. (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. (3ª ed.). Imprensa da
Universidade de Coimbra: Coimbra
- APA. (2017). *Estratégia Nacional de Educação Ambiental 2020*. Disponível em
[https://www.apambiente.pt/_zdata/DESTAQUES/2017/ENEA/AF_Relatorio_ENEA2020.p
df](https://www.apambiente.pt/_zdata/DESTAQUES/2017/ENEA/AF_Relatorio_ENEA2020.pdf)
- Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar* (A. Faria Trad., 7ª ed.). Lisboa: McGraw-Hill
- Boavida, A. M., Paiva, A. L., Cebola, G., Vale, I., & Pimentel, T. (2008). *A Experiência
Matemática no Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação – uma introdução à
teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora
- Borge, A., Nordhagen, R., & Lie, K. (2003). *Children in the environment: Forest day-care centres
– Modern day-care with historical antecedente*. *History of the family*, Vol. 8, Nº 4, pp.
605-618
- Bruner, J. (1966). *Toward a Theory of Instruction*. Cambridge. Harvard University Press
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação - Guia para
Autoaprendizagem* (2ª ed.). Lisboa: Universidade Aberta
- Carvalho, G. & Freitas, M. (2010). *Metodologia do Estudo do Meio*. Porto: Porto Editora
- Castro, P., Tucunduva, C. & Arns, E. (2008). *A importância do planeamento das aulas para
organização do trabalho do Professor em sua prática docente*. Athena: Revista Científica
de Educação. Vol. 10, Nº10, pp. 49-62
- Ciência viva (2018). *Aprender fora da sala de aula*. Disponível em
<http://www.cienciaviva.pt/aprenderforadasaladeaula/>
- CMIA (2018). *Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental de Viana do Castelo*.
Disponível em <http://www.cmia-viana-castelo.pt/biodiversidade>
- Coelho, A. & Coelho, M. (2018). *Outdoor Learning*. Acedido em
<http://www.colegiocasamae.pt/web/index.php/outdoor-learning>
- Coelho, A., Vale, V., Figueiredo-Ferreira, A., Duque, I. & Pinho, L. (2015). *Oferta educativa
outdoor como complemento da Educação Pré-Escolar: Os benefícios do contacto com a
natureza*. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*. Vol. 10, Nº10,
pp. 111-117

- Comissão Europeia. (2015). *Rede Natura 2000*. Disponível em http://ec.europa.eu/environment/nature/natura2000/index_en.htm
- Coutinho, C. P. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: edições Almedina
- Direcção-Geral do Ambiente da Comissão Europeia (2011). *52 gestos para a biodiversidade*. União Europeia. Disponível em http://ec.europa.eu/environment/nature/info/pubs/docs/brochures/biodiversity_tips/pdf
- Dolto, F. (1999). *As etapas decisivas na infância*. São Paulo: Martins Fontes
- Education Scotland (2011). *Outdoor Learning: Practical guidance, ideas and support for teachers and practitioners in Scotland*. Scotland. Disponível em <https://education.gov.scot/improvement/documents/hwb24-ol-support.pdf>
- Escolinha da Mata (2018). *Outdoor Learning*. Acedido em <https://www.escolinhadamata.com/>
- Fão, M. & Sarmiento, T. (2008). *Ludotecas - Espaços e tempos para brincar*. In B. Pereira & G. Carvalho. *Actividade física, saúde e lazer: modelos de análise e intervenção*. (Cap. 1, pp. 63-78). Lisboa: Lidel- Edições Técnicas, Lda
- Fernandes, D. (1991). *Notas sobre os paradigmas de investigação em educação*. 1, 1-4
- Fernandes, F., Vale, I., & Palhares, P. (2016). *Trilhando uma quinta pedagógica com a Matemática*. Em A. B. Vale (Ed.), *Atas do 4º Encontro Ensinar e Aprender com Criatividade dos 3 aos 12 anos* (pp. 99-112). Viana do Castelo: EdProf e Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo
- Fjortoft, I. (2001). *The natural environment as a playground for children: The impact of outdoor play activities in pre-primary school children*. *Early Childhood Education Journal*, Vol. 29, Nº2, pp. 111-117
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra
- Freire, P. (1970). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra
- Gomes, P. & Leal, H. (2010). *Biodiversidade em espaços naturais de Viana do Castelo*. Câmara Municipal de Viana do Castelo. Pp. 5-17
- Hohmann, M & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Jeffries, M. (1997). *Biodiversity and Conservation*. London: Routledge.
- Jordet, A. (2008). *Outdoor schooling in Norway research and experiences. Conference proceedings, Healthier, Wiser and Happier Children. Outdoor Education learning with mind, heart and body*. University College, Jelling

- Learning and Teaching (2010). *Scotland Curriculum for Excellence through Outdoor Learning*. Scotland. Disponível em <https://education.gov.scot/Documents/cfe-through-outdoor-learning.pdf>
- Limites Invisíveis (2017). *Casa da Mata: Outdoor learning*. Disponível em <http://limitesinvisiveis.pt/>
- Marlise. (2009) *A fauna em Ponte de Lima*. Disponível em <http://vem-conhecer.blogspot.com/2009/02/fauna-em-ponte-de-lima.html>
- ME (2001). *Currículo Nacional do Ensino Básico - Competências Essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação
- ME (2004). *Organização Curricular e Programas (4.ª edição)*. Lisboa: Ministério da Educação
- MEC (2013). *Programa e Metas Curriculares de Estudo do Meio*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.
- ME (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE)
- ME (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Ministério da Educação
- ME (2017). *Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Disponível em http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Educao_Ambiental/documentos/reas_consulta_publica.pdf
- ME (s.d.). *Organização Curricular e Programas*. Lisboa: Ministério da Educação
- Moreira, A. & Valadares, A. (2009). *A teoria da aprendizagem significativa: fundamentação e implementação*. Coimbra: Edições Almedina
- Niza, S. (1996). *O Modelo Curricular Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa - Modelos curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora
- Neto, C. (2001). *A criança e o jogo: perspetivas de investigação*. In. B. Pereira, A. Pinto (Coord.). *A Escola e a Criança em Risco – Intervir para Prevenir* (pp. 31-51). Porto: Edições ASA
- ONU (2017). *Objetivos do desenvolvimento sustentável*. Disponível em <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>
- Patton, M. Q. (2002). *Qualitative Research & Evaluation Methods*. London: SAGE.
- PEFC Portugal (2017). *Promovendo a gestão florestal sustentável*. Disponível em <https://www.pefc.pt/compras-sustentaveis/sustentabilidade/biodiversidade?highlight=YToxOntpOjA7czoxNDoiYmlvZGl2ZXJzaWRhZGUiO30>
- Ponte, J. P. (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. *Bolema*, 25, 105-132

- Roldão, M. C. (1995). *O Estudo do Meio no 1º Ciclo – Fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora
- Roldão, M. C. (1999). *Gestão Curricular – Fundamentos e práticas*. Lisboa: Ministério da Educação
- Rosado, A., & Ferreira, V. (2011). *Promoção de ambiente positivos de aprendizagem*. Em *Pedagogia do Desporto* (pp. 185-206). Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana: Edições FMH
- Santos, R. (2009). *Ensinar as crianças a serem empreendedoras*. Disponível em <https://eusouempreendedor.wordpress.com/2009/05/01/ensinar-as-criancas-a-serem-empendedoras/>
- Schmitz, E. (2000). *Fundamentos da Didática*. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 7ª Ed. pp. 101 a 110.
- Shulruf, B., Tumen, S. & Tolley, H. (2008). *Extracurricular activities in school, do they matter?* *Children and Youth Services Review*, 30, 418-426
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação*. Lisboa: Livros Horizonte
- Stake, R. E. (2009). *A Arte da Investigação com Estudos de Caso*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vale, I. (2004). *Algumas Notas sobre Investigação Qualitativa em Educação Matemática*. *Revista da Escola Superior de Educação*, 5, (pp. 171-121). Viana do Castelo: Escola Superior de Educação de Viana do Castelo
- Vale, I. (2012). *As tarefas de padrões na aula de Matemática: um desafio para professores e alunos*. *Interações*, 20, 181-207
- Valadares, J. & Moreira, M. (2009). *A Teoria da Aprendizagem Significativa*. Lisboa: Almedina
- Wieder, S. & Greenspan, S. (2010). “A base emocional da aprendizagem”. In SPODEK, B. (2010). *Manual de Investigação em Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

ANEXOS

Anexo 1 – Planificação Modelo: Pré-Escolar

Jardim de Infância: -----		Idade/Número de crianças: 3 anos (4); 4 anos (2); 5 anos (7)		Data: -----	
Mestranda: <u>Jéssica Araújo</u> e Mariana Torre		Dia da semana: 2ªfeira a 4ªfeira		Período: 1º	
Áreas/ Domínios/ Subdomínios	Aprendizagens a promover	Desenvolvimento das atividades	Materiais / recursos / espaços físicos	Avaliação	
<p>Área: Formação Pessoal e Social</p> <p>- Independência e autonomia</p> <p>- Construção da Identidade e da Autoestima</p> <p>- Consciência de si como aprendente</p> <p>- Convivência democrática e cidadania</p>	<p>- Ir adquirindo a capacidade de fazer escolhas, tomar decisões e assumir responsabilidades, tendo em conta o seu bem-estar e o dos outros;</p> <p>- Conhecer e aceitar as suas características pessoais e a sua identidade social e cultural, situando-as em relação às de outros;</p> <p>- Ser capaz de participar nas decisões sobre o seu processo de aprendizagem;</p> <p>- Desenvolver uma atitude crítica e interventiva relativamente ao que se passa no mundo que a rodeia;</p>	<p>Rotinas (Anexo 1):</p> <p>Cada criança começa por marcar a sua presença num quadro criado para o efeito, que contém o dia da semana e o nome e fotografia de cada criança. Todos os dias é nomeado o chefe de sala, que todos os dias é uma criança diferente e vai rodando por todas. De seguida, o chefe fará a contagem de quantas crianças não foram à escola, ou seja, ficaram em casa, discriminando o número de meninas e de meninos. O mesmo procedimento será feito para determinar quantas crianças estão na escola. Por fim, o chefe anota numa janela feita para o efeito “O tempo que faz”. Posteriormente, as crianças têm de referir a data - o dia, o mês e o ano. Posto isto, fazem a reunião para projetar o plano do dia, quais as atividades que vão fazer de manhã e as que vão fazer à tarde.</p> <p>No fim do dia, por volta das 15:00, todas as crianças fazem a sua autoavaliação, referindo o comportamento e a atividade que mais gostaram no dia, colocando no quadro de presenças, num sítio destacado para tal, a bolinha com a cor correspondente à avaliação que acham que merecem. A bolinha vermelha significa que se portaram muito mal, uma azul, que significa que podem melhorar o seu comportamento e uma bolinha verde, que significa que o dia correu lindamente e que se portaram muito bem.</p>	<p>Espaço físico: sala de aula</p>	<p>A criança:</p> <p>- Marca corretamente a presença, intersetando linha e coluna;</p> <p>- Conta corretamente o número de crianças presentes e em falta;</p> <p>- Identifica de forma correta o tempo atmosférico;</p> <p>- Identifica de forma correta o tempo cronológico (dia, mês e ano);</p> <p>- Realiza a autoavaliação,</p>	

<p>Área: Formação Pessoal e Social</p> <p>- Convivência democrática e cidadania</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecer unidades básicas do tempo, diário, semanal e anual, compreendendo a influência que têm na sua vida; - Ter consciência da sua presença e da do outro; - Contactar com tabelas de dupla entrada; - Desenvolver o sentido de número através da contagem. <ul style="list-style-type: none"> - Conhecer e valorizar manifestações do património cultural; - Reconhecer unidades básicas do tempo (diário, 	<p style="text-align: center;">2ª Feira – 04/dezembro/2017</p> <p style="text-align: center;">O Natal</p> <p>As atividades serão realizadas depois da aula de Educação Musical que ocorre entre as 9:00 e as 10:00.</p> <p>De seguida, e já depois do intervalo, às 10:40, serão realizadas as rotinas.</p> <p style="text-align: center;">10:50 – 11:20</p> <p>Para iniciar a semana e o mês de dezembro, será apresentado às crianças um calendário do advento, feito em modo de casaco de Pai Natal, pelas educadoras estagiárias. No interior do casaco estarão bolsos numerados de 1 a 25, que correspondem aos dias até ao Natal. No início de cada dia, a criança que é o chefe terá de vestir o casaco e abrir o bolso correspondente ao dia e, com a ajuda da</p>	<p>- Calendário do advento, elaborado num casaco de Pai Natal (Anexo 2);</p>	<p>considerando comportamentos a melhorar;</p> <p>- Pronuncia-se sobre a atividade favorita realizada durante o dia.</p> <p>- Compreende a dinâmica de utilização do calendário do advento, com uma atividade em cada até ao Natal;</p> <p>- Responde corretamente</p>
---	--	---	---	---

<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio:</p> <p>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</p>	<p>semanal e anual).</p> <p>- Compreender mensagens orais em situações diversas de comunicação;</p> <p>- Usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente e de modo adequado à situação;</p> <p>- Contactar com o carácter lúdico da linguagem.</p>	<p>educadora estagiária, mostrará à turma qual a pergunta, a adivinha, a atividade ou o desafio que terão de realizar nesse dia. O resultado será sempre colocado nas costas do casaco, para que as crianças consigam sempre acompanhar e relembrar os desafios que têm realizado.</p> <p>Este elemento será introduzido às crianças explicando o que é um calendário do advento, dizendo que é um calendário do mês de dezembro que contém os dias até ao Natal (do 1 ao 25). Isto significa que cada bolso que for aberto representa menos um dia até esta época festiva chegar.</p> <p>Como este elemento apenas será apresentado às crianças no dia 4, neste dia terão de realizar todas as atividades desde o dia 1 ao 4. Nos restantes dias, quando as educadoras estagiárias estiverem em contexto, serão elas a realizar as atividades com as crianças; nos outros será a educadora Raquel. Contudo, e como as crianças entram de férias dia 15 de dezembro, as atividades do casaco do advento deste tempo serão realizadas aquando da retoma do período letivo, em janeiro.</p> <p>A atividade do dia 1 corresponde à resposta a uma adivinha, cuja resposta é “dezembro”:</p> <p style="text-align: center;">“É um mês muito frio com uma ocasião muito especial. A família está reunida, Na grande época do Natal”</p> <p>Depois de as crianças darem a resposta, o chefe de sala colará nas costas do casaco um calendário do mês de dezembro (Anexo 4).</p> <p>A atividade do dia 2 é a descodificação de uma imagem (Anexo 5), que posteriormente será colada nas costas do casaco, em que a educadora estagiária lerá o texto, e as crianças terão de o completar</p>	<p>- Imagem de um pinheiro de Natal (Anexo 3);</p> <p>- Calendário de dezembro (Anexo 4);</p> <p>- Imagem da atividade do dia 2 (Anexo 5);</p> <p>- Livro feito em feltro da história “A velhinha que comeu os símbolos de Natal”;</p> <p>- Saco feito em tecido.</p>	<p>às atividades dos dias 1 e 4, as adivinhas;</p> <p>- Consegue decifrar as imagens da atividade do dia 2;</p> <p>- Realiza um desenho em casa com os elementos da família com quem vão passar a família;</p> <p>- Menciona símbolos de Natal que conhece (Estrelas, Presépio, Menino Jesus, Os 3 reis Magos, Presentes, Bolos, entre outros);</p> <p>- Escuta a história d’ “A velhinha que comeu os símbolos de Natal”;</p> <p>- Completa a história com os elementos que faltam.</p>
---	---	---	--	--

		<p>através da análise das imagens.</p> <p>A atividade do dia 3 consistirá em realizar um desenho, em casa com a ajuda da família, das pessoas com quem as crianças passam o Natal. Este desenho terá de ser trazido no dia seguinte, dia 4.</p> <p>A terceira atividade então a realizar, a do dia 4, será a resposta à adivinha:</p> <p style="text-align: center;"> “Estou sempre verde de Inverno e de Verão. No mês de Natal, brilhante de luzes vocês me acharão! Quem sou eu afinal?” </p> <p>Depois de as crianças darem a resposta correta – “Pinheiro” – a educadora estagiária dará um pinheiro para a criança que é o chefe colar na parte de trás do casaco.</p> <p>De seguida, e como estamos na época natalícia, a educadora estagiária questionará as crianças se conhecem outros símbolos do Natal para além da árvore de Natal, do pinheiro, esperando ouvir presépio, estrela, entre outros. A educadora estagiária pretende fazer, assim, fazer um levantamento de ideias, para depois completar as ideias das crianças com a leitura da história “A velhinha que comeu os símbolos de Natal”, num livro totalmente feito por si em feltro. Contudo, este livro terá a particularidade de faltarem vários elementos ao longo da sua história que serão colados com velcro conforme a história vai sendo lida, ou seja, quando no livro é dito, por exemplo, que a velhinha come as estrelas de Natal, a educadora estagiária irá escolher aleatoriamente uma criança colar as estrelas na respetiva página. As imagens em falta estarão todas colocadas dentro de um saquinho, tipo o do Pai Natal.</p> <p>Para terminar, a educadora estagiária fará uma pequena</p>		
--	--	---	--	--

<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>- Desenvolver a motricidade fina;</p> <p>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas de experimentações e produções plásticas.</p>	<p>conclusão com as crianças, questionando então o que aprenderam com a história lida.</p> <p>História “A velhinha que comeu os símbolos de Natal”: https://pt.slideshare.net/jusousa/a-velhinha-que-comeu-os-smbolos-do-natal</p> <p>Hora de almoço e de relaxamento, das 12:00 às 13:30.</p> <p>13:30 – 15:00</p> <p>Como na 5ª feira, dia 7 de dezembro se vai realizar uma pequena festa para os avós, é tradição que todos os anos as crianças façam uma pequena recordação para lhes oferecer. A oferta será uma base em forma de boneco de neve para copos/canecas com motivos natalícios, uma para os avós maternos e uma para os avós paternos (Anexo 6). Neste dia, as crianças apenas farão a oferta para os avós maternos.</p> <p>Primeiramente a educadora estagiária mostrará um modelo da prenda dos avós e questionará as crianças quais os materiais que acham que ele necessita. Conforme as crianças vão dizendo estes materiais, a educadora estagiária tirará de um saco os mesmos.</p> <p>Desta forma, a educadora estagiária dará às crianças a forma do boneco de neve, juntamente com o nariz em cartolina laranja já cortado e o chapéu em cartolina preta. As crianças terão de colar os elementos no respetivo lugar do boneco de neve, fazendo também uns olhos com um marcador preto. Por fim, terá de colar uma tira de tecido, já cortada pela educadora estagiária, no pescoço do boneco de neve, de forma a fazer o seu cachecol.</p>	<p>- Molde de boneco de neve;</p> <p>- Cartolina laranja e preta;</p> <p>- Cola;</p> <p>- Caneta preta;</p> <p>- Tecidos com várias cores para o cachecol;</p> <p>- Feltro branco.</p>	<p>- Consegue colar os elementos do boneco de neve no respetivo sítio.</p>
---	---	--	--	--

		<p>Modelo da base de copos/canecas em forma de boneco de neve: https://www.pinterest.pt/pin/453737731186126823/</p> <p>Esta atividade será realizada com as crianças divididas em 2 grupos: primeiro com as crianças de 3 e 4 anos, 6 crianças ao total, e depois com as crianças de 5 anos, 7 ao total. Enquanto a educadora estagiária trabalha com o primeiro grupo, as crianças do segundo poderão escolher livremente qual a área da sala que pretendem explorar. Ao fim de cerca de 45 minutos, tempo estimado para a realização da tarefa, os grupos trocam os papéis, indo o primeiro explorar a área da sala livremente, enquanto o segundo realizará a atividade.</p> <p>As áreas da sala são: Casinha, Ciências, Biblioteca; Pintura; Modelagem, Jogos de chão; Jogos de Mesa, Computador.</p> <p style="text-align: center;">3ª Feira – 5/dezembro/2017 O Natal</p> <p>As atividades serão realizadas depois das rotinas.</p> <p>9:15 – 12:00</p> <p>As crianças farão uma visita à ACEP – Associação Cultural e de Educação Popular –, na Meadela, onde assistirão à animação do conto de Natal “As Arrelias do Pai Natal” e poderão explorar espaços e exposições relativas à higiene oral.</p> <p>Hora de almoço e de relaxamento, das 12:00 às 13:30.</p>		
--	--	---	--	--

<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>- Representar plasticamente, através de um desenho, uma vivência individual.</p>	<p>13:30 – 14:20</p> <p>As crianças começarão a sessão por realizar a atividade do calendário do advento do dia. A atividade do dia 5 consistirá em fazer um desenho numa folha sobre quais foram as arrelias que o Pai Natal sentiu na história ouvida de manhã na ACEP – Associação Cultural e de Educação Popular –, “As arrelias do Pai Natal”, mencionando também as personagens que nela apareceram e os espaços físicos em que ocorreram.</p> <p>Nas costas do casaco será colado um pequeno desenho de um Pai Natal feito pela criança que é o chefe do dia.</p> <p>Para encerrar a atividade, será pedido que cada criança faça a apresentação aos colegas do seu desenho, explicando o que representou relativamente à história ouvida.</p> <p>Das 14:20 às 15:00, as crianças têm espaço para escolha livre na área da sala que pretendem explorar. São elas: Casinha, Ciências, Biblioteca; Pintura; Modelagem, Jogos de chão; Jogos de Mesa, Computador.</p> <p>4ª Feira – 6/dezembro/2017 O Natal</p> <p>As atividades serão realizadas depois das rotinas.</p> <p>9:15 –10:15 Motricidade</p> <p>A educadora estagiária começará contando uma história sobre uma aventura que o Pai Natal está a ter. Mediante o acontecimento</p>	<p>- Folha branca;</p> <p>- Lápis de cor;</p> <p>- Desenho de um Pai Natal.</p>	<p>- Representa através de um desenho o que aconteceu na história ouvida na ACEP;</p> <p>Com 3 anos:</p> <p>- Desenha o que aconteceu na história ouvida na ACEP, conseguindo explicar à educadora estagiária todos os elementos no desenho presentes;</p> <p>Com 4 e 5 anos:</p> <p>- Desenha claramente o que aconteceu na história ouvida na ACEP.</p> <p>- Compreende que a aula se vai centrar nos</p>
<p>Área: Expressão e Comunicação</p>	<p>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas</p>	<p>uma aventura que o Pai Natal está a ter. Mediante o acontecimento</p>	<p>- 20 imagens de presentes de 3</p>	<p>- Compreende que a aula se vai centrar nos</p>

<p>Domínio: Educação Artística</p>	<p>através de produções plásticas;</p>	<p>que o Pai Natal está a viver, as crianças terão de seguir a ordem dada pela educadora estagiária, para desta forma ajudar o Pai Natal a levar os presentes para todos os meninos e meninas na noite de Natal.</p>	<p>cores: vermelho, azul e laranja;</p>	<p>acontecimentos de uma história que terá vários desafios;</p>
<p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>- Reconhecer elementos da linguagem plástica (linhas e cores).</p>	<p>“Numa noite de muito frio, o Pai Natal estava lá no Pólo Norte a preparar todos os presentes para entregar na noite de Natal a todos meninos e meninas que se portaram muito bem ao longo do ano. De repente, vem uma rajada de vento e pumba! Voou tudo pelo ar! Os presentes, o trenó e todas as renas do Pai Natal! O Pai Natal viu-se sozinho nesta embrulhada e achou que tinha de começar por algum lado a organizar a casa, senão não ia chegar a tempo de entregar os presentes no dia de Natal. Pois bem, começou então por procurar todos os presentes! O Pai Natal sabia que tinha de encontrar 20 presentes, com 3 cores diferentes: vermelho, azul e laranja. Ele sabe que quando encontrar os presentes terá de os separar por cores, para assim haver mais organização, colocando cada cor dentro de uma caixa devidamente assinalada para tal”.</p>	<p>- Caixas devidamente identificadas com 3 cores: vermelho, azul e laranja;</p>	<p>- Encontra as imagens dos presentes;</p>
<p>Área: Expressão e Comunicação</p>	<p>- Cooperar em situações de jogo, seguindo orientações ou regras;</p>	<p>presentes, o trenó e todas as renas do Pai Natal! O Pai Natal viu-se sozinho nesta embrulhada e achou que tinha de começar por algum lado a organizar a casa, senão não ia chegar a tempo de entregar os presentes no dia de Natal. Pois bem, começou então por procurar todos os presentes! O Pai Natal sabia que tinha de encontrar 20 presentes, com 3 cores diferentes: vermelho, azul e laranja. Ele sabe que quando encontrar os presentes terá de os separar por cores, para assim haver mais organização, colocando cada cor dentro de uma caixa devidamente assinalada para tal”.</p>	<p>- Imagens de 14 renas;</p>	<p>- Classifica os presentes por cores, colocando cada cor na respetiva caixa;</p>
<p>Domínio: Educação Física</p>	<p>- Dominar movimentos que implicam deslocamentos e equilíbrios como: correr, rodopiar, saltar a pés juntos ou num só pé, saltar sobre obstáculos;</p>	<p>É então que a educadora estagiária pede ajuda aos meninos para ajudarem o Pai Natal a encontrarem todos os presentes de Natal.</p>	<p>- Fita cola branca;</p>	<p>- Anda em cima da fita cola branca, aos ziguezagues e em linha reta, mediante a ordem da educadora estagiária;</p>
<p>Área: Expressão e Comunicação</p>	<p>- Interpretar músicas vocalmente;</p>	<p>- Meninos, podem ajudar o Pai Natal a encontrar os presentes e a organizá-los por cores? Mas atenção! Para procurarem as prendas, têm de o fazer saltando a pés juntos!</p>	<p>- Cola;</p>	<p>- Encontra as 14 renas;</p>
<p>Domínio: Educação Artística</p>	<p>- Interpretar de forma corporal diferentes ritmos musicais.</p>	<p>“Seguindo com a aventura, e já com os presentes todos encontrados e organizados por cores, o Pai Natal tem de resgatar as 14 renas, que estão presas numa montanha e logo de seguida prendê-las em 2 filas diferentes, com 7 renas cada uma. Mas para isso, é necessário passar numas pontes muitos instáveis!”.</p>	<p>- Música “É Natal”, d’O Panda e os Caricas;</p>	<p>- Forma 2 filas, com 7 renas cada;</p>
<p>Subdomínio: Música</p>	<p>- Interpretar de forma corporal diferentes ritmos musicais.</p>	<p>Aqui, a educadora estagiária pede aos meninos que ajudem o Pai Natal a resgatar as 14 renas, mas para isso tem de passar nas várias pontes instáveis. As pontes correspondem a fita cola colada no chão,</p>	<p>- Corda fina;</p>	<p>- Cola as renas em fila com cola;</p>
<p>Domínio: Educação Artística</p>	<p>- Interpretar de forma corporal diferentes ritmos musicais.</p>	<p>Aqui, a educadora estagiária pede aos meninos que ajudem o Pai Natal a resgatar as 14 renas, mas para isso tem de passar nas várias pontes instáveis. As pontes correspondem a fita cola colada no chão,</p>	<p>- Trenó de Pai Natal feito em cartão;</p>	<p>- Imita a coreografia da música “É Natal”, d’O Panda e os Caricas;</p>
<p>Subdomínio: Música</p>	<p>- Interpretar de forma corporal diferentes ritmos musicais.</p>	<p>Aqui, a educadora estagiária pede aos meninos que ajudem o Pai Natal a resgatar as 14 renas, mas para isso tem de passar nas várias pontes instáveis. As pontes correspondem a fita cola colada no chão,</p>	<p>- Caixa com uma imagem de um pinheiro na</p>	<p>- Consegue perceber que a</p>

<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Dança</p>	<p>- Interpretar músicas de forma coreográfica;</p> <p>- Apreciar diferentes manifestações coreográficas usando linguagem específica.</p>	<p>dispostas em ziguezague e em linha reta, que as crianças terão de passar conforme a ordem dada pela educadora estagiária – ao pé-coxinho, a saltar a pé juntos e em passinhos de bebé. Depois de todas as crianças passarem com as ordens dadas, cada uma delas irá recolher uma imagem de uma rena. Depois disto, a educadora estagiária escolherá aleatoriamente 2 crianças para formarem 2 filas, cada uma com 7 renas, e colar as imagens das renas umas às outras com cordas.</p> <p>“Agora já só falta encontrar o trenó! E há uma forma de o fazer aparecer rapidamente! O trenó no Pai Natal é muito bom bailarino! Adora dançar! Para que ele apareça, é necessário pôr uma música de Natal a tocar. E mais! Essa música vai dar a resposta do sítio onde o trenó está escondido!”</p> <p>Desta forma, a educadora estagiária irá pôr a tocar a música de Natal d’O Panda e os Caricas “É Natal”, ao mesmo tempo que projeta o videoclip na parede, dando liberdade às crianças para dançarem e imitarem a coreografia. Depois da música acabar, a educadora estagiária perguntará qual o sítio onde o trenó está escondido, e que muito se fala na música. A resposta certa é “Pinheiro de Natal”, e o trenó estará escondido no interior de uma caixa com um desenho de um pinheiro de Natal na sua tampa.</p> <p>“E assim o Pai Natal encontrou tudo o que se tinha perdido! As prendas, as renas e os trenós!” Mas agora está muito cansado, e por isso vai-se deitar um pouco enquanto ouve uma música de Natal mais calminha”.</p> <p>Para terminar, as crianças farão o relaxamento, deitando-se no chão, ao som de uma música de Natal calma.</p> <p>Música e videoclip “É Natal”, d’O Panda e os Caricas: https://www.youtube.com/watch?v=GDKsulyxywE</p>	<p>tampa;</p> <p>- Músicas de Natal calmas para relaxar.</p>	<p>música indica o sítio onde o trenó está escondido;</p> <p>- Encontra o trenó na caixa;</p> <p>- Relaxa ao som de uma música de Natal calma.</p>
<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Matemática</p> <p>Subdomínio: Números e Operações</p>	<p>- Realizar contagens;</p> <p>- Realizar conjuntos.</p>			

<p>Área: Expressão e Comunicação</p> <p>Domínio: Educação Artística</p> <p>Subdomínio: Artes Visuais</p>	<p>- Desenvolver a motricidade fina;</p> <p>- Desenvolver capacidades expressivas e criativas de experimentações e produções plásticas.</p>	<p>Música de Natal mais calma para o relaxamento: https://www.youtube.com/watch?v=COJTFQy57Uo</p> <p>Intervalo das 10:15 às 11:00</p> <p>11:05 – 11:50</p> <p>Como na 5ª feira, dia 7 de dezembro se vai realizar uma pequena festa para os avós, é tradição que todos os anos as crianças façam uma pequena recordação para lhes oferecer. Como na 2ª feira as crianças já realizaram a oferta para os avós maternos, nesta sessão farão para os avós paternos.</p> <p>O procedimento será o mesmo utilizado na 2ª feira: a educadora estagiária dará às crianças a forma do boneco de neve, juntamente com o nariz em cartolina laranja já cortado e o chapéu em cartolina preta. As crianças terão de colar os elementos no respetivo lugar do boneco de neve, fazendo também uns olhos com um marcador preto. Por fim, terá de colar uma tira de tecido, já cortada pela educadora estagiária, no pescoço do boneco de neve, de forma a fazer o seu cachecol.</p> <p>Modelo da base de copos/canecas em forma de boneco de neve: https://www.pinterest.pt/pin/453737731186126823/</p> <p>Esta atividade será realizada com as crianças divididas em 2 grupos: primeiro com as crianças de 3 e 4 anos, 6 crianças ao total, e depois com as crianças de 5 anos, 7 ao total. Enquanto a educadora estagiária trabalha com o primeiro grupo, as crianças do segundo poderão escolher livremente qual a área da sala que pretendem</p>	<p>- Molde de boneco de neve;</p> <p>- Cartolina laranja e preta;</p> <p>- Cola;</p> <p>- Caneta preta;</p> <p>- Tecidos com várias cores para o cachecol;</p> <p>- Feltro branco.</p>	<p>- Consegue colar os elementos do boneco de neve no respetivo sítio.</p>
---	---	--	--	--

		<p>explorar. Ao fim de cerca de 45 minutos, tempo estimado para a realização da tarefa, os grupos trocam os papéis, indo o primeiro explorar a área da sala livremente, enquanto o segundo realizará a atividade.</p> <p>Hora de almoço e de relaxamento, das 12:00 às 13:30.</p> <p>13:30 – 14:00</p> <p>As crianças irão assistir a uma atividade sobre a pessoa portadora de deficiência, realizada pelos docentes e pela equipa de Educação Especial.</p>		
--	--	--	--	--

Anexo 2 – Planificação Modelo: 1.º CEB

Escola: Básica do 1º Ciclo de -----		Ano de escolaridade: 1º (14) e 2º (9)		Data: -----	
Mestrandos(as): Jéssica Araújo e Mariana Torre		Dia da semana: 2ª feira a 6ª feira		Período: 2º	
Áreas/ Domínios	Objetivos específicos	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Materiais/ recursos/espços físicos	Tempo	Avaliação
		<p>Rotinas realizadas todas as manhãs:</p> <p>Na sala de aula está exposto um pequeno cartaz que contém os nomes das crianças e os dias do mês. Todas as manhãs, um dos alunos, por ordem alfabética, está encarregue de apontar nesse cartaz quem realizou ou não os trabalhos de casa (TPC): uma bola verde se realizou na totalidade, uma bola amarela se deixou algum exercício por fazer, ou uma bola vermelha, se não realizou os trabalhos.</p> <p>De seguida, será feita a abertura da lição no caderno da escola, escrevendo o nome, a data por extenso, por exemplo, “Cardielos, 12 de março de 2018” e “Bom dia, hoje é segunda-feira” e escrita também das vogais e consoantes já lecionadas manuscritas em maiúscula e minúscula.</p> <p>No final do dia, este mesmo aluno tem de registar na mesma tabela, numa coluna dedicada a tal, como foi o comportamento de cada aluno: uma bola verde se realizou todas as tarefas e teve um comportamento exemplar, uma bola amarela se podia ter tido um comportamento melhor e/ou não realizou ou terminou alguma tarefa, ou uma bola vermelha se não</p>	- Cartaz de TPC e de avaliação do dia (Anexo 1).		O aluno:

<p>1º ano Leitura e Escrita</p> <p>2º ano Leitura e Escrita</p>	<p>Compreensão de texto: - Textos de características: narrativas, informativas, descritivas. Produção escrita: - Pequenos textos.</p> <p>Compreensão de texto - Textos de características: narrativas, informativas, descritivas; Produção de texto: - Redação e revisão de texto: concordância; tempos verbais; utilização de sinónimos e de pronomes; apresentação gráfica</p>	<p>realizou as tarefas e teve um comportamento péssimo.</p> <p style="text-align: center;">2ª FEIRA - 23 DE ABRIL</p> <p>Português 1º e 2º ano</p> <p>Aprendendo o texto informativo, a PE questionará os alunos: - “Conhecem algum texto informativo?”; - “O que será um texto informativo?”; - “Uma receita é um texto informativo? E uma ‘experiência’?”.</p> <p>Depois disto, a PE explicará que um texto informativo é aquele que apresenta um conjunto de informações acerca de um determinado assunto. Este tipo de texto está também dividido em três partes: introdução (em que é feita a apresentação do assunto), desenvolvimento (onde estão todas as informações acerca do assunto) e conclusão (onde está sempre destacada uma ideia acerca do assunto). Os alunos colarão no aderno toda esta informação.</p> <p>Posto isto, serão apresentadas várias imagens de animais no quadro, sendo pedido aos alunos do 2º ano que façam um texto descritivo sobre um dos animais, sem o referenciar. Os alunos do 1º ano devem elaborar frases sobre um animal, sem nunca dizerem de que animal se trata a descrição. No final, será pedido a cada aluno que leia o texto/frases que elaborou, tendo os restantes alunos de adivinhar qual é o animal em questão.</p>	<p>- Imagens de animais (Anexo 2).</p>	<p>9h-10h</p>	<p>- Elabora um texto descritivo / frases de um animal à escolha; - Adivinha qual o animal que os colegas descreveram.</p>
---	--	--	--	---------------	--

<p>1º e 2º ano</p> <p>Leitura e Escrita</p> <p>E.E.P.:</p> <p>Bloco 1: Descoberta e organização progressiva de volumes</p> <p>E. M.: Bloco 3: À descoberta do ambiente natural</p> <p>1º ano</p> <p>Brochura</p>	<p>Compreensão de texto</p> <ul style="list-style-type: none"> - Textos de características: narrativas, informativas, descritivas. <p>Modelagem e escultura:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Modelar usando apenas as mãos. <p>Os seres vivos do seu ambiente:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Animais selvagens; - Animais domésticos. 	<p>Intervalo</p> <p>Apoio ao Estudo</p> <p>1º e 2º ano</p> <p>Interligando o Português, o Estudo do Meio e as Expressões, será dado aos alunos um pequeno texto descritivo acerca de um animal, pedindo-lhes que o modelem em plasticina. Os animais serão etiquetados, com o seu nome e o nome do aluno que o realizou, de forma a se poder fazer a sua classificação. De seguida, estes animais serão separados em selvagens e domésticos.</p> <p>Almoço</p> <p>Matemática</p> <p>1º e 2º anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Texto descritivo de animais (Anexo 3); - Plasticina. 	<p>10h-10h30</p> <p>10h30-12h</p> <p>12h-14h</p> <p>14h-16h</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Modela em plasticina o animal descrito no texto; - Separar animais domésticos de selvagens.
---	---	--	--	---	--

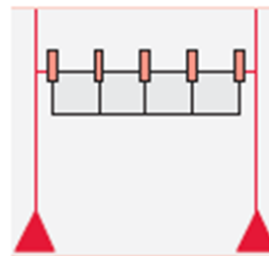
<p>“Álgebra no Ensino Básico”</p> <p>2º ano</p> <p>Números e Operações</p>	<p>Elaborar sequências de números segundo uma dada lei de formação e investigar regularidades em sequências e em tabelas de números.</p> <p>Sequências e regularidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Problemas envolvendo a determinação de termos de uma sequência dada a lei de formação e a determinação de uma lei de formação compatível com uma sequência parcialmente conhecida. 	<p>Introduzindo o módulo das Sequências e Regularidades, serão coladas no quadro várias sequências elaboradas com tampas de garrafas. A primeira sequência a apresentar será a mais simples, A-B-A-B. A PE questionará os alunos: “Quais os elementos que fazem parte do padrão que se repete?”; “Qual o padrão que se repete?”; “Qual será o elemento que vem antes do 1º termo?”; “E o que vem a seguir ao último?”. Depois a PE pedirá aos alunos que fechem os olhos e tapará o 2º elemento da sequência antes apresentada. Pedindo aos alunos que abram os olhos questionará: “Qual o elemento que está em falta?”</p> <p>Depois, a PE colocará no quadro mais sequências com tampas, pedindo aos alunos que identifiquem qual a sequência (A-B-A-B; A-B-B-A-B-B; A-B-A-B-B-A-B-B; A-B-C-A-B-C; A-B-A-C-A-B-A-C) e que no caderno as continuem, sendo depois também completadas por um aluno escolhido pela PE.</p> <p>De seguida, será feita uma sequência com imagens de animais coladas no quadro, fazendo o mesmo procedimento que o anterior exercício.</p> <p style="text-align: center;">3ª FEIRA - 24 DE ABRIL</p> <p>Português</p> <p>1º e 2º ano</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Tampas de garrafas de diferentes cores; - Imagens de animais. 	<p style="text-align: center;">9h-10h</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Identifica a sequência exposta no quadro com as tampas; - Continua as sequências.
<p>1º e 2º ano</p> <p>Leitura e Escrita</p>	<p>Compreensão de texto</p> <ul style="list-style-type: none"> - Textos de características: narrativas, informativas, descritivas. 	<p>Descrição dos colegas: dentro de um saco vão estar nomes de todos os alunos da turma. Cada aluno deve tirar um papel de dentro do saco, certificando-se que não é o seu nome. A PE pedirá aos alunos que façam</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Nomes dos alunos dentro de um saco; - Folhas brancas; 		<ul style="list-style-type: none"> - Descreve o aluno cujo nome lhe saiu no saco;

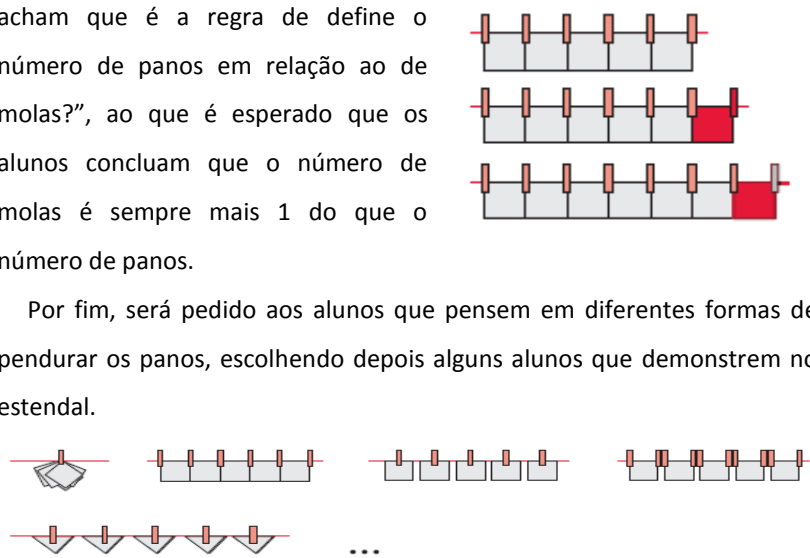
<p>1º ano</p> <p>Brochura “Álgebra no Ensino Básico”</p> <p>2º ano</p> <p>Números e Operações</p>	<p>Elaborar sequências de números segundo uma dada lei de formação e investigar regularidades em sequências e em tabelas de números.</p> <p>Sequências e regularidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Problemas envolvendo a determinação de termos de uma sequência dada a lei de formação e a 	<p>um texto descritivos (2º ano) e que elaborem frases (1º ano) do colega que lhe calhou, sem nunca ninguém revelar quem é. No final, a PE recolherá todas as descrições, distribuindo-as aleatoriamente pelos alunos. Um a um, terão de a ler em voz alta, tentando decifrar quem é o colega descrito.</p> <p>TPC:</p> <p>1º ano – Será dado aos alunos um texto informativo, pedindo-lhes que desenhem o que nele diz (Anexo 5).</p> <p>2º ano – Páginas 123, 124 e 125.</p> <p>Intervalo</p> <p>Matemática</p> <p>1º e 2º anos</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho relacionada com sequências e regularidades.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Manual escolar (Anexo 4); - Texto informativo (Anexo 5). <p>- Fichas de trabalho (Anexo 6).</p>	<p>10h-10h30</p> <p>10h30-12h</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Lê a descrição de um dos colegas e descobre de quem se trata. - Realiza a ficha de trabalho.
---	---	---	---	-----------------------------------	---

<p>Bloco 3: À Descoberta do Ambiente Natural</p>	<p>determinação de uma lei de formação compatível com uma sequência parcialmente conhecida.</p> <p>1º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Os seres vivos do seu ambiente: <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais; Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal (observar plantas e animais em diferentes fases da sua vida); Identificar cores, sons e cheiros da natureza (das plantas, do solo, do mar, dos cursos de água, dos animais, do vento...). <p>2º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Observar e identificar algumas plantas mais comuns existentes no ambiente próximo: <ul style="list-style-type: none"> Reconhecer diferentes ambientes 	<p>Almoço</p>		12h-14h	
		<p>Estudo do Meio</p> <p>1º e 2º ano</p> <p>Realização de uma saída de campo ao Rio Lima, integrada da TESE da PE, na qual os alunos terão de resolver vários desafios que serão propostos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Kit de Explorador (Anexo 7); Guias (Anexo 8); Folheto Informativo (Anexo 7). 	14h-16h	<ul style="list-style-type: none"> Explora o meio ambiente, reconhecendo diferentes animais e plantas; Identifica cores, cheiros e sons do meio ambiente.

	<p>onde vivem as plantas.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo: - Animais selvagens; - Animais domésticos; - Reconhecer diferentes ambientes onde se deslocam os animais (terra, água, ar). 	<p style="text-align: center;">4ª FEIRA - 25 DE ABRIL</p> <p>Feriado nacional</p> <p style="text-align: center;">5ª FEIRA - 26 DE ABRIL</p> <p>Visita aos Bombeiros municipais.</p> <p>Almoço</p> <p>Atletismo escolar.</p> <p>Música.</p> <p style="text-align: center;">6ª FEIRA - 27 DE ABRIL</p> <p>Português</p>		<p>9h-12h</p> <p>12h-14h</p> <p>14h-15h</p> <p>15h-16h</p> <p>9h-10h</p>	
--	--	--	--	--	--

<p>1º e 2º ano Leitura e Escrita</p>	<p>Compreensão de texto</p> <p>- Textos de características: narrativas, informativas, descritivas.</p>	<p>1º e 2º ano</p> <p>Correção dos trabalhos de casa.</p> <p>A PE apresentará vários textos informativos e várias imagens de animais. Depois de expor no quadro estes textos, será pedido aos alunos que façam corresponder o animal ao respetivo texto.</p> <p>Intervalo</p> <p>Matemática</p> <p>1º ano</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho relacionada com sequências.</p> <p>2º ano</p> <p>Realização da Ficha 31 do Caderno de Atividades.</p>	<p>- Manual escolar;</p> <p>- Imagens de animais (Anexo 9);</p> <p>- Textos informativos (Anexo 9).</p>	<p>10h-10h30</p> <p>10h30-12h</p>	<p>- Faz corresponder corretamente o animal à sua descrição.</p>
<p>1º ano Brochura “Álgebra no ensino básico”</p> <p>2º ano Números e Operações</p>	<p>Elaborar sequências de números segundo uma dada lei de formação e investigar regularidades em sequências e em tabelas de números.</p> <p>Sequências e regularidades:</p> <p>- Problemas envolvendo a determinação de termos de uma sequência dada a lei de formação e a determinação de uma lei de formação compatível com uma sequência</p>	<p>1º ano</p> <p>Realização de uma ficha de trabalho relacionada com sequências.</p> <p>2º ano</p> <p>Realização da Ficha 31 do Caderno de Atividades.</p> <p>A PE apresentará o problema “Os trabalhos da Catarina”, explicando que a Catarina vai pôr a secar panos pendurando-os, ordenadamente, como se mostra na figura em baixo. A PE questionará os alunos “Quanta molas serão necessários para pendurar 5</p>	<p>- Ficha de trabalho (Anexo 10);</p> <p>- Caderno de Atividades (Anexo 11);</p> <p>- Fio para estendal;</p> <p>- Molas de roupa;</p> <p>- Panos.</p>		<p>- Realiza a ficha de trabalho;</p> <p>- Realiza a ficha do Caderno de Atividades;</p> <p>- Descobre regularidades e padrões diferentes partindo da contagem de</p>



<p>Bloco 3: À</p>	<p>parcialmente conhecida.</p> <p>1º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> Os seres vivos do seu ambiente: 	<p>panos, usando o método do exemplo?"; "E 6 panos?"; "E 10 panos?"; "E 20 panos?". Fazendo estas questões, a PE escolherá um aluno para fazer a demonstração destas questões no estendal. De seguida, a PE questionará "E se fossem 30 panos? Quantas molas seriam necessárias? Como pensaram?".</p> <p>A PE perguntará ainda: "Então qual acham que é a regra de define o número de panos em relação ao de molas?", ao que é esperado que os alunos concluam que o número de molas é sempre mais 1 do que o número de panos.</p> <p>Por fim, será pedido aos alunos que pensem em diferentes formas de pendurar os panos, escolhendo depois alguns alunos que demonstrem no estendal.</p>  <p>Almoço</p> <p>Estudo do Meio</p> <p>Leitura do livro "Animais à Solta", de Maria João Lopo de Carvalho, que</p>	<p>- Livro "Animais à</p>	<p>12h-14h</p> <p>14h-15h</p>	<p>números;</p> <ul style="list-style-type: none"> Descobre diferentes estratégias para a resolução de uma situação problemática. Indica diferentes
--------------------------	---	--	---------------------------	-------------------------------	---

<p>Descoberta do Ambiente Natural</p>	<p>- Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal (observar plantas e animais em diferentes fases da sua vida);</p> <p>- Reconhecer diferentes habitats.</p> <p>2º ano</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo: <p>- Reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar).</p>	<p>fala dos diferentes habitats dos animais e do porquê de os animais da quinta, do jardim zoológico e dos domésticos não poderem trocar de habitat uns com os outros. A partir deste livro, a PE questionará: “Que habitats são referidos no livro?”; “Que habitats dos animais conhecem?”; “O que são habitats naturais? E artificiais? Dá exemplos.”; “Conheces algum habitat que esteja em risco de extinção?”.</p>	<p>solta”, de Maria João Lopo de Carvalho.</p>		<p>habitats dos animais;</p> <p>- Distingue os habitats de diferentes animais.</p>
<p>Bloco 3: À Descoberta do Ambiente Natural</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os seres vivos do seu ambiente: <p>- Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais;</p>	<p>Oferta Complementar</p> <p>Educação para a Cidadania: A PE terá uma conversa com os alunos acerca dos cuidados que devemos ter com animais. Depois, pedirá aos alunos que numa folha A4 dobrada a meio, de um lado desenhem um cuidado que devemos ter com os animais, e do outro uma ação incorreta com eles. Estes desenhos serão afixados na sala, fazendo um pequeno mural acerca dos cuidados com os animais.</p>	<p>- Folha brancas.</p>	<p>15h-16h</p>	<p>- Refere cuidados a ter com animais;</p> <p>- Desenha cuidados a ter com animais e ações incorretas com os mesmos.</p>

Anexo 3 – Autorizações dos EE

Autorização para fotografar e filmar

Declaro que autorizo as estagiárias da ESE (Escola Superior de Educação) a fotografar e a filmar o meu filho durante o tempo de atividades letivas. Os dados apenas serão utilizados para fins académicos, mantendo a privacidade das crianças.

Criança

Encarregado de Educação

Anexo 4 – Questionário Inicial

QUESTIONÁRIO 1

PARTE 1: A TUA OPINIÃO SOBRE O ESTUDO DO MEIO

1. Qual é a tua disciplina favorita?

- Matemática
- Estudo do Meio
- Português
- Expressões Artísticas
- Educação Físico Motora

2. Gostas de Estudo do Meio?

- Sim, muito
- Sim, mas pouco
- Não

3. No Estudo do Meio estudas:

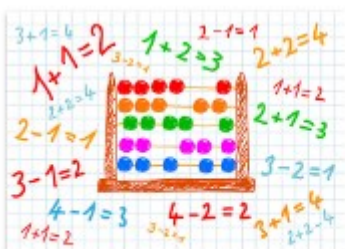
Opção 1



Opção 3



Opção 2



Opção 4



Opção 5



Opção 6



4. Para ti, o Estudo do Meio é...

- Divertido
- Aborrecido
- Fácil
- Difícil
- Útil no teu dia a dia

5. O que mais gostas de fazer nas aulas de Estudo do Meio?

- Fazer fichas do manual
- Ouvir uma história
- Fazer “experiências”
- Aprender fora da sala de aula

6. Podes aprender Estudo do Meio:

Na escola? Sim Não

Num campo agrícola? Sim Não

Na praia? Sim Não

No shopping? Sim Não

Na floresta? Sim Não

Nas margens de um rio? Sim Não

Numa gruta? Sim Não

Obrigada!

Jéssica Araújo

QUESTIONÁRIO 1

PARTE 2: À DESCOBERTA DO AMBIENTE NATURAL

1. Assinala com ✓ os seres vivos e com X os seres não vivos:

Opção 1



Opção 5



Opção 2



Opção 6



Opção 3



Opção 7



Opção 4



Opção 8



Opção 9



Opção 10



Opção 11



Opção 12



2. Escreve o nome de 5 seres vivos que podes encontrar perto da tua escola:

- ✓ _____
- ✓ _____
- ✓ _____
- ✓ _____
- ✓ _____

3. Gostavas de fazer uma saída de campo para conhecer os seres vivos do ambiente natural próximo da tua escola?

Sim

Não

Obrigada!

Jéssica Araújo

Anexo 5 – Questionário Final

QUESTIONÁRIO 2 - FINAL

PARTE 1: A TUA OPINIÃO SOBRE O ESTUDO DO MEIO

1. Qual é a tua disciplina favorita?

- Matemática
- Estudo do Meio
- Português
- Expressões Artísticas
- Educação Físico Motora

2. Gostas de Estudo do Meio?

- Sim, muito
- Sim, mas pouco
- Não

3. No Estudo do Meio estudas:

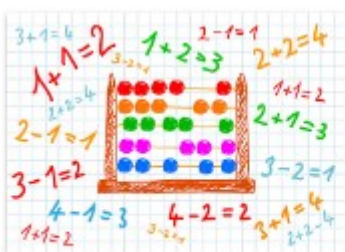
Opção 1



Opção 3



Opção 2



Opção 4



1. Assinala com "SV" os seres vivos e com "SN"

Opção 1



Opção 2



1. Assinala com "SV" os seres vivos e com "SNV" os seres não vivos:

Opção 6

Opção 1



Opção 2

4. Para ti, o Estudo do Meio é...

- Divertido
- Aborrecido
- Fácil
- Difícil
- Útil no teu dia a dia

5. O que mais gostas de fazer nas aulas de Estudo do Meio?

- Fazer fichas do manual
- Ouvir uma história
- Fazer "experiências"
- Aprender fora da sala de aula

6. Podes aprender Estudo do Meio:

Na escola? Sim Não

Num campo agrícola? Sim Não

Na praia? Sim Não

No shopping? Sim Não

Na floresta? Sim Não

Nas margens de um rio? Sim Não

Numa gruta? Sim Não

Obrigada!
Jéssica Araújo

QUESTIONÁRIO 2

PARTE 2: À DESCOBERTA DO AMBIENTE NATURAL

1. Assinala com ✓ os seres vivos e com ✗ os seres não vivos:

Opção 1



Opção 5



Opção 2



Opção 6



Opção 3



Opção 7



Opção 4



Opção 8



Opção 9



Opção 10



Opção 11



Opção 12



2. Qual a saída de campo que mais gostaste de realizar?

1ª – Os Ecossistemas

2ª – As Plantas

3ª – Os Animais

3. As saídas de campo que realizaste foram úteis para aprenderes Estudo do Meio?

Sim

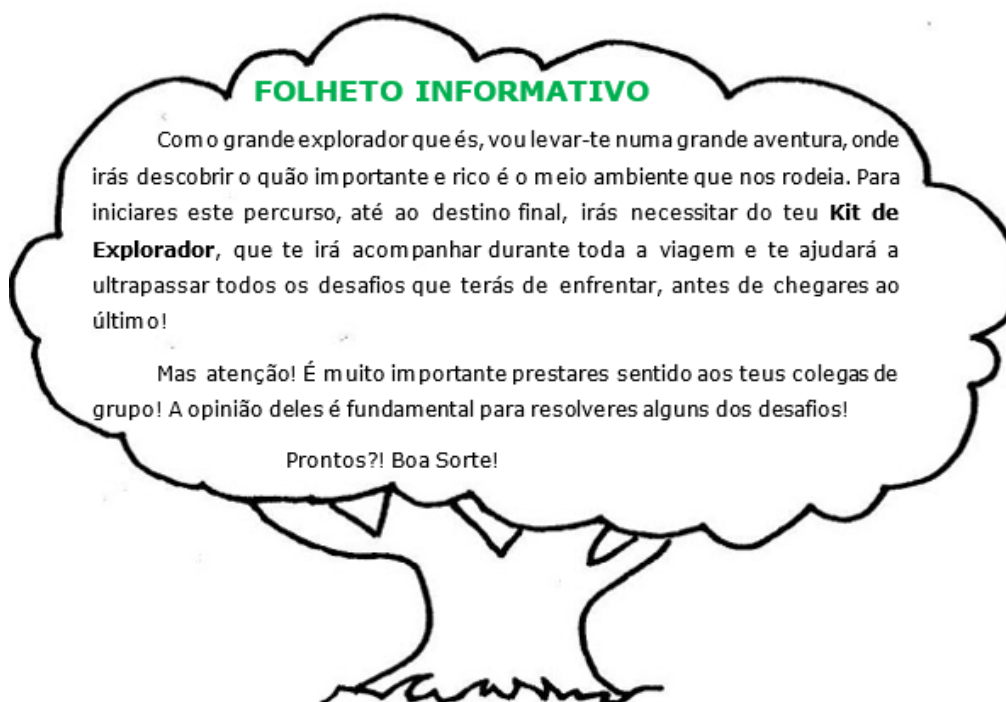
Não

Obrigada!
Jéssica Araújo

Anexo 6 – Focus Groups

1. Onde é possível estudar o meio?
2. Só é possível estudar o meio num espaço exterior?
3. Onde podemos estudar o meio num espaço interior?
4. Preferiam ficar na sala de aula a explorar os conteúdos, em vez de fazer as aulas de campo?
5. Qual a aula de campo que mais gostaram? Porquê? Qual a atividade que mais gostaram de realizar? E a que gostaram menos?
6. Qual a aula de campo que menos gostaram? Porquê?
7. Na 1ª saída de campo: quais foram os aspetos mais positivos? E os negativos?
8. Na 2ª saída de campo: quais foram os aspetos mais positivos? E os negativos?
9. Na 3ª saída de campo: quais foram os aspetos mais positivos? E os negativos?
10. O que foi mais fácil de realizar? E mais difícil?
11. Sentiram medo? E 'nojo'?
12. O que foi mais emocionante de realizar?
13. Na vossa opinião, as aulas de campo foram úteis para aprender mais sobre os seres vivos?
14. Na vossa opinião, quais os principais aspetos positivos de uma aula de campo?
E negativos?
15. Gostavam de fazer mais aulas de campo no futuro com os vossos professores?
16. Onde gostariam de fazer uma aula de campo no futuro?
17. Enquanto turma, em que vos ajudaram as aulas de campo?
18. O que aprenderam mais ao longo destas aulas de campo?
19. Gostaram de trabalhar em grupo, ou preferem trabalhar individualmente?

Anexo 7 – “Kit de Explorador” e Folheto Informativo (Saídas de Campo)




Anexo 8 – Guião saída de campo nº1: Os Ecossistemas

Saída de Campo nº1
10 de abril de 2018



Os Ecossistemas

Nome dos exploradores:



Desafio nº1

Responde à adivinha, e descobre onde é a saída de campo!

Ourense, em Espanha, me vê nascer,
Ponte da Barca e de Lima me vêm passar,
Percorro 135 km sempre a correr,
No Oceano Atlântico vou desaguar.

Quem sou eu?





Desafio nº2

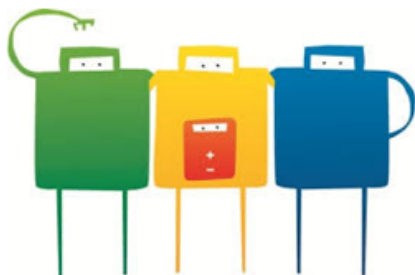
Ao longo do percurso, identifica com as etiquetas “coisas” que consideres que pertencem ao Estudo do Meio. Em baixo, escreve o nome do que identificaste.

Fotografa todas as etiquetas que colocares!



Desafio nº3

Como bom cidadão que és, deves manter o meio ambiente limpo e saudável. Para tal, utiliza o material do teu kit (luvas e saco do lixo) para apanhares todo o lixo que encontrares. Ao chegares à escola, coloca o lixo no respetivo ecoponto.



Desafio nº4

Cores

Colhe pétalas de flores de várias cores e coloca-as dentro do saco de recolha que está no teu kit. Em baixo, escreve as cores das pétalas de flores que encontraste.

Desafio nº5

Vamos jogar ao jogo "A importância da floresta"!

Agora que o jogo terminou, explica porque é que a floresta é tão importante.

Desafio nº6

Vamos jogar ao jogo "Seres vivos e seres não vivos"!



Desafio nº7

Cheiros

Senta-te no chão e observa o meio ambiente em teu redor. Agora fecha os olhos e concentra-te. Que cheiros consegues identificar?



Desafio nº8

Sons

Identifica agora os sons que ouves ao teu redor. Classifica-os em:

Sons naturais:

Sons Humanizados:

Muito bem! A tua aventura chegou ao fim. Espero que tenhas gostado! Mantém esse teu espírito de aventura e conseguirás ultrapassar sempre todos os desafios!

Até breve!



Anexo 9 – Guião saída de campo nº2: As Plantas

Saída de Campo nº2

8 de maio de 2018

As Plantas

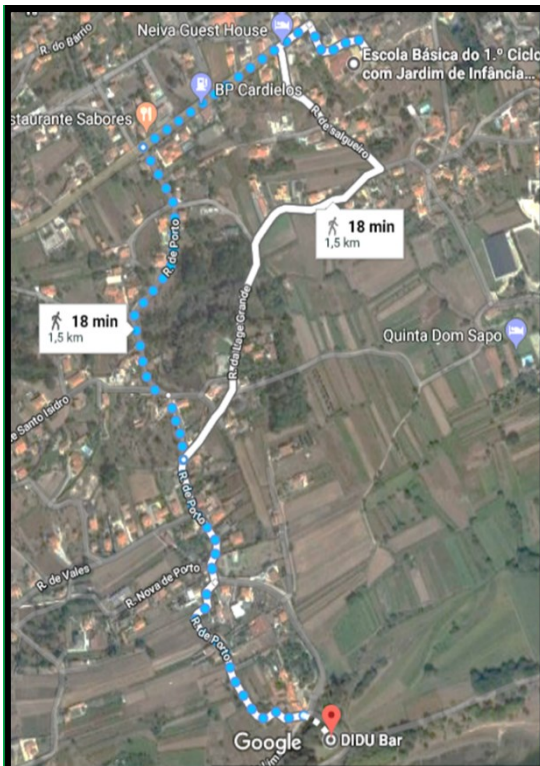
Nome dos exploradores:

Desafio nº1



Responde à adivinha, e descobre onde é a saída de campo!

De mim estão sempre a falar,
O Rio Lima daqui posso avistar,
No verão gostam de cá estar,
Comer um gelado e sol apanhar.



Desafio nº2



No teu kit tens três molduras identificadas como “Árvore”, “Arbusto” e “Herbáceo”. Tira fotografias com o telemóvel e em baixo escreve o nome do que fotografaste.

Desafio nº3



Folhas – nervação

Identifica e recolhe folhas com diferentes tipos de nervação e coloca-as no saco identificado com o nome “folhas”.

Uninérvea



Paralelinérvea



Peninérvea



Palminérvea



Desafio nº4



Flores e Inflorescências

Procura e guarda no teu saco “Flores”, flores solitárias e flores organizadas em diferentes tipos de inflorescência.

Espiga



Umbela



Espádice



Capítulo



Solitária



Umbela composta



Desafio nº5



Raiz

Recolhe para o teu saco de recolhas com o nome “Raiz”, um exemplo de uma raiz aprumada e uma raiz fasciculada.

Aprumada



Fasciculada

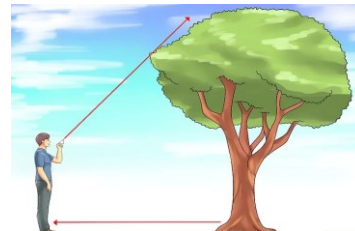


Desafio nº6



Caule

Com o instrumento fornecido e uma fita métrica, calcula qual será a altura de uma árvore. Para calcular, procura a distância na qual a árvore tem exatamente o mesmo tamanho do que o instrumento. Marcar o sítio e mede a distância até à árvore com a fita métrica. Essa é a altura da árvore. Aponta-a.



Desafio nº7

Vamos plantar a nossa
árvore da amizade!

Desafio nº8

Agora que já completaste todas as tarefas, está na hora de deixar o ambiente limpo e saudável. Utiliza o material do teu kit (luvas e saco do lixo) para apanhares todo o lixo que encontrares. Ao chegares à escola, separa-o e coloca-o no respetivo ecoponto.



Parabéns! Conseguieste completar todos os desafios! Tens realmente um grande espírito de aventura! Espero que tenhas gostado! Vemo-nos em breve!



Anexo 10 – Guião saída de campo nº3: Os Animais

Saída de Campo nº3

22 de maio de 2018

Animais



Nome dos exploradores:



Desafio nº1

Responde à adivinha, e descobre onde é a saída de campo!

A última saída vamos ter,
Para os animais estudar,
O local vocês devem conhecer,
Já não é a primeira vez que vamos lá estar.



Desafio nº2

Vamos jogar ao jogo
“A importância das árvores
para os animais”!

15 Árvores

8 Animais

Em cada árvore só pode estar um animal. Ao passarem entre as árvores, os animais não podem respirar, ou seja, apenas o podem fazer quando estiverem junto das árvores. Ao longo do jogo vão surgindo acontecimento (incêndios, acidentes...) que vão causando o desaparecimento das árvores. No final, não haverá árvores, fazendo com que os animais não sobrevivam, pois não existem árvores para realizarem a fotossíntese.

Desafio nº3

Vamos jogar ao jogo:
“Seres vivos e seres não vivos”!

No chão vão estar várias etiquetas relacionadas com os seres vivos e os seres não vivos. A PE dirá um nome, tendo os alunos de se colocar em frente à etiqueta que considerarem correta.



Desafio nº4

Quantos animais consegues encontrar em 5 minutos? Tenta escrever o nome deles.

Desafio nº5

Vamos jogar ao jogo:

“Carnívoros e Herbívoros”!

De acordo com os animais que os alunos escolheram, serão divididos em dois grupos: o dos carnívoros e o dos herbívoros, que usarão um lenço no braço. Os carnívoros devem correr para apanhar os herbívoros, que se podem salvar tocando numa árvore, mas cada árvore apenas pode ter um herbívoro, e só pode ficar nela durante 10 segundos. O jogo termina quando todos os herbívoros forem apanhados.



Desafio nº6

Vamos jogar ao jogo:

“A Toupeira”!

Da turma será escolhido um aluno para ser a toupeira, que estará de olhos vendados. Os alunos farão uma roda, e a toupeira deve dirigir-se aos alunos. Quando tocar num aluno, este deve imitar o som do seu animal, ao qual a toupeira deve adivinhar qual é, e quem é o seu colega que está a imitar o som. Este aluno passa a ser a toupeira.

Desafio nº7

Tenta encontrar um animal aéreo.

Utiliza os binóculos para veres melhor e fotografa o animal. Como ajuda para saberes o nome do animal, utiliza o livro de pássaros.

Parabéns! Mostras-te que és um verdadeiro explorador! Espero que tenhas gostado de todas as aventuras pelas quais passámos! Obrigada pela tua ajuda!



